



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução**

**Trabalho Projeto**

**Bilinguismo: vantagens e mais-valias para a tradução interlingue. A reescrita de alguns capítulos de *Mocidade Portuguesa Feminina* de Irene Flunser Pimentel.**

Susana Maria Roque

**Orientador:**

Prof. Doutor Fernando dos Santos Gomes

**Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução**

**Trabalho Projeto**

**Bilinguismo: vantagens e mais-valias para a tradução interlingue. A reescrita de alguns capítulos de *Mocidade Portuguesa Feminina* de Irene Flunser Pimentel.**

Susana Maria Roque

**Orientador:**

Prof. Doutor Fernando dos Santos Gomes



# Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Résumé.....	iv
<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>1. Enquadramento histórico-cultural.....</b>	<b>3</b>
1.1. O Estado Novo.....	3
1.2. Mocidade Portuguesa Feminina.....	6
1.3. Da leitura à entrevista com Irene Flunser Pimentel.....	12
<b>2. Algumas reflexões sobre a Teoria da Tradução.....</b>	<b>16</b>
2.1. Conceito de tradução e respetiva Teoria da Tradução.....	16
2.2. Reescrita e Escola da Manipulação.....	20
2.3. Cultura e Tradução: o papel do tradutor enquanto mediador cultural.....	24
<b>3. Tradução e Bilinguismo, mais-valias para a tradução?.....</b>	<b>28</b>
3.1. Bilinguismo.....	28
3.2. Definições e grau de Bilinguismo.....	29
3.3. Bilinguismo e biculturalidade: vantagens e inconvenientes.....	33
<b>4. Tradução dos capítulos, análise das dificuldades e soluções adotadas.....</b>	<b>39</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>149</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>152</b>
<b>Webgrafia.....</b>	<b>154</b>
<b>Anexo I.....</b>	<b>155</b>
<b>Anexo II.....</b>	<b>160</b>

## **Agradecimentos**

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a contribuição e apoio de várias pessoas que ao longo do mestrado estiveram sempre presentes. Neste sentido, gostaria de agradecer ao Prof. Doutor Fernando Gomes, pela forma como orientou o meu trabalho, pela sua disponibilidade e paciência ao longo destes meses. A sua orientação foi sem dúvida imprescindível para levar a bom porto este projeto.

Gostaria igualmente de agradecer à Prof. Doutora Ana Clara Birrento e à Prof. Doutora Olga Gonçalves pelo seu contributo e ajuda proporcionados durante todo o mestrado.

Agradeço ainda à Dra. Irene Flunser Pimentel, que me permitiu, através de todo o seu conhecimento, entender e solucionar algumas questões decorrentes deste trabalho.

Por fim, mas não por último, gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos a toda a minha família, especialmente à minha mãe, que sempre me acompanhou nos bons e maus momentos, aos meus amigos, com destaque especial para a Alexandra, que me motivou quando mais precisava.

A todos agradeço mais uma vez a disponibilidade, ajuda, compreensão, motivação e amizade.

## **Resumo**

*Bilinguismo: vantagens e mais-valias para a tradução interlíngua. A reescrita de alguns capítulos de Mocidade Portuguesa Feminina de Irene Flunser Pimentel* é um Trabalho Projeto que pretende, através da elaboração da tradução para a língua francesa, evidenciar algumas vantagens e inconvenientes de ser bilingue para o desempenho do tradutor. Com este intuito efetua-se, em primeiro lugar, um enquadramento histórico-cultural da obra, de forma a entender as particularidades dos excertos escolhidos. De seguida, procede-se a algumas reflexões sobre a tradução e respetiva teoria, destacando o processo de reescrita e a Escola da Manipulação. Num terceiro tempo, aborda-se o tema do bilinguismo, procedendo-se à sua definição e problematização relacionada com a tradução. Por fim, apresenta-se a reescrita de alguns capítulos da obra em questão, incluindo as dificuldades e possíveis soluções encontradas.

Palavras-chave: Tradução, reescrita, bilinguismo.

## **Abstract**

*Bilingualism: advantages and gains to the interlingual translation. The rewriting of a few chapters of Mocidade Portuguesa Feminina by Irene Flunser Pimentel* is a work that intends through the elaboration of the translation in the French language, to stress some advantages and disadvantages of being bilingual in the translator's work as a bilingual person. So, we first present an historical and cultural context of the literary work in order to understand the particularities of the chosen extracts. Then, we make some considerations about the translation and respective theory, pointing out the rewriting process and the Manipulation School. In a third moment, we broach the bilingualism theme proceeding to its definition and questioning related to the translation. Finally, the respective rewriting is presented, as object of this work, including the difficulties and possible solutions found.

Key words: Translation, rewriting, bilingualism

## Résumé

*Bilinguisme: les avantages et les gains pour la traduction interlingue. La réécriture de quelques chapitres de Mocidade Portuguesa Feminina de Irene Flunser Pimentel* est un travail de projet qui cherche, à travers l'élaboration de la traduction vers la langue française, à exposer quelques avantages et inconvénients du bilinguisme dans la profession du traducteur. Ainsi, on présente d'abord un encadrement historique et culturel de l'œuvre, afin de comprendre les particularités des extraits choisis. Ensuite, on élabore quelques réflexions au sujet de la traduction et de sa respective théorie, soulignant le processus de réécriture et l'Ecole de la Manipulation. Dans un troisième temps, on aborde le thème du bilinguisme, procédant à sa définition et exposant la problématique en rapport avec la traduction. Finalement, on présente la respective réécriture en tant qu'objet de ce travail, incluant les difficultés et possibles solutions trouvées.

Mots-clés : Traduction, réécriture, bilinguisme.



## Introdução

A tradução é uma área multidisciplinar complexa, que permite não só a comunicação mas também a transmissão e conhecimento de elementos da cultura de uma outra sociedade. O tradutor desempenha assim um papel importante, na medida em que este é o elo de ligação, o sujeito que permite a comunicação e transposição desses elementos culturais, assim como a possibilidade de conhecer novas realidades linguísticas e literárias de uma língua de partida para uma língua de chegada. A tarefa do tradutor é uma tarefa que pode ser considerada por muitos fácil, no entanto não implica apenas o conhecimento da língua e como poderemos verificar ao longo do presente trabalho, não prescinde de várias ferramentas necessárias para a atividade da tradução.

Inserindo-se nesta perspetiva, este Trabalho Projeto propõe elaborar a tradução ou reescrita para francês de alguns capítulos da obra *Mocidade Portuguesa Feminina*, de Irene Flunser Pimentel. A escolha da obra e dos capítulos foi efetuada ao longo do percurso académico, considerando os elementos necessários, isto é, culturais e linguísticos que achamos pertinentes no âmbito do trabalho de tradução.

Tendo em conta o volume da obra, optamos por traduzir apenas o texto elaborado pela autora e os capítulos apresentados foram selecionados de acordo com a caracterização do papel da mulher na época da Mocidade Portuguesa Feminina e do Estado Novo.

Todo o trabalho de tradução requer uma preparação prévia. Assim, em primeiro lugar, efetuar-se-á a contextualização histórico-cultural de forma a destacar todas as particularidades deste período, para de seguida, se proceder a uma leitura atenta da obra e a uma entrevista à autora da mesma. Nesta primeira fase, realçar-se-á igualmente o papel de tradutor enquanto leitor e intérprete da obra da língua e cultura de partida, onde

a sua compreensão poderá ser um elemento fundamental para o resultado da língua e cultura de chegada.

Em segundo lugar, serão debatidas algumas das principais reflexões acerca da tradução e das suas respetivas teorias, das quais podemos destacar, no âmbito do Trabalho Projeto, o conceito de reescrita e a Escola da Manipulação opondo-se à questão da fidelidade do tradutor, não esquecendo também o papel do tradutor enquanto mediador cultural.

Num terceiro tempo, será abordado o tema de bilinguismo relacionado com a tradução. Numa primeira abordagem, apesar de não haver um consenso em torno do conceito, tentar-se-á fornecer a definição mais completa possível do bilinguismo para depois se apresentar algumas vantagens e alguns inconvenientes decorrentes do mesmo para o desempenho do tradutor.

Por fim, apresentar-se-á o objeto deste trabalho, que corresponde à reescrita interlíngua, isto é, à reescrita de alguns capítulos da obra *Mocidade Portuguesa Feminina*, reescrita acompanhada da exposição de algumas questões e dificuldades encontradas na tradução e respetiva solução adotada.

## **1. Enquadramento histórico-cultural.**

A contextualização, fator essencial no ato tradutório segundo, entre outros, Eugene A. Nida em *Contexts in Translating*, permitirá destacar as particularidades socioculturais da época em que se insere a obra, *Mocidade Portuguesa Feminina*, de Irene Flunser Pimentel, particularidades imprescindíveis para a compreensão e de grande utilidade para a tarefa e desempenho do tradutor. Assim, em primeiro lugar, importa relembrar os principais traços histórico-culturais de um período amiúde considerado muito conturbado de Portugal para de seguida, se expor alguns aspetos do movimento da Mocidade Portuguesa Feminina, tema dos textos seleccionados, na época salazarista, isto é, o período do Estado Novo

### **1.1. O Estado Novo**

Após o golpe de estado de 28 de maio de 1926 promovido pelos militares que põe fim à Primeira República, instala-se uma ditadura militar que se mantém até 1932. Neste período, desentendimentos entre militares provocam uma sucessiva mudança de chefes de Executivo e à instabilidade política somam-se atos violentos levados a cabo pela oposição monárquica assim como pelos grupos rivais republicanos. A partir daí, António de Oliveira Salazar, professor de Economia da Universidade de Coimbra, vai ganhando hegemonia no seio desse regime (Pimentel, 2012 : Anexo I, p.155), sobretudo em 1928, ano em que é nomeado Ministro das Finanças. Salazar aceita esse cargo, mas com a condição de poder supervisionar os orçamentos de todos os ministérios e ter direito de veto sobre os respetivos aumentos de despesas. Impondo uma forte austeridade e um rigoroso controlo de contas, principalmente aumentando os impostos e reduzindo as despesas públicas, pela primeira vez em quinze anos, Portugal apresenta

um saldo positivo no orçamento. Este sucesso financeiro, reconhecido por muitos como um milagre, confere-lhe prestígio e possibilita a sua intervenção noutros campos como o de ação política e militar.

Em 1930, Salazar cria a União Nacional, uma espécie de frente nacional, constituída para apoiar a elaboração e a manutenção do novo regime político. A União Nacional e a sua sucessora, a Ação Nacional Popular são, na altura, um meio de centralização e de ligação ao executivo, impedindo assim a oposição política.



António de Oliveira Salazar  
O Obreiro da Pátria, 1963  
(Google Imagens)

Em 1932, António de Oliveira Salazar é convidado para ser Presidente do Conselho de Ministros, chefe do governo. Não só vai ser chefe do governo como vai instituir um novo regime baseado numa nova constituição em 1933 em que se atribui grandes poderes ao presidente do Conselho de Ministros, se subalterniza o poder legislativo, retirando poderes à Assembleia e se justifica o intervencionismo do Estado como um direito e uma obrigação.

Em suma, as revisões e alterações à constituição são elaboradas de forma a servir os interesses de Salazar no poder.

Em traços gerais, o Estado Novo foi um regime que vigorou em Portugal sem interrupção, embora com alterações de forma e conteúdo durante 41 anos, desde 1933 até 1974, sob a direção de António de Oliveira Salazar. Era considerado semelhante em alguns aspetos e, no entanto diferente, aos regimes instituídos por Benito Mussolini na Itália e por Adolf Hitler na Alemanha. Este regime político era caracterizado pelo culto

do Chefe, um chefe paternal mas austero, eremita “casado com a Nação” (Infopédia, 2012), sem as poses extravagantes e militaristas dos seus homólogos Franco, Mussolini ou Hitler. A sua ideologia mantinha uma componente religiosa, associando-se o regime à Igreja Católica através de uma Concordata que lhe concedia vastos privilégios, muito diferentes do paganismo hitleriano. O Estado Novo era igualmente caracterizado por uma aversão ao liberalismo político, apesar da existência de uma Assembleia Nacional e de uma Câmara Corporativa com alguma liberdade de palavra, mas representando apenas os setores apoiantes do regime, organizados na União Nacional enunciada anteriormente. O regime apoiava-se na propaganda e censura, que estava permanentemente presente em publicações periódicas, emissões de rádio e televisão, de forma a velar pela pureza doutrinária das ideias expostas, pela defesa da moral, dos bons costumes e o seu aparelho repressivo, sendo a PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), polícia política, omnipresente e detentora de grande poder. No entanto, ao contrário das suas congéneres italiana e especialmente alemã, não era responsável por crimes de massas.

Desde organizações militares (Legião Portuguesa) a organizações juvenis (Mocidade Portuguesa e Mocidade Portuguesa Feminina), a ideologia do regime estava presente em todo o movimento individual ou coletivo. O Estado Novo era um regime autoritário, conservador, nacionalista, corporativista, Estado de inspiração fascista, parcialmente católico e tradicionalista, de cariz antiliberal, antiparlamentarista, anticomunista, e colonialista. Os seus dois principais lemas eram: “Tudo pela Nação, nada contra a Nação” e “Deus, Pátria, Família”.



**A lição de Salazar – Deus, Pátria, Família**  
**A trilogia da Educação Nacional, 1938 (Google imagens)**

Em 1974, mais concretamente no dia 25 de Abril, um golpe dos militares do Movimento das Forças Armadas (MFA) dita o fim da ditadura, contando com a presença de uma população cansada da repressão, da censura e da situação económica. Esta revolução considerada não sangrenta e pacífica ficou conhecida como a Revolução dos Cravos.

No âmbito dos temas abordados nos textos seleccionados, é indispensável debruçarmo-nos um pouco mais sobre um dos principais movimentos juvenis do regime, isto é, a Mocidade Portuguesa Feminina.

## **1.2. Mocidade Portuguesa Feminina**

Raparigas da Mocidade, o vosso dever é reagir contra tudo o que é mau. Vesti com orgulho o fato de banho da Mocidade: ele fala por vós e diz aos que vos vêem quem vós sois: verdadeiras raparigas alegres e saudáveis – mas puras!

*(Boletim da MPF, 1940, apud Pimentel, 2008 : 179)*

A primeira tentativa de organizar e enquadrar a juventude para a colocar ao serviço do Estado Novo surge nos anos trinta, através de Gustavo Cordeiro Ramos, ministro da Instrução Pública da época, que propõe a Salazar a formação de uma Liga Nacional da Mocidade Portuguesa. O seu principal objetivo era fortalecer o amor pela pátria, as tradições, os princípios da família, da autoridade, da hierarquia, da ordem e da propriedade entre os jovens dos oito aos vinte e um anos, recrutados numa base voluntária nas escolas e associações juvenis. As raparigas só tinham lugar nessa organização enquanto auxiliares e beneméritas. Esta primeira tentativa de organizar os jovens fixou-se num curto espaço de tempo em 1934, no entanto só incluía alguns núcleos sem expressão e sem autonomia para a mocidade feminina (Pimentel, 1998 : 161). Em 1936, António Carneiro Pacheco toma posse da pasta da Instrução Pública e apresenta a proposta de lei nº 1941, que anuncia a próxima criação da Organização Nacional Mocidade Portuguesa (ONMP-MP), para estimular o desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação do carácter e a devoção à Pátria entre os jovens (Pimentel, 1998 : 162). Mais uma vez, a inclusão de raparigas na Mocidade não era mencionada. Foi apenas em fevereiro do mesmo ano que se noticiou a criação da organização estatal de mulheres – Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN) e em julho foi atribuída à MP (Mocidade Portuguesa) a parte feminina.

Em 1937, no dia 8 de dezembro, nasce a Mocidade Portuguesa Feminina (MPF), uma organização estatal de enquadramento obrigatório das jovens dos sete aos dezassete anos e das que frequentavam o 1º ciclo dos liceus, exceto nas instituições militares (Decreto-Lei nº 28 262). Esta organização pretendia formar uma nova mulher a partir de uma educação moral, cívica, física e social, onde as jovens tinham como missão ser boas esposas e mães (Pimentel, 2008 : 13). Estas eram o produto de uma ideologia que as enaltecia, garantindo assim a estabilidade moral da família.

A MPF é criada pelo Governo, para formar ideologicamente e moralmente as raparigas portuguesas e por outro lado, definir a sua integração no espaço tradicionalmente feminino e não no da juventude, ao contrário do processo das organizações femininas vizinhas, como a espanhola, a italiana e a alemã. Pois a MPF enquadrava separadamente as jovens e atuou entre elas de forma independente, com um programa autónomo e uma direção própria.

Praticamente um ano após a sua criação, em fevereiro de 1938, a Mocidade Portuguesa Feminina já tinha definido as suas atividades, desenhado o uniforme e emblema e criado cursos de formação de educação física e de economia doméstica, sendo Maria Guardiola a sua principal comissária nacional de 1937 a 1968 que encabeçou a direção da MPF e influenciou definitivamente a organização. Foi uma das três primeiras deputadas portuguesas e, como figura da elite portuguesa, uma acérrima defensora, no espectro feminino, do Estado Novo e da sua ideologia nacionalista e católica. Segundo ela, a mulher nascia para a missão confiada ao sexo feminino à qual não podia fugir, mesmo que arrastada para qualquer outra atividade. Para Maria Guardiola, tanto servia a Pátria o soldado ou o homem da ciência, como a mulher que, na sociedade ou no lar, pela sua superioridade moral e cultural, lhe conferia honra e prestígio. Mas, mais ainda que na sociedade, era no meio da família que ela podia exercer o trabalho de “edificação social” (Pimentel, 1998 : 168).

As filiadas organizavam-se de acordo com quatro escalões: lusitas (dos sete aos dez anos); infantas (dos dez aos catorze anos); vanguardistas (dos catorze aos dezassete) e finalmente lusas (a partir dos dezassete anos).





***Boletim da MPF, nº21 janeiro 1941 (Pimentel, 2008 : 28)***

A educação moral era uma educação cristã e tradicional, em cooperação com a família e os agentes de ensino, enquanto a educação cívica inspirava-se nas grandes tradições nacionais, de forma a definir em cada uma das filiadas a consciência do dever e da responsabilidade da mulher portuguesa na continuidade da Nação. A educação física, imprescindível igualmente, tinha como objetivo o fortalecimento racional, a correção, a defesa do organismo e a disciplina. Esta era desempenhada mediante atividades selecionadas e adequadas ao sexo e à idade. Por fim, a educação social tentaria sobretudo inculcar às filiadas o gosto pela vida doméstica. Todas estas atividades pretendiam o desenvolvimento da consciência social e do espírito de caridade das filiadas que assim aprenderiam a conhecer os meios pobres e a contribuir para o bem-estar e alegria dos mais desfavorecidos.

Consoante os ciclos, eram lecionadas aulas de enfermagem, economia doméstica, culinária, puericultura e a educação física tinha igualmente um lugar importante, pois destinava-se a facultar um espírito de ordem, de unidade e de camaradagem.

Qualquer atividade ou lazer era controlado pela MPF, como por exemplo os

filmes e os livros que poderiam conter influências estrangeiras consideradas perigosas e nefastas. A própria relação com a família e as relações com o sexo oposto eram igualmente vigiadas, sendo que a MPF era contra os conflitos de geração, defendendo a segregação entre os espaços femininos e masculinos.

Para além de todas estas atividades, a MPF criou ainda o *Boletim da MPF* e mais tarde a revista *Menina & Moça*, dois grandes veículos de transmissão de valores e comportamentos, que serviam para inculcar a ideologia nacionalista e cristã junto das jovens portuguesas (Pimentel, 2008 : 51). Entre 1939 e 1963, foram criados vários campos de férias, instrumento que servia de escudo para manter a influência da MPF nos três meses de verão em que as filiadas escapavam ao seu controlo e eram influenciadas pela respetiva família e amigos.

A Mocidade Portuguesa Feminina foi criada enquanto organização porque a Escola era insuficiente para fornecer a consciência e unidade nacionais. Fez da educação das raparigas, a sua principal função, abrangendo o meio escolar, onde enquadrou, através da filiação obrigatória, as alunas e recrutou as suas dirigentes entre as professoras.

O Estado Novo atribuía um lugar e um papel específicos à mulher, diferente consoante a classe a que pertencia no seio da família e da sociedade. Embora a capacidade da mulher não fosse inferior à do homem, a sua cultura deveria ser acompanhada de uma “verdadeira formação moral”, capaz de lhe conferir “uma superioridade na educação dos filhos”, habilitando-a igualmente para a ação social à sua volta (Pimentel, 1998 : 164).

Supostamente, a organização propunha enquadrar toda a juventude feminina, independentemente da classe a que pertencia. Contudo, a organização dirigiu-se essencialmente às raparigas das classes média e alta, verificando-se sobretudo a

tentativa de formar uma elite feminina, para se aliar à elite masculina do Estado Novo e criar assim uma “nova mulher” que combatesse os inimigos tais como o egoísmo, o materialismo e por fim o feminismo. Pretendia-se criar uma mulher “disciplinada, forte, viril mas sem ser masculina, com espírito profundamente cristão e nacional, orientadas para o lar, a família e a sociedade” (Pimentel, 2008 : 51). O papel da mulher para António de Oliveira Salazar era claro: “Deixemos o homem a lutar com a vida no exterior, na rua...E a mulher a defendê-la, a trazê-la nos seus braços, no interior da casa...” (Salazar, *apud* Pimentel, 2008 : 63). Este era o seu lugar na nação, lugar que raramente passava pelo exercício de uma profissão ou pela atividade política.

Segundo Irene Pimentel, os únicos campos públicos de atuação reservados pelo Estado Novo às mulheres, que não se limitavam a ser mães, esposas e irmãs eram o da assistência pública e o da educação. Eram, de facto, estas funções as únicas que podiam transcender o espaço privado da vida familiar.

Apesar da sua estrutura dirigente restrita, a Mocidade Portuguesa Feminina possibilitou, no seu seio, uma certa mobilidade social e a participação de filiadas mais desfavorecidas a desportos elitistas como o caso da equitação (Pimentel, 2008 : 163).



A formação de uma nova mulher, delineada de acordo com o regime salazarista chegou ao fim em 1974, com o golpe militar que derrubou o regime ditatorial e com o Decreto-Lei nº 171/74 que ditou o fim da Mocidade Portuguesa Feminina.

***Boletim da MPF, nº4 Agosto 1939***  
**(Pimentel, 2008 : 62)**

### **1.3 Da leitura à entrevista com Irene Flunser Pimentel.**

A contextualização de uma obra ou melhor de um texto é, como já referimos, fundamental e permite uma aproximação e familiarização com o mesmo. A falta de contextualização é responsável por muitos erros na compreensão e reprodução do significado de um discurso (Bassnett, 2002 : 29). O contexto tem de ser entendido como uma influência de todas as estruturas, quer a nível fonológico, lexical, gramatical e neste caso particular, o histórico. Uma simples e mesma palavra pode ter vários significados, dependendo do contexto em que está integrada. A falta da sua contextualização e respetiva compreensão pode induzir em erro o leitor e como consequência o tradutor. Com o intuito de elaborar uma tradução, torna-se importante efetuar uma leitura interpretativa prévia, onde poderemos detetar as principais características do texto original e verificar a existência ou não de elementos que possam ter duplo significado ou até a presença de ambiguidade. Apesar deste texto não ser propriamente um texto literário, a minuciosidade não deve ser descurada e uma leitura atenta da obra pode influenciar o resultado final de forma positiva.

Tal como afirma Barnstone (1993 : 21) o ato de ler envolve uma tradução interpretativa da mesma maneira que a tradução envolve uma leitura interpretativa. Por outras palavras, traduzir é ler e interpretar. Antes de desempenhar o seu papel, o tradutor é um leitor, que interpreta, através de códigos e símbolos disponibilizados, o texto, aquilo que o autor tenciona transmitir, a intenção e o significado deste. Segundo Rosemary Arrojo, o foco interpretativo é transferido do texto, como recetáculo da intenção “original” do autor, para o intérprete, o leitor ou o tradutor. Isto não significa absolutamente que devemos ignorar ou desconsiderar o que sabemos a respeito de um autor e do seu universo quando lemos ou traduzimos um texto. Significa que, mesmo se tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado

autor, o que somente podemos atingir na nossa leitura ou tradução é expressar a nossa percepção desse autor e das suas intenções (Arrojo, 1986 : 41).

A leitura permite a transmissão e a aquisição de informações valiosas. Permite ainda estabelecer uma ligação mais íntima, uma espécie de diálogo com o leitor. O processo de leitura implica várias fases, sendo a primeira de descodificação, passando pela interpretação e finalmente a de aplicação, neste caso a tradução. Através da leitura interpretativa, o leitor-tradutor procura em primeira instância entender o que o autor afirma, quais os dados e informações fornecidos, efetuar a análise textual, verificando como este é estruturado e organizado (LUZ, 2008). Assim, o leitor-tradutor acaba por ser um coautor, pois reelabora o texto, ou seja, reescreve o mundo, de maneira a integrar o conteúdo, compreender as ideias expressas e a intencionalidade subjacente ao texto.

A nossa interpretação, enquanto leitores-tradutores, permite reproduzir o conteúdo de um texto para depois o reescrever noutra língua. Enquanto leitor, é nas suas mãos que se opera a receção da obra sendo a leitura parte integrante da função do tradutor. Um bom tradutor é um bom leitor, atento a todos os pormenores implícitos ou explícitos. A tradução insere-se num ato comunicativo complexo onde interagem o autor da língua de partida, o leitor-tradutor, o tradutor-autor da língua de chegada e por fim o leitor final.

Ao efetuar uma leitura minuciosa, procuram-se significados por vezes ocultos. Já Delisle confirma a identidade do tradutor como um leitor especial, produtivo e dinâmico:

[O] tradutor que compreende o sentido de um texto é como o leitor a quem se pede que “se comprometa”, ou seja, que revele explicitamente, até nos mínimos detalhes, o que compreendeu. Um simples leitor pode ter a ilusão de que a sua compreensão foi completa e exata, ele pode até simular

que compreendeu tudo. O tradutor, por sua vez, não pode nunca esconder a sua ignorância e falta de compreensão, pois os seus árbitros serão ainda mais impiedosos, na medida em que eles mesmos não são tradutores...Mais do que trair, traduzir é trair-se (Delisle, 1981 : 69).

Interpretar é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a dialogar, é explorar as ideias expostas, enfim é dialogar com o autor. Neste sentido, é de salientar a dificuldade com que nos deparámos em alguns termos e expressões. Para além do duplo significado que estes possam ter, surge o desconhecimento quase total de alguns, como por exemplo: “MLP” na página 58 e “Descer até às Florinhas da Rua” na respetiva página 67. Após uma extensa pesquisa, a descodificação dos exemplos enunciados foi apenas possível através do conhecimento original e criador, isto é, de Irene Flunser Pimentel, que numa entrevista (Vd. Anexo I, p.155), nos proporcionou soluções para alguns obstáculos verificados. O conhecimento da obra e dos outros elementos paratextuais tais como aqueles fornecidos aquando da entrevista à autora é uma mais-valia para a reescrita de um texto. De facto, permite-nos assegurar que a nossa interpretação é a correta.

O leitor-tradutor não transpõe um código, mas apreende e reexprime um sentido. Nunca se fala sem objetivo, sem intenção de comunicação, da mesma forma que não se pode ouvir ou ler sem compreender, isto é, sem interpretar (Lederer, 1993). O tradutor-leitor tem plena noção de que não traduz apenas de uma língua para a outra, mas que compreende uma palavra e que a transmite de forma a ser entendida. O “vouloir dire” do autor vai ao encontro do “vouloir comprendre” do leitor-tradutor. O processo de compreensão do enunciado linguístico assenta em dois tipos de conhecimento: o conhecimento geral e cultural e o conhecimento da língua. Quanto mais conhecimento, mais o sentido do texto é preciso.

Segundo Greul, o primeiro tradutor é sempre o último leitor do texto original até

então existente, visto que, esse, após a tradução, deixa de ter uma revelação excepcional e única.

Assim, como uma leitura atenta e a entrevista à autora permitem uma reescrita menos traiçoeira ao texto de partida, o enquadramento teórico fornece ferramentas essenciais ao trabalho do tradutor.

## **2. Algumas reflexões sobre a Teoria da Tradução.**

A tradução é um meio de comunicação, de enriquecimento cultural e linguístico. Permite conceber uma vida nova dentro de uma cultura e língua alheias à nossa. Ao traduzirmos, damos início a uma sessão comunicativa com origem num emissor no contexto da língua de partida, que se destina a um recetor no contexto da língua de chegada. Tal como referimos no ponto anterior, cada palavra pode ter vários significados e cabe ao tradutor interpretar essa mesma palavra dentro do contexto em que se situa o texto original. O tradutor tem de se envolver e de se impregnar de ambas as culturas, para poder retratá-las da melhor forma possível na sua obra. Pois, “fazer de uma obra outra obra no meio literário de chegada já é tarefa de um autor” (Lima, 2010 : 22).

### **2.1. Conceito de Tradução e respetiva Teoria da Tradução.**

A tradução não consiste apenas na transposição de um texto, no domínio de uma língua estrangeira ou no conhecimento de palavras e de estruturas gramaticais que a compõem. É obviamente necessário ter um conhecimento aprofundado das línguas mas, sobretudo, é imprescindível conhecer e estar familiarizado com as culturas a que se referem as línguas com que o tradutor trabalha. Pois, cada povo ou sociedade tem os seus próprios costumes, valores, crenças, normas morais e éticas, presentes na língua sob diversas formas, como por exemplo em provérbios, expressões idiomáticas, anedotas, poesia e em todos os textos quer estes sejam literários ou técnicos. São as particularidades da cultura que se transpõem para outra língua e fazem com que a tradução seja por vezes difícil de solucionar. A situação comunicativa em que se reproduz o enunciado, isto é, o texto é igualmente de grande relevância como já



referimos (Vd.. ponto 1.3, p.12), na medida em que permite decifrar e compreender as ambiguidades, alusões, subentendidos, jogos de palavras e determinadas conotações apreendidas pelo leitor, logo pelo tradutor. A língua é simultaneamente um produto cultural e o veículo através do qual existe a manutenção e transmissão de uma dada cultura.

Para ser um bom tradutor, não basta conhecer, como pensam algumas pessoas a língua e o significado da mesma, sendo necessário entender o contexto cultural e a situação comunicativa retratados pela língua. Ao traduzir, temos de adotar a palavra, a expressão adequada a nível linguístico e sobretudo a nível cultural. Em alguns textos, determinadas crenças e valores são contemplados e, quando se procede à sua respetiva tradução, pode perder-se algum valor e eficácia, porque as palavras fazem referência a diversos contextos culturais. Traduzir pode, por vezes parecer impossível, sendo indispensável, tal como afirma Maingueneau (2005 : 27), recorrer a uma competência enciclopédica. O conhecimento de uma língua não se limita somente ao conhecimento de palavras e de estruturas gramaticais como referimos, mas significa que o tradutor deve também conhecer a cultura dos falantes da língua ou línguas para as quais pretende traduzir um texto. A tradução envolve muito mais do que uma mera substituição de elementos lexicais e gramaticais entre línguas (Bassnett, 2002 : 32).

Com todas as modernidades e tecnologias hoje existentes, os povos não vivem mais isolados e verifica-se uma aproximação que exige não só uma comunicação interlinguística, mas também intercultural. Devido à grande mobilidade e acima de tudo à globalização, um país ocidental e um país oriental podem ter um mesmo objeto ou produto, no entanto ambas as sociedades desses países têm valores diferentes (Bassnett, 2002 : 35).

A Teoria da Tradução é uma área disciplinar recente, onde não existe uma teoria

unificada da tradução, mas sim teorias, no sentido lato de “um conjunto de princípios úteis para compreender a natureza da tradução ou para estabelecer critérios de avaliação de um texto traduzido” (Nida, 1993 : 155). Também não existe uma definição de tradução aceite por todos os estudiosos e profissionais desta área. O próprio termo refere-se tanto à profissão como ao produto que dela resulta. Podemos considerar como as principais e mais antigas controvérsias em torno da tradução, a questão da tradução literal vs. tradução livre e o tradutor visto como um traidor (“traduttore traditore”). Ao conceito de tradução literal está associada a ideia de tradução fiel, neutra, objetiva; ao conceito de tradução livre a ideia de tradução infiel, parcial e subjetiva. Já Cícero (I séc. A.C) manifestava a sua preferência pela tradução livre, ou seja pela tradução do sentido e não pela tradução literal, palavra por palavra, *non verbum e verbo sed sensum exprimere de sensu* (Bassnett, 2002 : 50). Por sua vez, São Jerónimo (384 A.C) o santo protetor dos tradutores que traduziu a Bíblia na íntegra para latim, também revelava a sua preferência pela tradução do sentido, opondo-se assim à tendência dominante da época de se fazer tradução literal de obras sagradas por respeito à “Palavra de Deus” (Bassnett, 2002 : 49-51). A tradução livre de um texto sagrado poderia ser interpretada como infiel e o tradutor poderia ser condenado. Assim, o tradutor era considerado um traidor, porque se partia do pressuposto de que ninguém conseguia reter ou transpor os significados de um texto de uma forma plena através da tradução. Aliás, durante muito tempo, o tradutor e a tradução estavam associados à imitação do texto de partida e ao respeito profundo do autor.

A questão da fidelidade continua a estar presente no debate em torno da tradução. Entre outros autores contemporâneos que a defendem, podemos destacar Peter Newmark (1998 : 69), que afirma “a tradução literal é correta e não devia ser evitada,

uma vez que assegura a equivalência referencial e pragmática em relação ao original”<sup>1</sup>. Opondo-se a este conceito, há quem defenda que a tradução é uma transferência de ideias de uma língua-cultura para outra. Dependendo do objeto, do tipo de texto, da função predominante e do maior ou menor grau de convergência ou de divergência linguística e cultural entre as duas línguas envolvidas no ato tradutório, a tradução pode ser mais ou menos literal ou mais ou menos livre. Os dois métodos são válidos, pois a tradução literal é mais centrada na forma ao passo que a tradução livre é mais centrada no sentido.

A tradução é uma atividade que acontece há mais de dois mil anos. “Sem tradução, o mundo de hoje, com o rápido intercâmbio de informações seria impensável”<sup>2</sup> (Snell-Hornby, 1995 : 131). O processo de tradução é natural e necessário para a comunicação humana. De facto, toda a comunicação verbal seja ela intralingue ou interlingue (conceitos definidos no próximo ponto deste trabalho) envolve necessariamente algum tipo de tradução. George Steiner em *After Babel* fundamenta-se no princípio de que o ato de traduzir está implícito, formal e pragmaticamente em todo e qualquer ato de comunicação, na emissão e recepção de todo e qualquer modo de significação. Compreender é decifrar. Entender significados é traduzir. A tradução entre diferentes línguas é uma aplicação particular de um modelo fundamental da comunicação humana através da linguagem.

Cada língua é um sistema, um código próprio com as suas próprias formas e regras, mas é também ao mesmo tempo, um sistema de comunicação, o que torna possível a tradução. Nem sempre existem correspondências exatas de valores entre línguas, mas há correspondência de significação.

Catford (1985 : 53), embora admita alguns casos de “transferência” de significado

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

<sup>2</sup> Tradução nossa.

em traduções, esclarece que esse não é o procedimento normal. É possível uma espécie restrita de “transferência de significado” de uma língua para a outra, mas fica igualmente claro que isso não é o que normalmente se entende por tradução. Na tradução há substituição de significados da língua fonte ou de partida por significados da língua alvo ou de chegada e não transferência de significados da língua de partida para a língua de chegada (Catford, 1985 : 53).

Para Nida, a tradução consiste em produzir na língua de chegada o equivalente mais próximo da mensagem da língua de partida, em primeiro lugar no que respeita à significação e em seguida ao estilo. O tradutor é o produtor. Para se entender o processo tradutório é necessário, antes de mais, entender o processo de leitura, uma vez que o tradutor é, tal como referimos (Vd. p.13), um leitor e é através da sua leitura e interpretação que surge finalmente a tradução. Aquando da leitura, o leitor-tradutor não só utiliza os seus conhecimentos linguísticos, como recorre também à sua bagagem cultural. Conforme afirma Arrojo, “a nossa tradução não será fiel ao texto ‘original’, mas àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, (...) sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos” (Nida, 1992 : 44).

## **2.2. Reescrita e Escola da Manipulação.**

Nos meados do século XX, todas as escolas de Teoria da Tradução tinham em comum o conceito central de equivalência (escola alemã *Äquivalenz*) que veio alterar o foco da dicotomia “fiel” ou “livre” (Lima, 2010 : 18). Nesses anos, tal como afirma Catford, a tradução podia ser definida como a substituição de material textual numa língua por material textual equivalente numa outra língua. O problema central da prática

da tradução é o de encontrar equivalentes de tradução, sendo tarefa da teoria da tradução definir a natureza e condições da equivalência de tradução (Catford, *apud* Lima, 2012 : 19).

Considerado inadequado enquanto conceito predominante dos Estudos da Tradução, a partir dos anos oitenta, o conceito de equivalência perde influência e começa a ser rejeitado, sendo que o tradutor passa agora a ser visto necessariamente como um leitor-intérprete e assim reescritor. Em oposição à escola com orientação linguística, uma nova escola dos Estudos da Tradução surge nos Países Baixos. Seus principais estudiosos são André Lefevere, Theo Hermans, Susan Bassnett e alguns estudiosos israelitas como Gideon Toury e Itamar Even Zohar. É no seguimento da publicação de uma antologia de ensaios *The manipulation of Literature. Studies in Literary Translation* por parte de alguns elementos dessa escola, que esta é designada como “The Manipulation School”. Na antologia, Theo Hermans sustenta que a tradução é uma forma de reescrita, um processo manipulativo e que toda a tradução implica um grau de manipulação do texto de partida para um determinado fim (Hermans, *apud* Lima, 2010 : 21). A Escola da Manipulação assenta fundamentalmente em dois conceitos-chave, a manipulação e a reescrita e rejeita a influência da linguística. A tradução começa com o texto numa dada situação, enquanto parte integrante de um sistema de referentes culturais e, representa a expressão verbalizada de um autor, tal como é percebida pelo tradutor enquanto leitor, que a recria para uma outra leitura dentro de uma nova cultura. Ao contrário do clássico da equivalência, que postula a máxima fidelidade ao original, a Escola da Manipulação posiciona a tradução e o tradutor como elementos primordiais na relação de poder entre autor e leitor sendo estes responsabilizados pela sobrevivência da obra literária. O texto é então visto como um todo dentro de um sistema mais vasto, sistema que é obviamente influenciado por um

conjunto de fatores históricos, políticos, religiosos.

Os Estudos de Tradução ganham uma nova vitalidade com esta abordagem, pois a partir da Escola da Manipulação, é possível explorar o processo pelo qual os textos são transferidos de uma cultura para outra, processo onde o papel do tradutor como intérprete do texto original é crucial, visto que é ele quem constrói a interpretação desse texto e assim produz, à luz da sua leitura, um novo texto, o texto traduzido (Lima, 2010 : 22). A questão da fidelidade e infidelidade dissipa-se e o tradutor ganha mais valor enquanto autor, reescritor de uma obra na língua e na cultura de chegada.

A reescrita, tradução interlingue ou tradução propriamente dita é um dos três tipos de tradução distinguidos pelo linguista Jacobson e alvo do nosso presente trabalho. Os três tipos enunciados por ele são os seguintes:

1. Tradução intralingue ou reformulação que consiste na interpretação de signos verbais por meio de outros signos verbais na mesma língua, como por exemplo a paráfrase;
2. Tradução interlingue ou tradução propriamente dita que consiste na interpretação de signos verbais por meio de uma outra língua;
3. Tradução intersemiótica ou transmutação que consiste na interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas não verbais, como por exemplo a adaptação de uma gravura para um poema (Jacobson, *apud* Lima, 2010 : 27, 28).

Para além destes três tipos de tradução, ainda é possível associar ao ato tradutório, as três ordens (apropriativa, filológica, interativa) segundo Manuel Frias Martins (Frias Martins, *apud* Lima, 2010 : 64-65,126-128).

A primeira, a ordem apropriativa é perceptível na intenção do tradutor. Quando este recebe a obra ou texto, a primeira coisa que faz é ler e interpretar o mesmo. Após essa

leitura, o leitor-tradutor apropria-se dos elementos necessários para desempenhar a sua função. Só apoderando-se do texto é que as conotações e referências culturais poderão ser visíveis aos olhos do leitor do texto de chegada. Por sua vez, a ordem filológica, que anda à volta da questão de fidelidade ao original, que à partida se deve respeitar, é permanentemente afastada, tendo em conta a evolução da língua. Finalmente, a ordem interativa está associada à relação que o tradutor tem com o texto. Quando mais interação houver entre os dois, mais o tradutor terá apropriado o seu significado e mais este adquire liberdade de tradução.

A década de oitenta (século XX) constitui então um passo importante no desenvolvimento dos Estudos da Tradução como disciplina autónoma, recorrendo a outras áreas como a Antropologia, a História, os Estudos Literários. Os Estudos da Tradução marcam a revalorização do estatuto da tradução que deixa de ser encarada como uma atividade secundária, que constitui mais do que uma simples cópia ou imitação do original. Enquanto reescrita pode contribuir para a dinamização da literatura e da sociedade, introduzindo novos conceitos e estilos, reformulando cânones e dando a conhecer culturas novas e diferentes.

O tradutor tem frequentemente de tomar decisões que implicam riscos. Muitas vezes, há necessidade de ajustar e manipular o texto da língua de partida de forma a que o texto da língua de chegada corresponda a um determinado modelo e resultado. Ao fazê-lo, afirma Lawrence Venuti (1998 : 67), o tradutor torna-se cúmplice da exploração institucional dos textos, assim como da cultura estrangeira. Na perspetiva de Venuti em *The Scandals of Translation*, a tradução pode estabelecer estereótipos para a cultura estrangeira, mas é necessário ter cuidado, pois pode obter um resultado positivo ou negativo. O tradutor tem de ser muito cuidadoso e neutro para não influenciar ou tomar qualquer partido, tanto na língua fonte como na língua alvo, para não haver favoritismo

em termos de cultura dominante. Uma influência ou manipulação incorreta por parte do tradutor pode induzir o leitor da sua tradução a uma interpretação errada do texto original, não se respeitando assim uma das culturas presentes.

### **2.3. Cultura e tradução: o papel do tradutor enquanto mediador cultural.**

Tradução e cultura são indissociáveis visto que, em qualquer tipo de texto, seja qual for o público-alvo, os referentes culturais estão permanentemente presentes no conteúdo do mesmo e até no próprio veículo da comunicação, ou seja, a própria língua. Em termos muito genéricos, a cultura, na sua aceção popular que se distingue da cultura dita “erudita” é abrangente e está praticamente presente em todos os objetos, tarefas e ações diárias. A cultura é, na verdade, a nossa identidade, o que nos define enquanto pessoa singular e coletiva. Assim, por cultura, entende-se tudo o que caracteriza um povo, isto é, os seus costumes, hábitos, valores morais, práticas sociais, história, etc. São todos estes detalhes e aspetos que nos identificam e caracterizam enquanto indivíduos oriundos de uma determinada cultura. Mas, mesmo dentro da mesma cultura, podem surgir diferenças culturais como é o caso entre a região do Norte e do Sul do nosso país (transmontano *vs.* alentejano). Estas diferenças não implicam juízos de valor, mas realçam apenas o seu caráter de diferença.

Na verdade não existe consenso em torno do conceito de cultura. Para Raymond Williams (1965 : 63): “a cultura é o estudo de relações entre elementos em todo um modo de vida”<sup>3</sup>. Já Peter Newmark (1998 : 94) define cultura como “um modo de vida e as manifestações peculiares de uma comunidade que utiliza uma língua particular como o seu meio de expressão”<sup>4</sup>. A língua também integra a cultura tal como defende

---

<sup>3</sup> Tradução nossa.

<sup>4</sup> Tradução nossa.



Vermeer (2004 : 228), pois não há cultura sem língua e não há nenhuma língua isenta de cultura. Em síntese, podemos dizer que cultura é tudo aquilo que nos pertence, nos diz respeito, é o que nos identifica e diferencia perante outros grupos, cujas culturas podem ter pontos de encontro ou de divergência com a nossa. A própria tradução é, de certa forma, um ponto de encontro de culturas, que permite o conhecimento do outro.

Sendo o texto parte integrante da cultura, é natural que se processe, a partir da sua tradução para uma outra língua, um cruzamento de culturas (Lima, 2010 : 34). Neste sentido, Klein afirma: “O tradutor é constantemente confrontado com os problemas do efeito cultural engendrado pelas escolhas do autor destinadas aos leitores que partilham a mesma cultura (Klein, 1997 : 6)”<sup>5</sup>. Tradução e cultura são inseparáveis. Para Klein (1997 : 6), a cultura encontra-se sempre presente nos textos: “sob uma ou outra forma em todos os textos, independentemente da sua tipologia: filosófico, religioso, político, económico, social, jurídico, administrativo, técnico, científico, sem esquecer os textos publicitários”<sup>6</sup>.

Hoje em dia, apesar da reduzida distância entre culturas e da globalização, assim como da presença das novas tecnologias no nosso quotidiano, a questão da tradução continua a ser problematizada. Pois, mesmo com o conhecimento que temos do outro e do seu mundo, existem barreiras muito específicas da cultura que podem não ser ultrapassadas. A tradução é, do ponto de vista cultural, a ferramenta a partir da qual damos a conhecer uma outra realidade, a realidade do outro, da sua sociedade. Sendo assim, não se trata apenas da tradução ligada a questões linguísticas, mas sim da tradução ligada à cultura.

A tarefa do tradutor está sujeita a impossibilidades, como o caso da intraduzibilidade. Segundo Catford, há dois tipos de intraduzibilidade: a

---

<sup>5</sup> Tradução nossa.

<sup>6</sup> Tradução nossa.

intraduzibilidade linguística e a cultural. A de grau linguístico ocorre quando não há substituto lexical ou sintático de um elemento da língua de partida para a língua de chegada. Quanto à de grau cultural, esta deve-se à inexistência de uma característica relevante da cultura de chegada para o texto fonte, da língua de partida (Catford, *apud* Bassnett, 2002 : 37, 38). Nos casos de intraduzibilidade podemos introduzir o conceito de perda, pois não há correspondência parcial ou total de um determinado elemento. O que quer dizer que, no processo de tradução há sempre algo que se perde e algo que se ganha. De facto, como é possível transpor toda uma cultura através de meras palavras, dado que a cultura engloba todo um mundo complexo definido por áreas tão diversas como a Arte, a História e a Música?

O tradutor é, através do texto, um elo de ligação entre culturas e línguas, ou seja um mediador cultural. Mas o que significa mediador cultural? Segundo Taft: “O mediador cultural é uma pessoa que facilita a comunicação, compreensão e ação entre pessoas ou grupos de língua e de cultura diferentes. O papel do mediador consiste na interpretação de expressões, intenções, percepções e expectativas de cada grupo cultural para o outro, isto é, estabelecer e equilibrar entre esses mesmos grupos a comunicação. Neste sentido, para servir de “ligação” o mediador tem de conseguir, até certo ponto, participar em ambas as culturas. Sendo assim, o mediador tem de ser até um certo ponto bicultural” (Taft, 1981 : 53). Com efeito, o tradutor tem de estar envolvido nas duas culturas. “Se a língua é parte integrante da cultura, o tradutor não só precisa de ter proficiência em duas línguas, como deve ter em casa duas culturas, este deve ser bilingue e bicultural”<sup>7</sup> (Snell-Hornby, 1995 : 42). Assim, ser bilingue e bicultural são fatores primordiais para ser um bom tradutor (estes fatores, objeto do trabalho que aqui apresentamos, serão abordados no próximo ponto).

---

<sup>7</sup> Tradução nossa.

Em suma, a tradução é vista como tradução cultural, uma tradução transfronteiriça, sendo a cultura por vezes a barreira desta fronteira entre duas realidades. Contudo, a tradução transfronteiriça pode ser igualmente um instrumento de união entre povos, porque permite o conhecimento de valores e costumes para além dos nossos. Nesta perspetiva, a tradução funciona como uma espécie de ponte, de elo de ligação.

Uma boa tradução, isto é, uma boa reescrita é aquela que tem em conta o ritmo, as conotações e as disposições utilizados no texto original. A tradução ideal deve ser recebida pelo leitor como se o texto traduzido tivesse sido redigido na língua original (Klein, 1997 : 5)<sup>8</sup>.

No presente trabalho, de forma a podermos obter o resultado sustentado por Klein, adotaremos diversos métodos e técnicas específicas da área da tradução (Vd. exemplos concretos no ponto 4. “Tradução dos capítulos, análise das dificuldades e soluções adotadas”, p.39-146).

Estes métodos permitem solucionar algumas, mas não todas as dificuldades com as quais se depara o tradutor. É certo que o tradutor tem de ser muito perspicaz na sua interpretação do texto, que é fundamental e crucial para obter um bom resultado final e assim transmitir a intenção do autor. Mas, o conhecimento linguístico por si só não é suficiente, é necessária toda uma bagagem cultural, logo o bilinguismo poderá ser uma forma de minimizar as dificuldades inerentes ao trabalho de tradução e até mesmo ser a chave para uma tradução conseguida. Mas o que se entende por bilinguismo ou ser bilingue?

---

<sup>8</sup> Tradução nossa.

### **3. Tradução e bilinguismo, mais-valias para a tradução?**

#### **3.1. Bilinguismo.**

Se a língua é parte integrante da cultura, então o tradutor precisa não só de competência nas duas línguas, mas também de estar familiarizado com as duas culturas. Por outras palavras, ele deve ser bilingue e bicultural (Lima, 2010 : 9). Mas o que é ser bilingue e bicultural? O que é que se entende por bilinguismo?

O dicionário da Infopédia define bilinguismo como sendo a utilização de duas línguas por uma pessoa ou por um grupo, com idêntica fluência ou com proeminência de uma delas. Já o ser bilingue é ter duas línguas, mais concretamente falar duas línguas (Infopédia, 2012). Tendo em conta a área de estudo do presente trabalho, será igualmente relevante referir a definição francesa. O dicionário Larousse define bilinguismo como sendo a situação onde um indivíduo fala fluentemente duas línguas diferentes (bilinguismo individual), situação de uma comunidade onde se praticam simultaneamente duas línguas<sup>9</sup> (Larousse, 2012). Define ser bilingue como estar em duas línguas<sup>10</sup>.

Basicamente, podemos verificar que ambos os dicionários, apesar de serem relativos a duas línguas diferentes, logo a culturas e realidades distintas, definem o bilinguismo e ser bilingue da mesma forma. No entanto, o bilinguismo não será só o conhecimento de duas línguas, será muito mais do que isso e, a complexidade em torno da sua definição gera grande debate. As definições existentes são várias e nem sempre completas, limitando-se a abordar um ou outro aspeto. Sendo assim, efetuar-se-á apenas uma referência às principais definições existentes.

---

<sup>9</sup> Tradução nossa.

<sup>10</sup> Tradução nossa.

### 3.2. Definições e grau de Bilinguismo.

Com todo o tipo de comunicação que temos à nossa disposição e principalmente devido à globalização, é comum uma pessoa saber outras línguas além da sua(s) língua(s) materna(s). Contudo, não é o conhecimento de expressões como “c’est la vie” ou “life is unfair” que confere a uma pessoa o estatuto de bilingue. O termo bilinguismo pode representar uma infinidade de aspetos, os quais podem igualmente remeter para áreas diferentes e até divergentes.

Os bilingues são frequentemente definidos enquanto indivíduos ou grupos de pessoas que têm conhecimento em mais do que uma língua. No entanto, o bilinguismo é um complexo procedimento linguístico, psicológico e sociocultural abrangendo aspetos multidimensionais (Butler, Hakuta, 2006 : 114).

Os bilingues podem ser definidos como indivíduos que têm o controlo da língua de um falante nativo em duas línguas (Bloomfield, *apud* Butler, Hakuta, 2006 : 114), o que presume a ideia de um perfeito bilingue. Sendo assim, para ser considerado bilingue, o falante tem de ter um vocabulário extenso assim como uma perfeita competência a nível da leitura, da escritura, da escuta e da fala. Se assumirmos como um pré-requisito para o bilinguismo o controlo da língua de um falante nativo de duas línguas, haverá muito menos pessoas a considerarem-se bilingues.

Por outro lado, Haugen define os bilingues como indivíduos fluentes numa língua, que conseguem produzir declarações com significado numa outra língua (Haugen, *apud* Butler, Hakuta, 2006 : 114). Ao contrário de Bloomfield, Haugen defende que ser bilingue não implica o controlo da língua de um falante nativo, mais ainda, afirma que uma pessoa é bilingue quando é capaz de elaborar declarações úteis e com significados. Nesta perspetiva, qualquer pessoa que adquira uma outra língua para além da materna

pode ser considerado bilingue. Esta definição é um pouco controversa, pois se um indivíduo sabe enunciar algumas frases, isso não significa que possa ter uma conversa fluente nessa segunda língua. Além disso, esta definição não considera determinadas competências como por exemplo a escrita, importante no âmbito da tradução.

Podemos ainda mencionar a definição de Mackey. Este sustenta o bilinguismo enquanto a utilização de duas línguas de forma independente e inclui novos elementos ou fatores que estão diretamente associados ao bilinguismo, isto é, o grau, a função, a alternância e a interferência (Mackey, *apud* Romaine, 1995 : 12). Segundo Mackey, estes quatro fatores têm de ser equacionados não podendo ser separados quando se pretende saber se alguém é bilingue ou não. O grau de uma língua refere-se à dimensão do conhecimento que um falante tem da outra língua. Sendo o grau difícil de medir, este tem de ser considerado em conjunto com os outros fatores. A função, um desses elementos, alude à gama de funções, tais como tópicos e estilos que a pessoa domina na outra língua. Já a alternância diz respeito à capacidade que o falante tem em alternar de língua para língua. Por fim, a interferência pretende saber até que ponto a língua mais forte das duas línguas interfere com a mais fraca. A definição de Mackey é mais detalhada e tem em conta aspetos relevantes.

O bilinguismo tem múltiplas dimensões e diversos elementos complexos que o constituem. Como reflexo da sua multidimensionalidade, os investigadores propõem diferentes classificações conforme a dimensão. Assim, é possível estabelecer a distinção entre bilingues “balanced”<sup>11</sup> (equilibrados) ou “dominant/unbalanced” (dominantes/desequilibrados) baseada na relação de proficiência ou fluência das respetivas línguas que os bilingues dominam. Os bilingues “balanced” são aqueles que adquiriram graus de proficiência similar em ambas as línguas, enquanto os bilingues

---

<sup>11</sup> Adoção dos termos técnicos em inglês.

“dominant/unbalanced” são indivíduos cuja proficiência numa língua é mais elevada do que noutra (Butler, Hakuta, 2006 : 115).

Para além desta distinção, Butler e Hakuta referem uma outra. A distinção entre “compound” (composto), “coordinate” (coordenado) e “subordinate” (subordinado) que está ligada à forma como dois ou mais códigos linguísticos são organizados pelos indivíduos. Nos bilingues “compound”, dois conjuntos de códigos linguísticos (por exemplo: “cão” e “chien” são armazenados como uma só unidade de significado, já nos bilingues “coordinate”, cada código linguístico é organizado separadamente em dois conjuntos de unidades de significado. Nos bilingues “subordinate”, os códigos linguísticos na língua 2 são interpretados através da língua 1, ou seja, há dois conjuntos de códigos linguísticos, mas só uma unidade de significado, que é acessível através da língua 1 (Weinreich, *apud* Butler, Hakuta, 2006 : 115-118). Os bilingues podem também ser classificados enquanto “early” (precoce) ou “late” (tardio) bilingues, dependendo da idade de exposição a duas (ou mais) línguas.

Ademais, os bilingues podem ainda ser classificados com base em variáveis sociais. Assim, é possível estabelecer a distinção entre bilingues “folk” (popular) e “elite” (elite). Os bilingues “folk” são considerados enquanto indivíduos de um grupo minoritário, cuja língua não tem um elevado estatuto na sociedade da língua dominante onde estes residem. Em oposição, os bilingues “elite” são aqueles que falam a língua dominante numa dada sociedade e que falam também uma outra língua que lhes confere um valor acrescido na mesma sociedade. Para além destes conceitos em torno do bilinguismo, devemos ainda referir aos “additive” (aditivo), “subtractive” (subtrativo) e “simultaneous” (simultâneo) bilingues. Os bilingues “additive” são aqueles que conseguem melhorar a língua 2 sem perder proficiência na língua 1. Em oposição, os bilingues “subtractive” são os que têm ou ganham proficiência na língua 2 em

detrimento da língua 1, isto é, da perda da língua inicial. Finalmente, os bilingues “simultaneous” são aqueles que são expostos tanto à língua 1 como à língua 2 desde o nascimento. Podemos de certa forma afirmar, que os bilingues simultâneos são os que têm mais hipóteses de ser bilingues “balanced”, tanto numa língua ou noutra (Butler, Hakuta, 2006 : 118).

Em suma, os bilingues podem ser classificados com base em diversas dimensões quer a nível individual, quer a nível social. Definir bilinguismo é extremamente complexo devido às diversas dimensões que acarretam uma diversidade de definições possíveis. De facto, o bilinguismo é multifacetado e depende da perspetiva ou do critério adotado para a sua classificação.

O bilinguismo deve-se também à proximidade geográfica entre comunidades, onde a comunicação e relação individual ou social só é possível através do conhecimento das línguas de ambas as comunidades vizinhas. Alguns fatores históricos (por exemplo o colonialismo) e religiosos, assim como a migração estão na origem do bilinguismo. O bilinguismo pode ser uma vantagem, uma mais-valia, mas também pode acarretar alguns inconvenientes.



### **3.3. Bilinguismo e biculturalidade: vantagens e inconvenientes.**

Ser bilingue é ter a capacidade de se exprimir em pelo menos duas línguas. A pessoa bilingue tem numerosos benefícios a nível pessoal, social ou profissional para além de uma sensibilidade especial à língua, uma maior flexibilidade nos pensamentos e uma visão do mundo diferente. Mas será que um indivíduo bilingue é um bom tradutor?

Ao ser bilingue podemos usufruir de diversas vantagens em vários aspetos, por exemplo vantagens a nível curricular, cultural, profissional, não esquecendo as vantagens ao nível da comunicação. A tolerância para com outras línguas e culturas também pode ser apresentada como vantagem. Quando falamos de bilinguismo, falamos de biculturalidade. Sendo bilingue, pressupõe-se que o falante tem acesso a duas culturas, ou seja, tem duas perspetivas diferentes, e acima de tudo, duas experiências de vida distintas. Este conhecimento bicultural acarreta uma bagagem cognitiva mais abrangente, pois no caso de um falante bilingue, verifica-se um maior conhecimento histórico, literário e até popular (por exemplo: conhecimento de anedotas ou provérbios de ambas as culturas).

O ler e escrever em mais do que uma língua possibilita o conhecimento de novas tradições, ideias, modos de pensar e comportamentos. No entanto, na nossa sociedade, uma das principais vantagens é possibilitar a mobilidade profissional. De facto, as pessoas pensam cada vez mais em trabalhar num país estrangeiro, o que se torna obviamente mais fácil com o conhecimento de mais do que uma língua. Esse conhecimento é uma mais-valia e um falante de várias línguas terá provavelmente mais possibilidades na escolha de um emprego. Em todo o caso, podemos considerar o bilinguismo como uma competência que pode ocasionar novas oportunidades no mercado de trabalho.

Contudo, o bilinguismo também tem os seus inconvenientes. A interferência é, por exemplo, uma desvantagem do bilinguismo. Esta ocorre quando um falante inconscientemente traz para a língua de chegada o sotaque, a construção sintática ou o vocabulário da língua de partida. Isto significa que há interferência entre as duas línguas. Esta interferência afeta sobretudo as línguas com uma proximidade fonológica, sintática e morfológica (Grosjean, 1996 : 23). Outro inconveniente é o “code-switching” que acontece quando um falante utiliza na língua de chegada uma palavra ou frase da língua de partida.

Um dos maiores inconvenientes associado ao bilinguismo é considerar a pessoa bilingue um tradutor, mesmo não tendo esta formação adequada para desempenhar tal papel, esquecendo que a tradução não consiste apenas no conhecimento de línguas. Contudo, desde que se adquira a formação necessária para se ser tradutor, o bilinguismo é, sem dúvida, uma vantagem primordial. Pois sendo bilingue, uma parte da formação está *a priori* já desenvolvida, isto é, a componente linguística.

Segundo François Grosjean, muitas pessoas pensam que o bilinguismo é um fenómeno que acontece apenas em países como o Canadá, Suíça ou Bélgica, e que os bilingues têm fluência idêntica tanto a nível oral como da escrita; não têm sotaque e podem interpretar ou traduzir sem qualquer formação prévia na área. A realidade é bastante diferente. O bilinguismo está presente em cada país do mundo, em todas as classes sociais e faixas etárias. Na verdade, estima-se que metade da população do mundo é bilingue.

Apesar da grande diversidade que existe entre as pessoas bilingues, estas partilham todas uma característica comum: vivem com duas línguas.

No presente trabalho, interessa perceber como funciona o indivíduo bilingue enquanto tradutor bilingue. Por isso, importa verificar o modo como ser bilingue e ser

bicultural podem influenciar o desempenho do tradutor.

O contacto entre as línguas deve-se a tão diversos fatores como o económico, o educacional, o social, o político e o religioso. O bilinguismo é assim o veículo de transposição e de comunicação entre esses elementos; elementos que criam diversas necessidades linguísticas nas pessoas que estão em contacto com duas (ou mais) línguas e que desenvolvem competências nas suas línguas para responder a essas necessidades. Em situações de contacto, ambas as línguas são utilizadas, pois se não fosse o caso, não se daria o bilinguismo. De facto, os bilingues adquirem e utilizam as suas línguas para diferentes fins, em diferentes aspetos da vida, com diferentes pessoas. O nível de fluência atingida numa língua reflete a necessidade de utilizar essa mesma língua num domínio ou área específicos. Por isso, é perfeitamente usual encontrar bilingues que só são capazes de ler e de escrever numa das suas línguas, tendo reduzido a fluência de uma língua por ser apenas utilizada com um número limitado de pessoas e de circunstâncias.

Os bilingues começam agora a ser vistos, não como a soma de dois monolingues, mas enquanto ouvintes e falantes específicos, que desenvolveram uma competência comunicativa semelhante aos monolingues. Dependendo do contexto, do assunto e do interlocutor, os bilingues utilizam uma ou outra língua. É de salientar que à medida que a situação e as necessidades comunicativas mudam, o bilinguismo, por sua vez, também se altera para fazer face a essas necessidades. O bilinguismo não é estático, mas sim dinâmico (Butler, Hakuta, 2006 : 120). Em suma, é o ambiente ou contexto que leva o indivíduo bilingue a alterar as línguas que utiliza e conseqüentemente as suas atitudes, os seus sentimentos e os seus comportamentos. A principal diferença entre os monolingues e os bilingues, neste aspeto, será que os bilingues podem muitas vezes mudar de língua e de cultura nas suas interações enquanto os monolingues permanecem

na mesma língua e cultura.

Muitas pessoas são biculturais, embora estas não sejam tantas quanto as bilingues. Muitas das vantagens e desvantagens do bilinguismo prendem-se de facto com o biculturalismo e não o bilinguismo. Convém aqui apontar, tendo em conta a definição de François Grosjean, que o bilinguismo e o biculturalismo não são necessariamente coexistentes. Há bilingues que não são biculturais do mesmo modo que há pessoas que são biculturais mas não são bilingues como por exemplo, um membro de uma cultura minoritária que já não sabe a língua da minoria, mas que mantém outros aspetos da cultura).

Para definir a biculturalidade é necessário relembrar que a cultura (Vd. ponto 2.3, p.24) reflete todas as facetas da vida de um grupo de pessoas, isto é, a sua organização, as suas regras, comportamentos, crenças, valores, tradições, etc. As pessoas biculturais podem ser caracterizadas pelo menos segundo três aspetos: estas vivem em duas culturas, adaptam-se em grande parte a estas culturas (às suas crenças, valores, etc.) e combinam aspetos dessas culturas. Quando se fala de biculturalidade, automaticamente se alude à dupla identidade, pois se a cultura é a identidade do indivíduo ou da sociedade, tendo o sujeito bilingue duas culturas, logo tem uma identidade dupla.

Considerando a complexa estrutura das línguas e o significado de determinadas palavras, a proficiência, tanto na língua de partida como na língua de chegada, é sem dúvida indispensável. Assim, quem melhor do que um tradutor com um bilinguismo “balanced” para desempenhar a tarefa de tradutor? Obviamente, falamos aqui de um indivíduo já com formação adequada em tradução. A forma como um tradutor bilingue interpreta uma palavra ou texto é completamente diferente, pois este conhece as diversas aceções da palavra e sabe como utilizá-las em contexto e situação definidos pelas características da cultura. Os tradutores bilingues e biculturais ajustam o

significado à outra cultura à medida que mudam de língua. A vantagem de ser um tradutor bilingue prende-se então com a questão da sua biculturalidade. É através da biculturalidade que o tradutor sabe se um elemento corresponde ou não à realidade da língua de chegada. Pois, apesar de ser uma mesma palavra, esta poderá ser percebida de forma diferente.

Segundo Lambert, os tradutores são pessoas especiais na medida em que são ouvintes mais atentos quando comparados com outras pessoas (Lambert, 1978 : 132), porque estes captam cada detalhe da mensagem do falante para depois transpô-lo na outra língua sem incorrer qualquer perda. Ser bilingue e, conseqüentemente, bicultural são sem dúvida, ferramentas que facilitam a tarefa do tradutor. Pois, quando se tem uma completa percepção das duas realidades, é mais fácil encontrar uma solução linguística e culturalmente adequada para a língua de chegada. Para se conseguir obter um bom resultado numa tradução é imprescindível ter um excelente domínio das duas línguas em questão assim como algum domínio da área a que se refere o texto ou a obra a traduzir, neste caso concreto a história. Se aceitamos a definição atual do bilinguismo de François Grosjean, que é a utilização regular de duas ou mais línguas, então os tradutores são bilingues tendo em conta que servem duas línguas (fonte/alvo) para desempenhar o seu trabalho (Vd. Anexo II p. 160).

A definição de François Grosjean sem estar errada afigurasse-nos incompleta, pois não é só a utilização diária de duas línguas que faz com que uma pessoa seja bilingue. São, na verdade, todos os elementos culturais que preenchem o conhecimento dessa pessoa. Assim, um tradutor até pode ter fluência em duas línguas, mas não conseguir entender a mensagem de um texto ou de uma obra. Ser tradutor é tarefa árdua, que exige mais do que conhecer ou falar um par de línguas. A tradução é “um modo de produção

de um texto comunicativo” (Toury, 1995 : 248)<sup>12</sup> e enquanto representantes da comunicação interlingue cabe ao tradutor transmitir plenamente a veracidade e o significado da mensagem.

---

<sup>12</sup> Tradução nossa.

#### **4. Tradução dos capítulos, análise das dificuldades e soluções adotadas.**

### Índice de Siglas<sup>13</sup>

**M&M** – *Menina e Moça* – Petite et Jeune Fille

**MEN** – *Ministério da Educação Nacional* – Ministère de l'Éducation Nationale

**MP** – *Mocidade Portuguesa* – Jeunesse Portugaise

**MPF** – *Mocidade Portuguesa Feminina* – Jeunesse Féminine Portugaise

**OMEN** – *Obra das Mães pela Educação Nacional* – Œuvre des Mères pour l'Éducation Nationale

---

<sup>13</sup> Apresentação de uma possível tradução das siglas, não adotada na tradução.

2.

## Combater o «egoísmo» e o «materialismo»

### As publicações da MPF: *Boletim da MPF* e *Menina e Moça*

Para além das actividades da MPF, na escola e fora dela, que serviram para inculcar a ideologia nacionalista e cristã no seio das raparigas portuguesas, assim como para enquadrá-las, mobilizá-las e adaptá-las ao regime salazarista, as publicações da MPF foram, sem dúvida, os principais meios de transmissão de valores e comportamentos entre as jovens que as liam.

Entre 1939 e 1947, a organização feminina publicou o *Boletim da MPF*, que, como o nome indicava, se dirigia às filiadas, num período em que a organização se propunha enquadrar toda a juventude feminina. Na realidade, porém, o *Boletim* dirigiu-se sobretudo às estudantes das classes sociais mais altas, entre as quais tentou formar uma elite feminina, colaboradora da elite masculina do Estado Novo, e criar uma mulher «nova».

Propriedade da Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN) e com direcção virtual da sua presidente, condessa de Rilvas, embora a sua real editora fosse Maria Joana Mendes Leal, o *Boletim da MPF* surgiu pela primeira vez, em 13 de Maio de 1939. Logo de início, a condessa de Rilvas e a comissária nacional da MPF, Maria Guardiola, apresentaram os inimigos a combater, entre as jovens – o «egoísmo», o «materialismo» e o «feminismo». As dirigentes da MPF revelaram também a imagem das futuras mulheres que pretendiam criar – «disciplinadas, fortes, viris sem ser masculinas, com espírito profundamente cristão e nacional», orientadas para a «acção no Lar, na família e na sociedade».

Embora o *Boletim* tivesse a pretensão de se dirigir a todas as jovens portuguesas, foi de facto as das classes sociais mais altas que quis e conseguiu atingir e, daí, os principais defeitos que se propôs combater: a futilidade, o hedonismo, a soberba, a vaidade e a

arrogância. Uma breve leitura do *Boletim da MPF* nos seus primeiros cinco anos de vida revela uma vontade de moldar as leitoras, através de artigos maioritariamente dedicados à transmissão de valores e de comportamentos, numa tentativa, compartilhada com a Igreja, de substituição do papel educativo das famílias.

A seguir, do ponto de vista quantitativo, e a par dos artigos dedicados à religião, estavam os que se debruçavam sobre as actividades da MPF,



Maria Joana Mendes Leal, editora do *Boletim da MPF*. Uma revista cultural e educativa, que pretendia ser formadora da mentalidade e da consciência da rapariga portuguesa. No 25.º aniversário da publicação do MPF, entretanto com o novo nome de *Menina e Moça*, o comissariado nacional prestou homenagem à sua directora que, «com o seu talento literário e o seu gosto artístico, aliados à mais carinhosa e desvelada atenção pelos problemas da rapariga portuguesa tem sido verdadeiramente a alma que insufla uma vida sempre renovada às páginas da revista».



2.

**Combattre « l'égoïsme » et le « matérialisme »**

Les publications de la JFP : *Boletim da MPF et revue Menina e Moça*<sup>14</sup>

Outre les activités de la JFP dans et hors de l'école, qui ont servi à imposer l'idéologie nationaliste et chrétienne au sein des jeunes portugaises, ainsi qu'à les encadrer, à les mobiliser et à les adapter au régime salazariste, les publications de la JFP ont été, sans aucun doute, les principaux moyens de transmission de valeurs et de comportements chez les jeunes filles qui les lisaient.

Entre 1939 et 1947, l'organisation féminine a publié le *Boletim da MPF*, qui comme son nom l'indiquait, s'adressait aux affiliées, pendant une période où l'organisation se proposait d'encadrer toute la jeunesse féminine. Toutefois, en vérité, le *Boletim* s'est surtout adressé aux étudiantes des classes sociales plus élevées, auprès desquelles il a essayé de former une élite féminine, collaboratrice de l'élite masculine de l'Etat Nouveau<sup>15</sup> et créer une « nouvelle » femme.

Propriété d'*Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN)*<sup>16</sup> et sous la direction virtuelle de sa présidente, la comtesse de Rilvas, bien que son vrai éditeur soit Maria Joana Mendes Leal, le *Boletim da MPF* a surgi pour la première fois, le 13 mai 1939. Dès le début, la comtesse de Rilvas et la commissaire nationale de la JFP, Maria Guardiola, ont identifié les ennemis à combattre chez les jeunes - « l'égoïsme », le « matérialisme » et le « féminisme ». Les dirigeantes de la JFP ont également révélé l'image des futures femmes qu'elles prétendaient créer – « disciplinées, fortes, viriles sans être masculines, ayant un esprit profondément chrétien et national », orientées vers

---

<sup>14</sup> Tradução possível: *Bulletin de la JFP e Petite et Jeune Fille*

<sup>15</sup> Tradução de Estado Novo.

<sup>16</sup> Tradução possível: *Ceuvre des Mères pour l'Education Nationale - Ver Índice de Siglas p.39.*

« l'action au Foyer, la famille et la société ».

Bien qu'ayant la prétention de s'adresser à toutes les jeunes filles portugaises, se sont de fait celles des classes sociales plus élevées que le *Boletim* a voulu et a réussi à atteindre et de là les principaux défauts qu'il se proposait combattre : la futilité, l'hédonisme, l'orgueil, la vanité et l'arrogance. Une brève lecture des cinq premières années de vie du *Boletim da MPF*, révèle une envie de mouler les lectrices, grâce aux articles principalement dédiés à la transmission de valeurs et de comportements, dans une tentative partagée par l'église, de substitution du rôle éducatif des familles.

Par la suite, du point de vue quantitatif et parallèlement aux articles voués à la religion, on trouvait ceux qui se penchaient plutôt sur les activités de la JFP,

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
As publicações da MPF (...).	<u>Lexical</u> MPF (Mocidade Portuguesa Feminina)	JFP (Jeunesse Féminine Portugaise)	Optámos pela tradução da Mocidade Portuguesa Feminina (MPF) por Jeunesse Féminine Portugaise (JFP), sempre que se refere ao movimento em si e não à revista.
<i>Boletim da MPF</i> e revista <i>Menina e Moça (M&amp;M)</i>	<u>Lexical</u> Traduzir ou manter os nomes das revistas	<i>Bulletin de la JFP Petite et Jeune Fille (P&amp;JF)</i>	Ao longo da tradução decidimos manter todos os nomes referentes a revistas, obras e artigos porque seria mais fácil para o leitor identificar numa pesquisa

			os mesmos e porque a própria autora o sugeriu. Esta sugeriu igualmente que colocássemos a sua respetiva tradução. Assim, no texto, incluímos uma nota com a tradução de cada nome.
Para além das actividades da MPF, na escola e fora dela, que serviram para inculcar (...).	<u>Gramatical</u>  Utilização do tempo verbal, “passé simple” ou “passé composé”.	- Outre les activités de la JFP, dans et hors de l'école, qui servirent à imposer (...).  - Outre les activités de la JFP, dans et hors de l'école, qui ont servi à imposer (...).	- Outre les activités de la JFP, dans et hors de l'école, qui ont servi à imposer (...).  Neste exemplo e ao longo de toda a tradução, exceto em alguns exemplos que serão apresentados posteriormente, optámos pela aplicação do “passé composé” em vez do “passé simple” porque este tempo verbal é utilizado para contar ou descrever a sucessão de acontecimentos que se podem situar precisamente no tempo. Tendo em conta de que se trata de um texto que relata factos históricos, este permite igualmente uma coerência da tradução, adequando-se ainda ao estilo da autora.

reveladores de um desejo de filiar todas as jovens portuguesas na organização.

Nos artigos sobre religião, especialmente os dos meses de Abril, Maio e Dezembro, respectivamente sobre a Páscoa, o mês de Maria e o Natal, Nossa Senhora de Fátima tinha evidentemente presença assegurada. No entanto, também outros santos surgiam regularmente, muitas vezes em artigos de formação religiosa assinados pelo padre Moreira das Neves, pelo cardeal Cerejeira, pelo arcebispo de Milene e pelo padre Gustavo de Almeida, que assinava habitualmente os editoriais.

Nestes, como noutras rubricas e em diversos artigos, era sempre transmitido o ideário nacionalista. Por exemplo, a rubrica de «Arte e Património» focava exclusivamente a arte portuguesa e a reportagem fotográfica do *Boletim da MPF*, de Setembro de 1940, era dedicada às «Aldeias Portuguesas». No estrangeiro, exceptuando a Espanha, havia sobretudo perigos, entre os quais se contava o «modernismo» dos EUA, criticado a propósito de uma reportagem sobre o pavilhão português na Exposição de Nova Iorque. Este servia evidentemente de

## A CONQUISTA DO IDEAL

**C**ALVOS hoje nas mãos, pela primeira vez, o vosso jornal. Ides devorá-lo com os olhos, mirá-lo todo sobretudo com o vosso coração.

*É o vosso jornal — é o nosso jornal.*

Todos os meses, entre tanta coisa boa e bela que aqui heis-de encontrar, para utilidade e recreio do vosso espírito e do vosso coração, tereis logo de entrada esta página. Trará ela sempre uma palavra amiga, por vezes forte, mas sempre a erguer-vos para os cimos mais altos do Ideal.

É que já não é possível poder-se pensar que ainda haja em Portugal, hoje em dia, uma rapariga que não queira subir, subir sempre, com sacrifício até, e sempre com alegria maior, erguer-se até onde mora o Ideal — para aí viver na sua contemplação e na sua prática.

Viver mesmo é isto: — ter um Ideal, alto e lindo, e consagrar-se a gente a passá-lo para nós com entusiasmo, com generosidade — com amor. E, em particular, é esta a vocação da mocidade: — ser apaixonadamente generosa quando se trata do trabalhar em si mesma a imagem da Beleza, da Verdade, da Bondade — do Heroísmo e da Santidade.

A isto vem este jornal. Deus o traga em bem.

Logo no frontespício, uma figura do que de mais formoso em graça tem tido esta nossa terra de Portugal. A Rainha D. Leonor e D. Filipa de Lencastre são as vossas Padroeiras.

Metel dentro de vós, no melhor cantinho do vosso peito de raparigas moças, estes modelos de esposas e mães. Metel-vos na sua escola de virtudes e tomal sempre pelos caminhos dos seus exemplos fortes — suavemente fortes a rescender àquêle arôma exquisito de ambrosia que é o que nasce da meditação e prática do Evangelho de Jesus Cristo.

Ficaram elas na nossa História como estrelas de brilho e esplendor do céu da Pátria, onde não faltam tantas outras — tôdas formosas de alma, tôdas grandes — tôdas portuguesas e cristãs.

Não vos canséis nunca de andar por onde elas andaram: — os caminhos da Virtude e da Pátria — nem sejais cobardes em as seguir à conquista dos Cimos.

Esforço? Mas qual de vós o há-de negar neste combate que pode vir a pedir sangue, mas dá, sempre, ao cabo, satisfação interior, alegria santa de viver, mais amor às coisas grandes que nos fazem a nós melhores? Então, vamos a isto, raparigas de Portugal. Nunca parar. Nunca olhar para traz. Pregar os olhos lá em cima, para lá mesmo do azul do Céu e lá andar sempre a beber na Fonte de todo o Ideal. Depois, sê semeadora dêste Ideal na tua terra de Portugal — no teu cantinho de vida — e, aí, sê verdadeiramente uma moça cheia, cheia de todo, a transbordar em riqueza, cheia dos exemplos daquelas que enchem tão bem a nossa História linda. G.

## Proposta de tradução da página 52

révélant un désir d'affilier toutes les jeunes portugaises dans l'organisation.

Dans les articles portant sur la religion, en particulier ceux des mois d'avril, mai et décembre, respectivement au sujet de Pâques, le mois de la Vierge Marie et Noël, Notre Dame de Fátima avait évidemment une présence obligatoire. Cependant, d'autres saints et saintes apparaissaient aussi régulièrement, beaucoup de fois dans des articles de formation religieuse signés par le prêtre Moreira das Neves, par le cardinal Cerejeira, par l'archevêque de Mitilene et par le prêtre Gustavo de Almeida qui signait habituellement les éditoriaux.

Dans ceux-ci, comme dans d'autres rubriques et dans divers articles, l'idéologie nationaliste était toujours transmise. Par exemple : la rubrique «Art et Patrimoine<sup>17</sup> », portait exclusivement sur l'art portugais et le reportage photographique du *Boletim da MPF*, de septembre 1940, était dédié aux «*Aldeias Portuguesas*»<sup>18</sup>. A l'étranger, sauf en Espagne, il y avait surtout des dangers, parmi lesquels le « modernisme » des Etats-Unis, critiqué à propos d'un reportage sur le pavillon portugais de l'Exposition de New-York. Celui-ci servait évidemment

### Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) ideário nacionalista	<u>Lexical</u> Não tem tradução em francês	-Idéologie -Idéal	(...) idéologie nationaliste - Visto que a palavra ideário não tinha correspondência na língua de chegada, optámos pelo sinónimo mais próximo.

<sup>17</sup> Tradução nossa. Optámos pela tradução do título da rubrica, porque é comum e reflete a realidade da língua de chegada.

<sup>18</sup> Tradução possível: “*Villages Portugais*”



contraponto positivo – como tudo o que era português –, de um Portugal mitificado de pobres mas dignos camponeses e pescadores, retratados folclórica e bucolicamente na rubrica «Conhecimento de Portugal e do seu povo».

Para as filiadas mais novas com menos de dez anos, o *Boletim da MPF* começou por integrar a «Página das Lusitas», da responsabilidade de Maria Paula de Azevedo, que se autonomizou, depois, numa revista específica com o nome de *Lusitas*, editada entre 1943 e 1957 sob a direcção de Maria Teresa Andrade Santos. Entre 1957 e 1974, esta publicação adoptaria o nome de *Fagulha*, dirigida por Maria Alice Andrade Santos, irmã da anterior, e na qual colaboraram Ester de Lemos, Maria Isabel Mendonça Soares, Maria das Mercês e C. Trigueiros de Martel.

Há um ano que apareceu o primeiro número do nosso Boletim. Não é ainda longo o seu passado, mas uma vida não se conta só em anos.

Podem os anos ser muitos e a vida ser pequena na sua inutilidade; podem os anos ser poucos e a vida ser grande na repercussão eterna das suas obras.

O nosso Boletim, que apareceu em Maio — nesse mês duplamente abençoado para Portugal, pela aparição de Nossa Senhora em Fátima e pela Revolução Nacional — esperamos que não tenha sido indigno do olhar d'Aquela sob a protecção de quem se colocou, como temos a esperança que tenha servido a "Revolução, de paz que, no dizer de Salazar, continua e continuará até que a verdade e o bem tenham triunfado completamente e uma maior felicidade reine na nossa terra.

Bem pequenina terá sido talvez a nossa cooperação no levantamento da sociedade portuguesa; mas o esforço de muitos é a vitória

### Proposta de tradução da página 53

d'opposition positive – comme tout ce qui était portugais – d'un Portugal mythifié de pauvres mais dignes paysans et pêcheurs, évoqués sous leur aspect folklorique et bucolique dans la rubrique « *Conhecimento de Portugal e do seu povo* »<sup>19</sup>.

Pour les jeunes affiliées de moins de 10 ans, le *Boletim da MPF* a commencé par l'insertion de la « *Página das Lusitas* »<sup>20</sup>, sous la responsabilité de Maria Paula de Azevedo, page qui plus tard acquiert son indépendance devenant, une revue spécifique autonome sous le nom de *Lusitas*, éditée entre 1943 et 1957 sous la direction de Maria Teresa Andrade Santos. Entre 1957 et 1974, cette publication adopterait le nom de *Fagulha*<sup>21</sup>, dirigée par Maria Alice Andrade Santos, sœur de la précédente, et dans laquelle ont collaboré Ester de Lemos, Maria Isabel Mendonça Soares, Maria Isabel Mendonça Soares, Maria das Mercês et C. Trigueiros de Martel.

### Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) contraponto positivo	<u>Lexical</u> Não tem tradução em francês.	-opposition positive -miroir positif	-opposition positive Termo mais corrente para este tipo de texto.

<sup>19</sup> Possível tradução: “*Connaissance du Portugal et de son peuple*”.

<sup>20</sup> Possível tradução: “*Pages des Lusitas*”

<sup>21</sup> Possível tradução: “*Etincelle*”.

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) retratados folclórica e bucolicamente	<u>Classe gramatical:</u>  Alteração da classe gramatical.	-(...) évoqués sous leur aspect folkloriquement et bucoliquement -(...) évoqués sous leur aspect folklorique et bucolique	-(...) évoqués sous leur aspect folklorique et bucolique  Tendo em conta a nossa familiarização com a língua e cultura de chegada, optámos por utilizar adjetivos em vez de advérbios, pois obtém-se um resultado mais adequado no texto de chegada.
Para as filiadas mais novas com menos de dez anos (...)	<u>Lexical</u> -Termo filiada	-adeptes -adhérentes -fidèles -affiliées	Pour les jeunes affiliées de moins de 10 ans (...). Optámos pelo termo “affiliées” que é o equivalente mais correto de um ponto de vista político, sendo também este o sugerido pela autora.
(...) que se autonomizou, depois, numa revista específica (...)	<u>Sintático:</u> Construção na língua de chegada pouco natural.	- une revue spécifique autonome	(...) devenant, une revue spécifique autonome (...)  Construção sintática mais usual na língua francesa.



# Página das Lusitas

por Maria Paula de Azevedo

O *Boletim da MPF* começou por integrar a «Página das Lusitas», para as filiadas mais novas, editada entre 1943 e 1957 sob a direcção de Maria Teresa Andrade Santos.

Em Dezembro de 1939, Maria Paula de Azevedo perguntava: «Queridas Lusitas, sabeis como é grande a responsabilidade dos vossos nomes?». E respondia: «Sois cristãs, isto é filhas de Cristo; Sois LUSITAS, isto é Filhas de Portugal. É pois, essencial para a vossa dignidade, que vos lembrais sempre destes dois grandes títulos de verdadeiri e alta nobreza!». E acrescentava: «na época grave que atravessamos» estas jovens tinham um papel fundamental como «apóstolos de Cristo». Isto é, «incutir em outras almas pequeninas esse amor profundo e doce que nos ampara e nos envolve, e é como um bálsamo suave que perfuma a nossa vida».



Arquivo da MPF Dezembro 1939, p. 8



MAAF Outubro 1939, p. 41

Distribuição dos prémios do concurso do Jornal Lusitas

*Deixo a Jesus*

Meu Jesus meu Jesus botá comigo neste dia a alma dá-me a luz Para o es-  
-pirito a le-qui para o cōrpo dá-me o pão de Jesus para sempre Dentro do meu coração

## Proposta de tradução da página 55

Le *Boletim da MPF* a d'abord intégré la « *Página das Lusitas*<sup>22</sup> » pour les plus jeunes affiliées, publiée entre 1943 et 1957 sous la direction de Maria Teresa Andrade Santos.

En décembre 1939, Maria Paula de Azevedo demandait : « Chères *Lusitas*, êtes-vous conscientes de l'importance de la responsabilité de vos noms ? ». Et répondait : « Vous êtes chrétiennes, c'est-à-dire filles du Christ : vous êtes *LUSITAS*, c'est-à-dire Filles du Portugal. Alors, il est essentiel pour votre dignité, que vous vous souveniez toujours de ces deux grands titres de vraie et haute noblesse ! » Et ajoutait : « dans l'époque grave que nous traversons » ces jeunes avaient un rôle fondamental en tant « qu'apôtres du Christ ». C'est-à-dire, « inculquer dans d'autres petites âmes, cet amour profond et doux qui nous protège et nous étreint et qui est comme un baume doux qui parfume notre vie ».

Sem dificuldades de tradução.

---

<sup>22</sup> Possível tradução : « *Page des Lusitas* »

Texto original da página 56



Proposta de tradução da página 56

Entre 1957 et 1974 la revue *Lusitas* a adopté le nom de *Fagulha*, dirigée par Maria Alice Andrade Santos, sœur de la Directrice de la revue *Lusitas*.

Sem dificuldades de tradução.

## Menina e Moça

Os novos objectivos decorrentes do Estatuto Lical de 1947 reflectiram-se nas publicações da MPF. Nesse ano, o *Boletim da MPF* (1939-47) subdividiu-se em dois jornais: o *Boletim para Dirigentes (BD)*, editado entre 1946 e 1952, que integrou as antigas *Folhas de Formação Moral*<sup>1</sup>, bem como os artigos formativos outrora incluídos no *Boletim da MPF* e na *Menina e Moça (MeM)*, publicado entre 1947 e 1974. Esta publicação, que continuou a ser dirigida por Maria Joana Mendes Leal, era uma revista aparentemente menos politizada do que a sua antecessora.

De grande divulgação, tinha a pretensão de chegar já não só às filiadas da MPF, mas «a todas as raparigas de Portugal». Tinha por isso um aspecto gráfico mais arejado, da autoria de Maria Margarida Ottolini, que também era a ilustradora da *Fagulha*, juntamente com José Manuel Soares. Enquanto o *Boletim da MPF* actuara durante o período inicial de estruturação da organização quando esta se preocupou em formar primeiro uma futura elite dirigente, com a qual, depois, iria então atingir a «massa» das jovens, a *MeM* deixou de facto transparecer, nos anos 50, um abandono do elitismo inicial e um maior acompanhamento da mobilidade social que se fizeram então sentir na sociedade portuguesa.

No primeiro número da *MeM*, foi apresentado um de muitos concursos e inquéritos com os quais a revista tentou obter a colaboração das leitoras. Através da interrogação anódina «Nicho ou colmeia?», a MPF difundiu, nesse número, a ideia de que Portugal era um paraíso – pelo menos para algumas raparigas –, ao perguntar às jovens se preferiam «um aposento num arranha-céus» ou «uma pequena casa portuguesa». Havia, porém, o cuidado de especificar que, no arranha-céus, a leitora interrogada não teria «criada para todo o serviço», como no «nicho», mas «apenas uma mulher 3 horas por dia». Claro que o «nicho» foi votado por unanimidade, concluindo a *MeM* que todas as respostas revelavam «não só o bom gosto das filiadas como boa formação no ideal que do seu futuro lar fazem».



### *Menina e Moça*

Les nouveaux objectifs provenant du Statut Lycéen de 1947 ont été transmis dans les publications de la JFP. Cette année-là, le *Boletim da MPF* (1939-47) s'est subdivisé en deux journaux : le *Boletim para Dirigentes* (BD)<sup>23</sup>, édité entre 1946 et 1952, intégrant les *Folhas de Formação Moral*<sup>\*i-24</sup> précédentes, ainsi que les articles formatifs auparavant inclus dans le *Boletim da MPF* et *Menina e Moça* (M&M), publié entre 1947 et 1974. Cette publication, qui a continué à être dirigée par Maria Joana Mendes Leal, était une revue de caractère apparemment moins politisé que la revue précédente.

De grande divulgation, celle-ci prétendait atteindre non seulement les affiliées de la JFP, mais « toutes les jeunes filles du Portugal ». C'est pourquoi elle avait un aspect graphique plus allégé, ayant pour auteur Maria Margarida Ottolini qui était également l'illustratrice de *Fagulha* ainsi que José Manuel Soares. Alors que le *Boletim da MPF* avait agi durant la période initiale de structuration de l'organisation, quand celle-ci se souciait de former d'abord une future élite dirigeante avec laquelle ensuite, elle atteindrait la « masse » des jeunes filles, la *M&M* a de fait laissé paraître dans les années 50, un abandon de l'élitisme initial et un plus grand accompagnement de la mobilité sociale qui se sont fait sentir dans la société portugaise.

Dans la première édition de *M&M*, un des nombreux concours et enquêtes ayant pour but d'essayer d'obtenir la collaboration des lectrices a été présenté. En posant cette question anodine « Nid ou Ruche ? », la JFP a répandu, dans cette édition, l'idée que le Portugal était un paradis – du moins pour quelques jeunes filles – en leur demandant si

---

<sup>23</sup> Possível tradução: « *Bulletin pour Dirigeantes* » (BD).

<sup>24</sup> De acordo com o texto original, as notas da autora foram traduzidas e colocadas no fim. Ver pp. 145, 146.

elles préféreraient « un appartement dans un gratte-ciel » ou bien « une petite maison portugaise ». Il y avait, cependant le soin de spécifier que dans le gratte-ciel, la lectrice interrogée n’aurait pas de « bonne à tout faire » comme dans le « nid », mais « juste une femme de ménage 3 heures par jour ». Il est évident que le « nid » a été élu à l’unanimité, d’où la conclusion de la *M&M* que toutes les réponses révélait « non seulement le bon goût des affiliées, mais aussi une bonne formation de l’idéal de leurs futurs foyers ».

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
Tinha por isso um aspeto gráfico mais arejado (...)	<u>Gramatical</u> Omissão do sujeito em PT, que não se pode verificar na língua de chegada.	C’est pourquoi, elle avait un aspect graphique plus allégé (...)	Introdução do sujeito na 3ª pessoa do singular.
(...) quando esta se preocupou em formar (...).	<u>Gramatical</u> Tempo verbal	(...) celle-ci se souciait de former (...).	O pretérito perfeito passa para o imperfeito do indicativo, pois este tempo é utilizado para designar uma ação que dura no passado e exprime também o hábito e a repetição.

A ideologia passou a ser introduzida, na *Me&M*, de forma mais subtil do que no *Boletim da MPF*, em rubricas onde se notava um esforço para acompanhar os novos tempos: «História da Música»; «Desporto»; «Modas»; «Cinema» e «Leituras». Às colaboradoras, que já vinham do *Boletim*, juntaram-se Margarida Craveiro Lopes dos Reis, Maria da Conceição Costa Lobo, Maria Franco, Leonor Belo e, sobretudo Maria Mercier, também ilustradora, que se ocupava da transmissão de valores e comportamentos. Ester de Lemos dirigiu as páginas literárias e escreveu contos, enquanto Ester Gaspar Soeira e Sá se dedicou à «História das Mulheres».

Entre outras colaboradoras dos primeiros números da *Me&M*, Susana Pobre, Maria Antonieta Lima e Cruz e Teresa Ferreira de Macedo assinaram artigos sobre música e arte, Nuno de Montemor, João Maia, Maria de Carvalho e Maria Eugénia, ocuparam-se das leituras e da literatura, enquanto Arnaldo Brazão escrevia sobre História. Luís Chaves abordava os temas de ciência, «MLP», Júlio de Sousa Martins e João António Mendes Leal escreviam sobre cinema e teatro, rubrica onde este último substituiu Maria Estrela Monteiro. Teresa Alarcão era a responsável pela culinária, enquanto as autoras dos artigos sobre «Lar» eram Margarida Cabral Valente e Adriana Rodrigues, que assinava também «Os Novos Contos da Carochinha». As crónicas eram frequentes em todos os números,

habitualmente da autoria de Maria do Carmo Rodrigues, Maria Benedita, que também escrevia sobre moda, Maria Margarida Oliveira, Maria de Castro Henriques Osswald e Maria Rachel, que assinava «Conversa amena com uma chaleira».

Nesse período, a *Me&M* pouco se distinguia de outras revistas de adolescentes, excepto na forma como noticiava as actividades da MPF,



## Proposta de tradução da página 58

L'idéologie a commencé à être introduite dans la *M&M*, d'une manière plus subtile que dans le *Boletim da MPF*, sous forme de rubriques où était visible un effort pour accompagner les temps nouveaux : « Histoire de la musique », « Sport », « Mode », « Cinéma » et « Lectures ». Aux collaboratrices, participant déjà dans le *Boletim*, se sont associées Margarida Craveiro Lopes dos Reis, Maria da Conceição Costa Lobo, Maria Franco, Leonor Belo et surtout Maria Mercier, aussi illustratrice, qui s'occupait de la transmission de valeurs et de comportements. Ester de Lemos a dirigé les pages littéraires et a écrit des contes, pendant qu'Ester Gaspar Soeira e Sá s'est consacrée à « l'Histoire des Femmes ».

Entre autres collaboratrices des premières éditions de la *M&M*, Susana Pobre, Maria Antonieta Lima e Cruz et Teresa Ferreira de Macedo ont signé des articles portant sur la musique et l'art, Nuno de Montemor, João Maria, Maria do Carvalho et Maria Eugénia se sont occupés des lectures et de la littérature, tandis qu'Arnaldo Brazão écrivait sur l'histoire. Luis Chaves abordait les thèmes de la science, « MLP<sup>25</sup> », Júlio de Sousa Martins et João António Mendes Leal écrivait sur le cinéma et théâtre, rubrique dans laquelle ce dernier a remplacé Maria Estrela Monteiro. Teresa Alarcão était la responsable de la rubrique gastronomie, alors que les auteurs des articles traitant du « Foyer<sup>26</sup> » étaient Margarida Cabral Valente et Adriana Rodrigues, laquelle signait aussi les « Les Nouveaux Contes pour Enfants ». Les chroniques étaient fréquentes dans toutes les éditions, normalement ayant pour auteur Maria do Carmo Rodrigues, Maria Benedita, qui écrivait aussi des articles de mode, Maria Margarida Oliveira, Maria de Castro Henriques Osswald et Maria Rachel, qui était l'auteur de l'article « Conversa

---

<sup>25</sup> Segundo Irene Flunser Pimentel, estas iniciais são de uma autora. Contudo, não conseguiu averiguar por completo o nome da mesma.

<sup>26</sup> Apesar de não se traduzir os nomes de revistas e obras ao longo da tradução. Optámos por traduzir algumas, pois são títulos de artigos da realidade da língua de chegada.



amena com uma chaleira<sup>27</sup>».

A cette époque, la *M&M* n'était pas très différente des autres revues pour adolescentes, excepté dans la manière dont elle exposait les activités de la JFP,

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
«MLP»	<u>Lexical</u> Palavra desconhecida e sem qualquer nota ou referência à mesma ao longo de todo o texto.	Não traduzir	« MLP » - Segunda a autora, estas letras seriam as iniciais do nome de uma autora na época. No entanto, ela não conseguiu averiguar que nome era esse. Portanto, manteve-se a palavra original.
«Conversa amena com uma chaleira »	<u>Lexical</u>  Termo chaleira	-bouilloire -théière	Possível tradução : « Douce conversation avec une théière ». Utilização de « théière » mais comum na língua de chegada.

<sup>27</sup> Tradução possível: « Douce conversation avec une théière ».

### Texto original da página 59

cada vez mais remetidas para uma página no interior. Estas eram, por outro lado, cada vez mais dedicadas às diversas iniciativas religiosas da organização, embora a *M&M* continuasse a transmitir o culto de Salazar e de outros dirigentes do regime. As campanhas internacionais também constituíram meios para a formação política e ideológica das filiadas: por exemplo, em 1956, a revista realizou, nomeadamente, colectas de dinheiro para apoiar as «vítimas do comunismo» na Hungria<sup>2</sup>.

Em Janeiro de 1961, ano em que a MPF também começou a editar, para as jovens adolescentes não escolarizadas de classes sociais mais baixas, a revista mensal *De Mãos Dadas*, dirigida por Aida Cardigas, a *M&M* mudou de visual, ficando com um formato mais pequeno. Como sublinhou a própria directora da revista, esta «actualizou-se, modernizou-se conservando intacto o ideal formativo e cultural» para se tornar numa «revista da rapariga portuguesa que não tem ainda o gosto estragado pelas leituras que não valem nada e que poderão deformar a sua mentalidade e sensibilidade».

As páginas de moda ganharam importância, passando a ser ilustradas com fotografias cedidas pela casa de «Modas Constanze». As fotografias, fornecidas gratuitamente pela Kodak, ilustravam aliás cada vez mais a revista, embora os desenhos nunca tivessem sido postos de lado. Podia-se então ler, na *M&M*, rubricas próprias

de todas as revistas femininas: «Humorismo», «Astrologia», «Caractereologia», «Grafologia», «Enciclopédia familiar», «Beleza», «Psicologia», «Portugal de lés a lés», reportagens com mulheres de relevo e conselhos sobre a escolha de profissões femininas.

A *M&M* acompanhou as mudanças no seio da MPF, decorrentes da saída de Maria Guardiola e a sua substituição, como comissária nacional, por Ana Luz Silva. No número de Maio de 1969, desapareceu, da capa, a referência à Mocidade Portuguesa Feminina. Em Outubro desse ano, surgiu ainda a revista semestral *Lavores e Trabalhos Manuais*, para apoiar os programas de ensino de labores e auxiliar as respectivas educadoras da MPF, dirigindo-se também às – poucas – adolescentes não escolarizadas, com uma linguagem simples e rubricas «femininas» de preparação para a vida no lar e o trabalho artesanal.

O facto de a MPF ter deixado de ser de filiação obrigatória, em 1971 também foi abordado na *M&M*, que se preocupou em tratar temas mais modernos. No seu último número, de Abril de 1974, foram abordados temas como «Recordando a Goa portuguesa», além de ser anunciado que estavam a decorrer as provas para o concurso «Rapariga Ideal, 1974». O resultado seria anunciado no número seguinte, mas por razões óbvias – a extinção da MPF, em 25 de Abril – este já não saíra.

### Proposta de tradução da página 59

qui étaient de plus en plus renvoyées dans ses pages internes. Celles-ci étaient, d'un autre côté, de plus en plus consacrées à plusieurs initiatives religieuses de l'organisation, bien que la *M&M* ait continué à transmettre le culte de Salazar et d'autres dirigeants du régime. Les campagnes internationales ont également été des moyens de formation politique et idéologique des affiliées : par exemple en 1956, la revue a réalisé nommément des collectes d'argent pour aider les « victimes du communisme » en Hongrie<sup>\*ii</sup>.

En janvier 1961, année pendant laquelle la JFP a également commencé à éditer pour les jeunes adolescentes non scolarisées, des classes sociales populaires, la revue mensuelle appelée *De Mãos Dadas*<sup>28</sup>, dirigée par Aida Cardigas. La *M&M* a changé d'apparence, adoptant un format plus petit. Ainsi que l'a souligné la directrice elle-même : la revue, s'est « actualisée, modernisée conservant intact l'idéal formatif et culturel » pour devenir la « revue de la jeune fille portugaise qui n'a pas encore le goût gâché par des lectures qui ne valent rien et qui pourront déformer sa mentalité et sa sensibilité ».

Les pages de la mode ont gagné de l'importance, maintenant illustrées avec des photographies cédées par la maison « *Modas Constanze* »<sup>29</sup>. Les photographies fournies gratuitement par Kodak illustraient d'ailleurs de plus en plus la revue, bien que les dessins n'aient jamais été mis de côté. On pouvait alors lire dans la *M&M*, les rubriques spécifiques à toutes les revues féminines : « Humour<sup>30</sup> » ; « Astrologie » ; « Caractérogie » ; « Graphologie » ; « Encyclopédie Familiale » ; « Beauté » ; « Psychologie » ; « Le Portugal d'un bout à l'autre », des reportages avec des femmes de succès et des conseils sur le choix de professions féminines.

La revue *M&M* a accompagné les changements au sein de la JFP dus au départ de Maria Guardiola et de son remplacement en tant que commissaire nationale par Ana Luz Silva. Dans l'édition de mai 1969, l'allusion à la Jeunesse Féminine Portugaise a disparu de la couverture. En octobre de la même année, la revue semestrielle « *Labores e Trabalhos Manuais* »<sup>31</sup> a surgi pour soutenir les programmes d'enseignement des travaux manuels et venir en aide aux éducatrices de la JFP se dirigeant également aux – quelques – adolescentes non scolarisées, avec un langage simple et des rubriques

---

<sup>28</sup> Possível tradução: « *Main dans la Main* »

<sup>29</sup> Possível tradução: « *Modes Constanze* »

<sup>30</sup> Tradução dos nomes das rubricas devido à sua plena equivalência na língua e cultura de chegada.

<sup>31</sup> Possível tradução: « *Travaux d'aiguilles et Travaux Manuels* »

« féminines » de préparation à la vie du foyer et au travail artisanal.

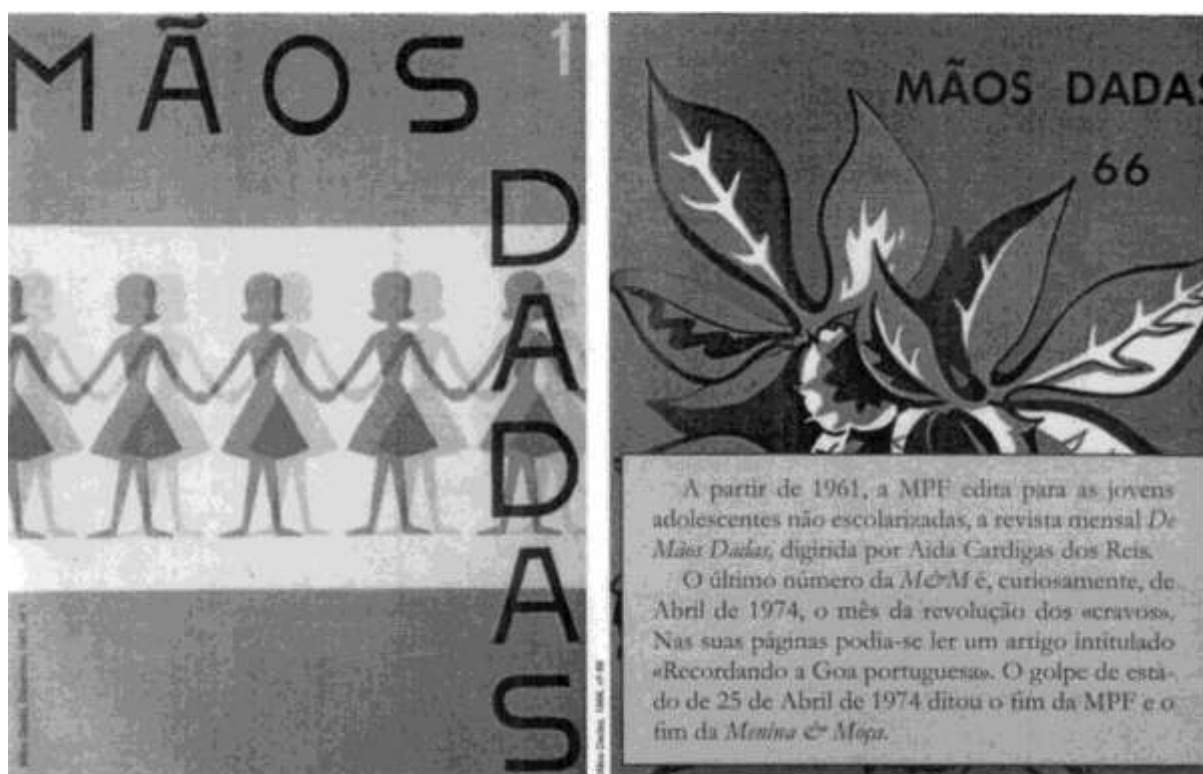
Le fait que la JFP ait cessé d'être d'affiliation obligatoire en 1971 a été aussi abordé dans la *M&M* qui s'est préoccupée de thèmes plus modernes. Dans sa dernière édition d'avril 1974, des thèmes comme « Recordando a Goa portuguesa<sup>32</sup> » ont été abordés, annonçant aussi le déroulement des épreuves pour le concours de « La jeune fille idéale, 1974 ». Le résultat de ce concours allait être annoncé dans l'édition suivante, mais pour des raisons évidentes – l'extinction de la JFP, le 25 avril – cette édition n'est pas parue.

#### Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) não escolarizadas de classes sociais mais baixas (...).	<u>Lexical</u> mais baixas	-plus basses -populaires	(...) non scolarisées, des classes sociales populaires (...). O termo “populaires” é o termo utilizado na língua de chegada para designar a classe inferior à alta e média. Do ponto de vista sociológico, este termo abrange uma definição mais descritiva que tem em conta as diferentes desigualdades (económicas, políticas ou culturais).
(...) auxiliar as educadoras (...)	<u>Lexical</u> Educadoras no sentido de professoras?	-Enseignantes -Educatrices	(...) venir en aide aux éducatrices (...). Optámos por éducatrices, pois o termo vem da entidade Educação Nacional, conforme explicado pela autora.

<sup>32</sup> Possível tradução: « Souvenir de Goa portugaise »

Texto original da página 60



Proposta de tradução da página 60

A partir de 1961, la JFP édite pour les jeunes adolescentes non scolarisées, la revue mensuelle « *De Mãos Dadas* », dirigée par Aida Cardigas dos Reis. La dernière édition de la *M&M* date curieusement d'avril 1974, mois de la révolution des « œillets ». Dans les pages de cette édition, on pouvait lire un article intitulé « Souvenir de Goa portugaise ». Le coup d'état du 25 avril 1974 a dicté la fin de la JFP et la fin de la *Menina & Moça*.

Sem dificuldades de tradução.

### 3.

**«Uma mulher capaz de compreender a doce sujeição  
que a esposa deve ao marido.»**

**A mulher ideal que a MPF desejava «criar»**

**P**ara António de Oliveira Salazar o papel da mulher era claro: «Deixemos o homem a lutar com a vida no exterior, na rua... E a mulher a defendê-la, a trazê-la nos seus braços, no interior da casa...» (Salazar, 1932). Até porque como refere em 1933 «nunca houve nenhuma boa dona de casa que não tivesse muito que fazer».

Era pois preciso educar esta «nova mulher» e mais uma vez, o *Boletim da MPF* e a *M&M* foram veículos de transmissão dos novos valores femininos. Tratava-se sobretudo de fazer da jovem filiada uma futura esposa que soubesse cozinhar requintadamente e gerir o trabalho doméstico a cargo das criadas, assim como conseguir que tivesse uma cultura geral suficiente para acompanhar o futuro marido da mesma classe social. Era esse o seu lugar na nação, que raramente passava pelo exercício de uma profissão ou pela actividade política. O seu papel passava por um envolvimento no serviço social e educativo.

**«O que nós queremos  
que as raparigas sejam»**

Nas jovens, a publicação da MPF tentou inculcar, sem grande êxito aliás, a austeridade no vestuário e o pudor nas praias, enquanto, nas outras – por exemplo, as jovens da pequena-burguesia –, criticou as tentativas de ascensão social. Os filmes e os livros que viam e liam eram estritamente vigiados pela organização feminina que também controlava as relações das



Ilustração de Luís Francisco, 1942, p. 42

**« Une femme capable de comprendre la douce sujétion que l'épouse doit à son mari ».**

**La femme idéale que la JFP souhaitait « créer »**

Pour António de Oliveira Salazar, le rôle de la femme était clair : « Laissons l'homme lutter de sa vie à l'extérieur, dans la rue... Et la femme à la défendre, la porter dans ses bras, au sein du foyer... » (Salazar, 1932). Et ajoute en 1933 « il n'y a jamais eu de bonne maîtresse de maison qui n'ait eu de quoi s'occuper ».

Il était donc nécessaire d'éduquer cette « nouvelle femme » et une fois de plus, le *Boletim da MPF* et la *M&M* ont été les moyens de transmission des nouvelles valeurs féminines. Il s'agissait surtout de faire de la jeune affiliée une future épouse qui saurait cuisiner avec raffinement et gérer les tâches ménagères à la charge des bonnes, ainsi que réussir à ce qu'elle ait une culture générale suffisante pour accompagner le futur époux issu de la même classe sociale. C'était là, sa place dans de la nation, qui rarement passait par l'exercice d'une profession ou par une activité politique. Son rôle incluait une participation dans le service social et éducatif.

**« Ce que nous voulons que les filles soient »**

La publication de la JFP a essayé d'inculquer aux jeunes filles, sans grand succès d'ailleurs, l'austérité dans l'habillement et la pudeur dans les plages, alors qu'aux autres – par exemple, les jeunes filles de la petite bourgeoisie, elle a critiqué les tentatives d'ascension sociale. Les films et les livres qu'elles voyaient et lisaient étaient strictement surveillés par l'organisation féminine qui contrôlait également les relations

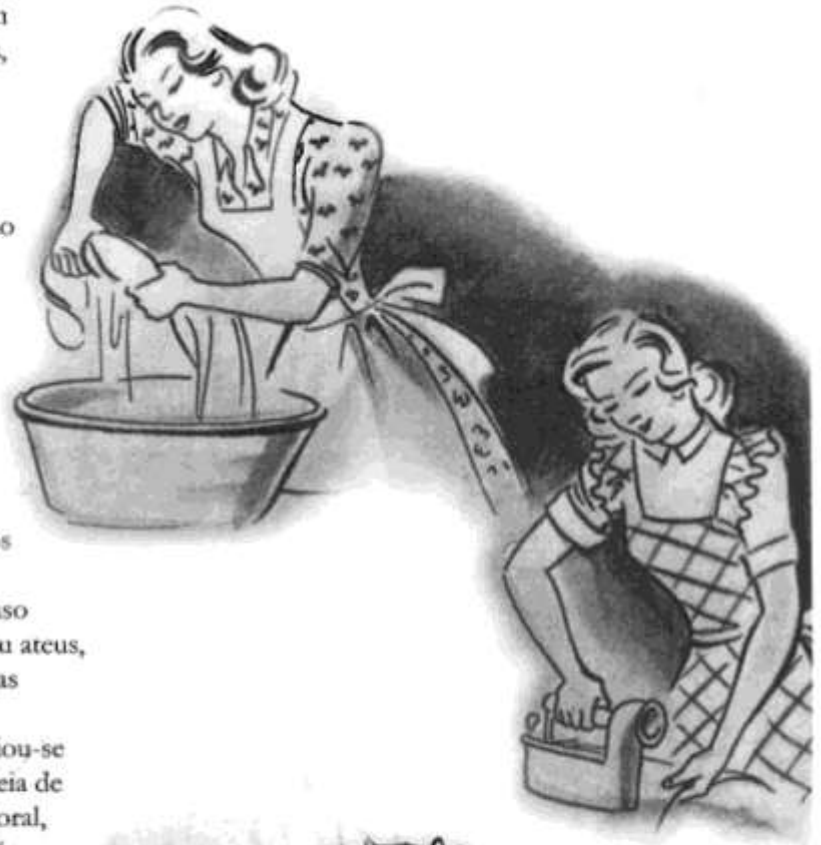
Sem dificuldades de tradução.

das jovens com a família, os amigos e com os elementos do sexo oposto. Nas escolas, as jovens deviam permanecer entre elas, enquadradas pelas dirigentes da MPF, e nunca socializadas através de relações com jovens do outro sexo.

A segregação entre os espaços feminino e masculino era particularmente aconselhada e as influências estrangeiras assim como a vida moderna eram consideradas perigosas. Através das suas publicações, a MPF manifestou-se particularmente contra os conflitos de gerações, intimando as jovens a permanecer no seio da família até ao casamento, a obedecer reverentemente aos pais e a não mostrar qualquer espírito de independência. Evidentemente que, no caso de os pais serem da oposição ao regime ou ateus, a MPF não se coibia de influenciar as filhas mesmo contra a família.

Entre Maio e Novembro de 1941, iniciou-se no *Boletim da MPF*, a cargo de Hilda Correia de Barros, delegada provincial do Douro Litoral, uma nova rubrica, com o título «O que nós queremos que as nossas raparigas sejam». Esta série não tinha «só por fim uniformizar as raparigas», nem «só ensinar-lhes a parte técnica do governo da casa e dos cuidados das crianças», mas pretendia sobretudo «educar as raparigas – não de fora para dentro mas de dentro para fora». Em suma, as «nossas raparigas» deveriam ser elegantes e verdadeiras, boas, calmas, bem educadas, simples, activas e incansáveis, decididas e sãs.

Em 1944, uma nova série, intitulada «Raparigas Sérias», assinada por Coccinelle, a habitual colaboradora dos artigos sobre difusão de comportamentos, apelou às leitoras para que fossem



Raparigas que sabem, fazem florir à sua rode as doces virtudes familiares



#### Proposta de tradução da página 64

de ces jeunes avec la famille, les amis et les éléments du sexe opposé. Dans les écoles, les jeunes filles devaient rester entre elles, encadrées par les dirigeantes de la JFP et jamais socialisées à travers des relations avec des jeunes de l'autre sexe.

La ségrégation entre les espaces féminin et masculin était particulièrement conseillée et les influences étrangères tout comme la vie moderne étaient considérées dangereuses. A travers de ses publications, la JFP s'est principalement manifestée contre les conflits de générations, intimant les jeunes à rester au sein de la famille jusqu'au mariage, à obéir révérencieusement aux parents et à ne montrer aucun esprit d'indépendance. Evidemment, même si les parents étaient opposants au régime ou athées, la JFP ne s'abstenait pas d'influencer les filles même contre la famille.

De mai à novembre 1941, dans le *Boletim da MPF* a été lancée une nouvelle rubrique intitulée « Ce que nous voulons que nos jeunes filles soient » sous la responsabilité d'Hilda Correia de Barros, déléguée de province du Douro Litoral. Cette série n'avait pas « seulement pour but d'uniformiser les jeunes filles », ni de « juste leur enseigner la partie technique de la gérance du foyer et des soins des enfants », mais prétendait surtout « éduquer les jeunes filles – non pas de l'extérieur vers l'intérieur mais de l'intérieur vers l'extérieur ». En somme, « nos jeunes filles » devraient être élégantes et vraies, bien intentionnées, calmes, bien éduquées, simples, atives et infatigables, décidées et saines.

En 1944, une nouvelle série intitulée « Jeunes Filles Sérieuses », signée par Coccinelle, la collaboratrice habituelle des articles sur la diffusion de comportements, a fait appel aux lectrices pour qu'elles soient

Sem dificuldades de tradução.

### Texto original da página 65

rectas, honestas, com bons princípios, simples, verdadeiras, cumpridoras dos seus deveres, elegantes, asseadas e ordenadas. Deviam, em suma, ter essa «elegância que as raparigas frívolas descuram tanto», e, ao contrário destas, que gastavam o seu tempo «em chás e mah-jongs», mostrar-se espiritualmente superiores, amar os pobres e colaborar em obras sociais e religiosas.

### Proposta de tradução da página 65

correctes, honnêtes, ayant de bons principes, simples, vraies, respectueuses de leurs devoirs, élégantes, soignées et ordonnées. Elles devaient, en somme, avoir cette « élégance que les jeunes filles frivoles méprisent tant » et contrairement à celles-ci qui perdaient leur temps « avec des thés et mah-jongs », elles devaient se montrer spirituellement supérieures, aimer les pauvres et collaborer à des œuvres sociales et religieuses.

### Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) mostrar-se espiritualmente superiores (...).	<u>Sintático</u>	(...) elles devaient se montrer spirituellement supérieures (...).	Repetição do sujeito e do verbo para se obter uma sintaxe mais formal na língua de chegada.

Texto original da página 66

A MPF queria fazer das jovens filiadas, mulheres ideais. Os artigos do *Boletim da MPF* e da *M&M* davam os conselhos necessários: «ser boa dona de casa mas sem maçar os outros com os acontecimentos caseiros, compreensiva dos gostos e necessidades alheias, afectuosa para a família do marido, pontual, discreta com os seus amigos, económica, sincera e leal, com bom génio, dócil, séria, confiante, pouco tagarela e sem usar “baton”». Era preciso combater a futilidade, o excesso, as «modernices» como a pastilha elástica ou a forma como se dobrava um bilhete da carris...

Proposta de tradução da página 66

La JFP désirait faire de ses jeunes affiliées des femmes idéales. Les articles du *Boletim da MPF* et la *M&M* donnaient les conseils nécessaires : « être une bonne femme au foyer, mais ne pas ennuyer les autres avec les problèmes ménagers, compréhensive des goûts et des besoins d’autrui, affectueuse envers la famille du mari, ponctuelle, discrète avec ses amis, économe, sincère et loyale, ayant un bon caractère, douce, sérieuse, confiante, peu bavarde et sans porter de « rouge à lèvres ». Il était nécessaire de combattre la futilité, l’excès, les « nouveautés » comme le chewing-gum ou bien la façon de plier le ticket de bus...

Sem dificuldades de tradução.

## Já passo bem sem aia...

### Modesta mas respeitadora das diferenças sociais

Características da «nova mulher» eram a modéstia mas também a noção de que existiam classes sociais diversas e que cada uma devia estar ciente do seu lugar. O *Boletim da MPF* propunha o uso na rua de um vestuário modesto e austero mas adaptado aos diversos meios sociais. Nenhuma filiada devia usar roupa imprópria para a sua «condição», como aconselhou a colaboradora Coccinelle, no *Boletim* de Novembro de 1942, segundo a qual as meninas ricas deveriam, pelo seu exemplo, «sempre mostrar aos pobres» como «se veste de um modo correcto e com uma graça modesta». A sua missão passava por ajudar os «pobres» a escolher «o mais bonito e o mais apropriado» sem serem «tentados a vestir-se acima da sua» condição.

Muitos artigos tentavam também quebrar preconceitos e arrogância excessivos impelindo as jovens à simplicidade e à caridade para com as mais pobres. «Pobres Florinhas dos Salões» – observou Mary Forbes, no *Boletim da MPF*, de Março de 1941, ao dirigir-se àquelas que, querendo «descer até às Florinhas da Rua», estavam «manietadas» pelos preconceitos dos «grandes». Lembrando o «nobre e sublime exemplo» dado pela MPF, «preparando berços para as crianças de Portugal», a articulista afirmou ser missão do rico «curvar-se sobre o pobre que sofre e aliviá-lo». A filiada não devia ser como as meninas «bem» que desprezavam os pobres e pensavam só em divertir-se, nem se devia importar com a troça das que seguiam as «doutrinas modernistas».

As leitoras do *Boletim da MPF* só se relacionavam de facto com pessoas de outras classes sociais através dos «subalternos» que prestavam serviço nas famílias. Em Setembro de 1943, um artigo de «Mamia» (Roque Gameiro) dava às leitoras conselhos sobre como lidar



**Je me débrouille bien sans domestique.**

**Modeste mais respectueuse des différences sociales**

La modestie, mais aussi la notion de l'existence des différentes classes sociales et que chacune devait être consciente de sa place étaient les principales caractéristiques de la « nouvelle femme ». Le *Boletim da MPF* proposait l'utilisation dans la rue de vêtements modestes et austères, mais adaptés aux différents milieux sociaux. Aucune affiliée ne devait porter de vêtements inappropriés à sa « condition », comme l'a conseillé la collaboratrice Coccinelle dans le *Boletim* de novembre 1942, selon celui-ci les jeunes filles riches devraient par leur exemple « toujours montrer aux pauvres » comment « s'habiller d'une façon correcte et avec une grâce modeste ». Leur mission était d'aider les « pauvres » à choisir « le plus joli et le plus approprié » sans être « tentés à s'habiller au-delà de leur condition ».

Beaucoup d'articles essayaient également de rompre les préjugés et l'arrogance excessifs en incitant les jeunes filles à la simplicité et à la charité envers les plus pauvres. « Pauvres Petites Fleurs des Salons » - a observé Mary Forbes, dans le *Boletim da MPF* en mars 1941, se dirigeant à celles qui voulant « descendre au niveau des bonnes », étaient « prisonnières » des préjugés des « grands ». Rappelant le « noble et sublime exemple » donné par la JFP, « préparant les berceaux pour les enfants du Portugal », la rédactrice a affirmé que la mission du riche était de « se pencher vers le pauvre qui souffre et le soulager ». L'affiliée ne devait pas être comme les autres jeunes filles « aisées » qui méprisaient les pauvres et ne pensaient qu'à s'amuser, ni ne devaient donner de l'importance à la moquerie de celles qui suivaient les « doctrines

modernistes ».

Les lectrices du *Boletim da MPF* ne fréquentaient effectivement les personnes d'autres classes sociales qu'à travers de « subalternes » qui travaillaient pour les familles. En septembre 1943, un article de « Mamia » (Roque Gameiro), donnaient aux lectrices des conseils sur comment traiter

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
Já passo bem sem aia...	<u>Lexical</u> aia	-dame de compagnie -gouvernante -femme de chambre -bonne -domestique	Je me débrouille bien sans domestique... Optámos por traduzir aia por “domestique” para manter as diferenças sociais que se verificavam na altura e porque aqui a autora não se está a referir à criada comum.
“Pobres Florinhas dos Salões” (...) “descer até às Florinhas da Rua” (...).	<u>Conotação Lexical</u> -Pobres Florinhas dos Salões -Florinhas da Rua	-Pauvres Petites Fleurs des Salons -Petites Fleurs de la Rue -Bonnes	« Pauvres Petites Fleurs des Salons » (...) « descendre au niveau des bonnes » (...). Optámos por colocar “bonnes” em vez de “Petites Fleurs de la Rue”, porque tinha

			<p>uma grande conotação social tal como referiu Irene Pimentel, pois aqui ela estava-se a referir às criadas.</p>
<p>A filiada não devia ser como as meninas “bem” (...)</p>	<p><u>Lexical</u> “bem”</p>	<p>-de bonnes familles -aisées</p>	<p>L’affiliée ne devait pas être comme les autres jeunes filles « aisées» (...). Optámos por colocar « aisées », pois está a referir-se às meninas ricas que pertenceriam à elite feminina, conforme explicado pela autora.</p>



com as criadas, termo que começava a ser depreciativo em Portugal, «mercê da falta de generosidade» com que eram tratadas. Contra essa situação, havia que «olhar caridosamente» para quem «servia, não troçar da sua ignorância, ter a noção de que se tratava de uma pobre rapariga às vezes vinda de outra terra cheia de saudades dos seus», e «tender a fazer da criada uma pessoa amiga». Uma «boa filiada da MPF» devia abster-se de tocar à campainha para pedir tudo, um direito reservado só aos pais devido à sua idade e à sua posição social e dispensar bom tratamento às «criadas» (*M&M*, Julho/Agosto de 1951).

Mas um dos responsáveis pelo figurino da nova rapariga da MPF foi sem dúvida o padre Gustavo de Almeida, que, nos seus apelos em favor da «heroicidade» e contra a «mediocridade» e a «cobardia», no *Boletim da MPF* de Junho e Julho de 1939, bem como de Setembro de 1940, criticou particularmente os «gozadores da vida, parasitas da sociedade – os comilões, os *dandys*, os endinheirados, as *sécias*», que «não vivem, vegetam». Segundo ele, a rapariga deveria trabalhar para não ser «fútil, leviana, medíocre, egoísta, boneca de vaidades, bibelot de praia ou menina parasita» (*Boletim*, Julho de 1940). Entre os «inimigos traiçoeiros» das jovens, Gustavo de Almeida apontou, em Março de 1941, «a revista lindamente apresentada, o jornal “sério”, o filme “inocente”, o senhor e o menino “bem”, as meninas “possidónias”».

Na *M&M* foi Maria Mercier que se encarregou de dar às leitoras os mais variados conselhos sobre comportamentos. Entre as

qualidades que as leitoras deviam possuir e os defeitos a combater contavam-se, no primeiro caso, a simplicidade, a elegância, a boa educação e a cultura, e, no segundo caso, a má-língua, a vaidade, o desleixo, a cólera, a curiosidade, a tagarelice, a indolência e a arrogância.

***Todos sabem troçar, mas nem todos cuidam da maneira de evitar essa falta de caridade. A propósito de tudo surge o dito irónico e o riso malicioso.***

***Não há tempo de cuidar se o que nos chama a atenção é um defeito físico, uma falha de inteligência ou uma falta de meios.***

***Troçamos, com a mesma «sem-razão» com que nos rimos duma pessoa que tropeça e cai.***

***Rimo-nos de quem conhecemos e de quem não conhecemos.***

***Que falta de bondade!***



***Não esqueçamos que aquilo que nos parece indolência ou desmazelo, é muitas vezes só falta de saúde ou fraqueza.***



***Quando apreciamos o trabalho de alguém, sejamos benévolos.***

***Há um sistema que devemos usar para fugir à troça quando apreciamos os trabalhos de outrem, não esqueçamos: começar sempre por notar as qualidades.***

***Duma maneira geral:***

***Por caridade... não troçar.***



### Proposta de tradução da página 68

les bonnes, terme qui commençait à être dépréciatif au Portugal, « résultat du manque de générosité » dans la manière dont elles étaient traitées. Contre cette situation, il fallait « regarder charitablement » qui « servait, ne pas se moquer de son ignorance, être consciente qu'il s'agissait d'une pauvre fille, parfois venue d'un autre village, souffrant du manque des siens » et « essayer de faire de la bonne une personne amie ». Une bonne affiliée de la JFP devait s'abstenir de sonner la cloche pour tout et pour rien, droit réservé à peine à ses parents dû à leur âge et position sociale, et traiter convenablement les « bonnes » (*M&M*, juillet/août 1951).

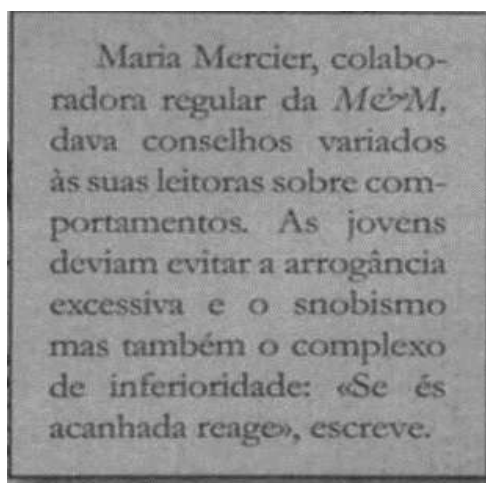
Mais, un des responsables du modèle de la nouvelle jeune fille de la JFP a été sans aucun doute le prêtre Gustavo de Almeida qui, dans ses appels en faveur de la « héroïcité » et contre la « médiocrité » et la « lâcheté », dans le *Boletim da MPF* de juin et juillet 1939, ainsi qu'en septembre 1940, a critiqué particulièrement les « bons vivants, parasites de la société – les gloutons, les *dandys*, les riches, les coquettes », qui « ne vivent pas, mais végètent ». Selon lui, la jeune fille devrait travailler pour ne pas être « futile, légère, médiocre, égoïste, poupée de vanités, bibelot de plage ou petite fille parasite » (*Boletim*, juillet 1940). Parmi les « ennemis traîtres » des jeunes filles, Gustavo de Almeida a indiqué en mars 1941, « la revue joliment présentée », le journal « sérieux », le film « innocent », le monsieur et le garçon « bien », les petites filles « mal-élevées ».

Dans la *M&M*, c'est Maria Mercier qui s'est occupée de donner aux lectrices les divers conseils au sujet des comportements. Parmi les qualités à avoir et les défauts que les lectrices devaient combattre, on pouvait compter, dans le premier cas, la simplicité, l'élégance, la bonne éducation, la culture et dans le deuxième cas, la mauvaise-langue, la vanité, l'insouciance, la colère, la curiosité, le bavardage, l'indolence et l'arrogance.

## Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) as criadas	<u>Lexical</u> bonnes	-bonnes -domestique	(...) les bonnes Optámos pelo termo “bonnes”, porque do ponto de vista histórico-cultural , é o termo mais apropriado para se referir à empregada da classe inferior.

### Texto original da página 69



### Proposta de tradução da página 69

Maria Mercier, régulière collaboratrice de la *M&M* donnait à ses lectrices des conseils divers au sujet des comportements. Les jeunes filles devaient éviter l’arrogance excessive et le snobisme ainsi que le complexe d’infériorité : « Si tu es timide, réagis », écrit-elle.

Sem dificuldades de tradução.

Cabia-lhes, por outro lado, irradiar bondade e praticar a caridade, bem como saber comportar-se nas mais variadas situações (*M&M*, Julho/Agosto de 1947, Maio de 1950, Janeiro de 1953, Março, Abril, Outubro e Novembro de 1958).

### Entre o elitismo inicial e a mobilidade social

No final da década de 50, a *M&M* começou a preocupar-se em dar a conhecer às leitoras, jovens de classes sociais diversas, através de entrevistas com «raparigas como nós mas com um género de vida tão diferente da facilidade, da futilidade, do comodismo que tantas vezes constitui a nossa vida». A postura da revista continuava assim a veicular a ideia do corporativismo do Estado Novo, não se afastando do elitismo e da noção de «cada um no seu lugar».

Maria da Graça Serrão publicou essas entrevistas, na rubrica «Encontros com Meninas e Moças». Uma delas, uma empregada de escritório, internada há dez meses no sanatório,



Ao mesmo tempo que se combatia o snobismo e a falta de bom senso, a *M&M* começou a mostrar às suas leitoras, raparigas de outras classes sociais: a costureira ou a empregada de escritório internada no sanatório.



A actriz de cinema americana, Carol Baker, passa a ser a mulher ideal nos anos 50, algo impensável nas páginas do *Boletim da MPF* nos anos 30 e 40.



## Proposta de tradução da página 70

Elles devaient aussi irradier bonté et pratiquer la charité, ainsi que savoir se comporter dans les plus diverses situations (*M&M*, juillet/août 1947, mai 1950, janvier 1953, mars, avril, octobre et novembre 1958).

### **Entre l'élitisme initial et la mobilité sociale**

A la fin des années 50, la *M&M* a commencé à se préoccuper de faire connaître aux lectrices, les jeunes filles de diverses classes sociales, à travers des interviews à « des filles comme nous, mais avec un style de vie si différent de la facilité, de la futilité, de la commodité qui tant de fois constitue notre vie ». La posture de la revue continuait ainsi à véhiculer l'idée du corporatisme de l'Etat Nouveau, ne s'éloignant pas de l'élitisme et de la notion de « chacun à sa place ».

Maria da Graça Serrão a publié ces interviews dans la rubrique « *Encontros com Meninas e Moças*<sup>33</sup> ». L'une d'entre elles, une employée de bureau internée depuis dix mois au sanatorium,

L'actrice de cinéma américain, Carol Baker, devient la femme idéale dans les années cinquante, ce qui était impensable dans les pages du *Boletim da MPF* dans les années 30 et 40.

Sem dificuldades de tradução.

---

<sup>33</sup> Tradução possível: « *Rencontres avec Les Petites et Jeunes Filles* »

# A Mulher Ideal

Foto colida pela Kodak. 1960.

explicou que a doença lhe tinha feito «muito bem no aspecto moral» porque Deus a recompensaria por aceitar a «parte de sofrimento» que lhe foi reservada. Outra era uma costureira com cinco irmãos, desejando relacionar-se com «raparigas das escolas técnicas, muito sossegadas» que lamentava que as estudantes a olhassem «com superioridade» (*M&M*, Maio de 1959).

Nos anos 60, a *M&M* continuava a difundir determinados valores morais e comportamentos, induzidos nas diversas rubricas de ficção, arte, cultura, ciência, cinema, literatura, culinária, moda, lar, assim como nos artigos sobre mulheres célebres. As formas de inquéritos e de teste, quase sempre da autoria de Maria Mercier, eram frequentemente utilizadas, sendo as leitoras convidadas a responder a perguntas como «És simples ou snob?» ou «Como reages? Com bom senso? Ou disparatadamente?» Em 1960, um artigo de Maria Mercier, intitulado «Diz-me onde habitas, dir-te-ei quem tu és», descrevia jovens de um espectro social já mais diversificado do que anteriormente.

No entanto, a forma caricatural e estanque sob a qual as classes sociais surgiam continuava a revelar fraco relacionamento entre classes e uma escassa mobilidade social: eram, por exemplo, aí retratadas duas *snobs* conservadoras de classe alta, uma «intelectual» e uma rapariga da pequena burguesia com um gosto medíocre e a veleidade de ascender socialmente. Seis anos depois, a mesma colaboradora da revista fez



de novo o perfil de jovens de várias classes sociais, onde era particularmente criticado o «Zé-ninguém que quer armar, que não desce a cumprimentar os jornaleiros».

Em 1967, outro artigo era, porém, revelador de uma maior mobilidade social nas escolas, ao propor às leitoras uma postura mais «igualitária»:

«portas adentro da escola, do colégio, da faculdade, lá dentro és igual a todas as outras colegas, seja o pai ministro ou contínuo, nada de vassalagem das que não vão de carro até ao portão, um dia uma será empregada dos correios, outra professora, sê amável, simples camarada, igual a outras, não andes só num grupo “bem” nem te limites à convivência das modestas. Esses compartimentos exagerados acabam sempre por ser artificiais. [...] Deixa lá as diferenças que elas bem acabam por vir um dia mais tarde [...] e nem sempre como tu pensas...»

## Proposta de tradução da página 71

a expliqué que la maladie lui avait fait « beaucoup de bien du point de vue moral », puisque Dieu la récompenserait d'avoir accepté la « part de souffrance » qui lui a été réservée. Une autre était une couturière avec cinq frères désirant fréquenter des « jeunes filles des écoles techniques, très sages qui se plaignait du fait que les étudiantes la regardaient « avec supériorité » (*M&M*, mai 1959).

Dans les années 60, la *M&M* continuait à diffuser certaines valeurs morales et des comportements, conseillés dans les diverses rubriques de fiction, art, culture, science, cinéma, littérature, gastronomie, mode, foyer, ainsi que dans les articles sur femmes célèbres. Les formats des enquêtes et des tests, presque toujours élaborés par Maria Mercier, étaient fréquemment utilisés. Les lectrices étaient invitées à répondre à des questions telles que « Es-tu simple ou snob ? » ou bien « Comment réagis-tu ? Avec bon sens ? Ou stupidement ? » En 1960, un article de Maria Mercier intitulé « Dis-moi où tu habites, je te dirais qui tu es », décrivait des jeunes d'un spectre social plus diversifié que le précédent.

Cependant, la forme caricaturale et étanche, sous laquelle les classes sociales apparaissaient, continuait à révéler une faible relation entre classes et une mobilité sociale insuffisante : par exemple, deux snobs conservatrices de la classe haute, une « intellectuelle » et une jeune fille de la petite bourgeoisie ayant un goût médiocre et la velléité de réussir socialement y étaient représentées. Six ans plus tard, la même collaboratrice de la revue a de nouveau établi le profil de jeunes filles de diverses classes sociales où était particulièrement critiqué le « Moins que rien qui veut faire le beau, qui ne se donne pas la peine de saluer les journaliers ».

En 1967, un autre article était cependant révélateur d'une plus grande mobilité sociale dans les écoles, proposant aux lectrices un comportement plus « égalitaire » :

« passées les portes de l'école, du collège, de la faculté, à l'intérieur de ces murs, tu es pareille à toutes les autres collègues, que ton père soit ministre ou surveillant, pas de vassalité envers celles qui ne vont pas en voiture jusqu'au portail, un jour une d'entre-elles sera employée de la poste, une autre professeure, sois aimable, simple camarade, égale aux autres, ne fait pas seulement partie d'un groupe « aisé » ni ne te limites pas à la fréquentation des jeunes filles modestes. Ces divisions exagérées finissent toujours par être artificielles. [...] Mets de côté les différences, qui finissent toujours par apparaître plus tard [...] et pas toujours comme tu le penses... »

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) a olhassem «com superioridade»	<u>Gramatical</u> Alteração do pretérito imperfeito do conjuntivo para o imperfeito do indicativo	(...) la regardaient « avec supériorité »	Optámos pela alteração do tempo verbal, porque o imperfeito do indicativo na língua de chegada permite exprimir uma ação concomitante (lamentava e olhassem).
As formas de inquéritos e de teste (...) sendo as leitoras convidadas a responder a perguntas (...)	<u>Sintático</u> Frase muito longa.	Les formats des enquêtes et des tests (...). Les lectrices étaient invitées à répondre à des questions (...)	Optámos por dividir a frase em duas para facilitar a sua leitura.

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
Em 1960, um artigo de Maria Mercier (...) de um espectro social já mais diversificado (...)	<u>Lexical</u> Omissão do advérbio já	En 1960, un article de Maria Mercier (...) d'un spectre social plus diversifié que le précédent	Omissão do advérbio já, porque a sua colocação torna-se redundante.



### «Boa» filha e rapariga «séria»

Em 1948, Maria Mercier elaborou, na *M&M*, um teste, subordinado à pergunta «serás tu uma boa filha?» Consoante as respostas, boa filha era aquela que preferia um serão em casa com a família, ajudava a mãe nos afazeres domésticos, não proclamava a sua independência, fazia companhia à avó, não «implicava» com os irmãos e consultava sempre os pais porque a sua opinião «nem sempre é parcial e antiquada». Se respondessem negativamente às perguntas «sentes prazer em sair com os teus pais?» ou «conheces as preferências, as causas de sofrimento dos pais?», as leitoras eram consideradas «egoístas», «preguiçosas», « vaidosas» ou «cabeças no ar» (*M&M*, Janeiro de 1949).

Se, na vida familiar, a filiada devia aceitar a autoridade paterna, encarando-a como uma emanção da autoridade de Deus, nas relações com os jovens, devia ver a liberdade como «um bem que o abuso» transformava «em mal». A jovem «séria» devia, por isso, ser prudente, vigiar os seus próprios sentimentos e fazer-se respeitar; o epílogo seria, nesse caso, o casamento, «o mais sério acto e o mais lindo sonho» a que as jovens podiam aspirar. O cuidado devia ser sobretudo maior porquanto as relações com o outro sexo serviam um só fim – o casamento.

Em Março de 1948, a colaboradora Coccinelle perguntou às leitoras qual a ideia que tinham do casamento, e, dez anos depois, Maria Franco escreveu, na *M&M*, uma «Carta a uma rapariga», a propósito de ter encontrado um casal de jovens no cinema:

«não gostei do modo como quase te abandonaste sobre o ombro. Fiquei com a impressão que se ele te pedisse um beijo lho darias. [...] pensas que te vais casar com ele mas talvez isso não aconteça [...] Não estou a chamar-te estúpida, mas é que as teorias modernas têm o condão de tornar as raparigas inconscientes do bem e do mal. Precisas de alguém que te tire dessa onda de modernismo e inconsciência. Confia tudo à tua mãe. Quem melhor que ela te poderá guiar?»

### EM FACE DA VIDA

#### CASAR É UM SACRAMENTO



«Só quando fores uma verdadeira mulher poderás casar-te... se sonhas ser feliz e fundar uma família cuja felicidade seja obra tua!»

#### OS TEUS PROBLEMAS MÃES E FILHAS



Uma boa filha era aquela que ajudava a mãe nos afazeres domésticos e aceitava com um sorriso a autoridade paterna.

**« Bonne » fille et jeune fille « sérieuse »**

En 1948, Maria Mercier a élaboré dans la *M&M* un teste subordonné à la question suivante : « Es-tu une bonne fille ? » Selon les réponses, une bonne fille était celle qui préférait une soirée à la maison avec la famille, aidait sa mère dans les tâches ménagères, ne proclamait pas son indépendance, faisait compagnie à sa grand-mère, ne se « querellait » pas avec ses frères et consultait toujours ses parents parce que leurs opinions « n'étaient pas toujours partielles et démodées ». Si elles répondaient négativement aux questions : « aimes-tu sortir avec tes parents ? » ou « connais-tu leurs préférences, les raisons de leurs souffrances ? », les lectrices étaient considérées « égoïstes », « paresseuses », « coquettes » ou bien « têtes en l'air » (*M&M*, janvier 1949).

Si, dans la vie familiale, l'affiliée devait accepter l'autorité paternelle, la considérant comme une émanation de l'autorité de Dieu ; dans les relations avec les jeunes, elle devait percevoir la liberté comme « un bien que l'abus » transformait « en mal ». La jeune fille « sérieuse » devait alors être prudente, surveiller ses propres sentiments et se faire respecter ; dans ce cas, l'épilogue serait le mariage « l'acte le plus sérieux et le plus beau rêve » auquel les jeunes filles pouvaient aspirer. L'attention devait être d'autant plus grande puisque les relations avec le sexe opposé n'avaient qu'un seul but – le mariage.

En mars 1948, la collaboratrice Coccinelle a demandé aux lectrices quelle était l'idée qu'elles avaient du mariage et dix ans après, Maria Franco a écrit dans la *M&M* une « Lettre à une jeune fille », à propos d'une rencontre faite avec un couple, au cinéma :

« je n'ai pas aimé la façon dont tu t'es presque abandonnée sur son épaule. J'ai eu l'impression que s'il t'avait demandé un baiser, tu le lui aurais donné. [...] tu penses que tu vas te marier avec lui, mais peut-être que cela n'arrivera pas [...] Je ne suis pas en train de dire que tu es stupide, mais le fait est que les théories modernes ont le don de rendre les filles inconscientes du bien et du mal. Tu as besoin de quelqu'un qui t'éloigne de cette vague de modernisme et d'inconscience. Confie tout à ta mère. Qui mieux qu'elle pourra te guider ? »

On considérait une bonne fille, celle qui aidait sa mère dans les tâches ménagères et acceptait avec un sourire l'autorité paternelle.

#### Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) “serás tu uma boa filha ?”	<u>Gramatical</u> Alteração do tempo verbal, isto é, do futuro do indicativo para o presente do indicativo.	(...) « es-tu une bonne fille » ?	Alterámos o tempo verbal, do futuro do indicativo para o presente do indicativo na língua de chegada porque é o tempo correto para interrogar sobre a situação presente. A utilização do futuro “simple” do indicativo remeteria para o futuro.
(...) se ele te pedisse um beijo lho darias (...)	<u>Gramatical</u> Construção preposição se + tempo verbal.	(..) s'il t'avait demandé un baiser, tu le lui aurais donné (...).	Na língua de chegada a construção é a seguinte: Condição – “plus-que-parfait”/Consequência – “conditionnel passé”. Exprime uma ação que não se realizou no passado.



ME&M, Setembro 1963, pp. 183



Ao longo dos anos, foi também transmitida nas páginas da *Me&M* uma imagem da «mulher ideal, segundo eles». Descrita, em 1948, como se fosse um jovem a falar, a rapariga ideal deveria ser «boa dona de casa», «compreensiva dos gostos e necessidades alheias», «afectuosa para a família do marido», «pontual», «discreta», «económica», «sincera, dócil, séria, confiante, pouco tagarela», e não «usar *batom*». Outros artigos enumeravam os defeitos de «que eles não gosta[va]m» (1954) e «as qualidades que eles mais aprecia[va]m» nas raparigas (1961).

No ano de 1958, a *Me&M* multiplicou os conselhos sobre *flirt* e namoro, bem como os alertas às jovens para que não vissem um pretendente em cada rapaz e tivessem consciência de que muitos queriam «namorar por vezes e não casar». Alertava-se as raparigas a não serem levianas, frívolas e «provocadoras», pois assim eram responsáveis pelos atrevimentos dos rapazes. Dois anos depois, um artigo aconselhava as jovens a não andar à procura do «homem ideal», mas também a «não arranjar um namorado para passar o verão». Como o casamento era «para toda a vida», com a finalidade de ter filhos, elas deviam ter cuidado com «os rapazes que gostam de se divertir» mas só «querem para casar raparigas moralmente intactas». Em suma, além de desconfiar das intenções dos jovens, as jovens tinham de aprender a dizer «sim com os olhos e não com a boca» (*Me&M*, Junho de 1965).

— QUE ENTENDE POR «FLIRTAR»? —

— É dizer segredinhos... não se largar um ao outro... beijar-se. O «flirt» é uma caricatura do amor. É difícil de explicar. Na nossa idade não se pode pretender amar uma rapariga para sempre. Pode-se pensar, mas é um erro. Como garantir que nos casaremos dez anos depois? Muitas mudanças podem intervir. Por isso, fazemos por nos prender o menos possível.

Nos anos 60, a MPF começou a abordar, na sua imprensa, um tema outrora tabu nas páginas do Boletim dos anos 30 e 50: o *flirt*, não por acaso utilizado na língua anglo-saxónica. É que, para a MPF tudo o que vinha da liberal Inglaterra e da moderna América, era um perigo do qual todas as jovens se deviam afastar.

A MPF persistia em defender um relacionamento inter-sexos expressamente voltado para o casamento, «o mais sério acto e o mais lindo sonho». Para a MPF, o *flirt* revelava uma «certa infantilidade». Se «uma rapariga flirta tem-se a impressão de que não está ainda amadurecida (...) enquanto que uma rapariga que namora com seriedade e é fiel muito tempo a um rapaz dá-lhe a impressão de maturidade», lê-se no artigo da *Me&M* de 1963. Cinco anos depois um novo artigo dava conselhos sobre o namoro: «não percas tempo à procura do homem perfeito, nem te agarres ao primeiro que te apareça...».

### Proposta de tradução da página 75

Au fil des années dans les pages de la *M&M*, une image de la « femme idéale selon eux » a été également transmise. Décrite en 1948 comme si c'était un jeune homme qui parlait, la fille idéale devrait être « une bonne femme au foyer », « compréhensive des goûts et des besoins d'autrui », « affectueuse envers la famille du mari », « ponctuelle », « discrète », « économe », « sincère, douce, sérieuse, confiante, peu bavarde » et ne pas « porter de rouge à lèvres ». D'autres articles énuméraient les défauts « qu'ils n'aim[ai]ent pas » (1954) et « les qualités qu'ils appréc[i]ent le plus chez les jeunes filles (1961).

En 1958, la *M&M* a multiplié les conseils sur le *flirt* et sur la relation amoureuse, ainsi que les alertes adressées aux jeunes filles, afin qu'elles ne voient pas un prétendant dans chaque garçon et qu'elles soient conscientes du fait que beaucoup d'entre eux voulaient « parfois sortir et ne pas se marier ». On avertissait les jeunes filles à ne pas être légères, frivoles et « provocatrices », attitudes responsables des impertinences des garçons. Deux ans plus tard, un article conseillait les jeunes filles à ne pas chercher « l'homme idéal », mais aussi « à ne pas chercher un petit ami juste pour l'été ». Vu que le mariage était pour « toute la vie », son but étant d'avoir des enfants, elles devaient faire attention aux « garçons qui aiment s'amuser » mais « ne veulent, pour se marier, que les filles moralement intactes ». En somme, outre se méfier des intentions des garçons, les jeunes filles devaient apprendre à dire « oui avec les yeux et non avec la bouche » (*M&M*, juin 1965).

Dans les années 60, la JFP a commencé à aborder dans sa presse, un thème auparavant tabou dans les pages du Bulletin des années 30 et 50 : le *flirt*, mot utilisé, non par hasard, dans la langue anglo-saxonne. Le fait est que pour la JFP tout ce qui

provenait de l'Angleterre libérale et de l'Amérique moderne était un danger duquel toutes les jeunes filles devaient s'éloigner.

La JFP persistait dans la défense d'une relation intersexes expressément tournée vers le mariage, « l'acte le plus sérieux et le plus beau rêve ». Pour la JFP, le *flirt* révélait une « certaine infantilité ». Si une jeune fille flirte, on a l'impression qu'elle n'est pas encore mûre (...) alors qu'une fille qui a une relation sérieuse et est fidèle à un garçon, pendant longtemps, lui donne l'impression de maturité », peut-on lire dans un article de la *M&M* en 1963. Cinq ans plus tard, un nouvel article donnait des conseils sur les relations amoureuses : « ne perds pas de temps à chercher l'homme parfait et ne t'attache pas au premier venu... ».

Sem dificuldades de tradução.

## **Aprender a ser boa esposa, mãe e fada do lar**

**A mulher ideal seria aquela que me  
«deixasse ler o jornal em paz (...), que, quando  
eu estivesse a trabalhar, soubesse fazer silêncio (...),  
não olhasse para a minha mãe com olhos de nora  
ciumenta (...), não me esgotasse a paciência (...),  
[e fosse] capaz de compreender a doce sujeição  
que a esposa deve ao marido.»**

*M&M*, 1948

O lar era a fortaleza da mulher, era nele que ela podia exercer a sua chefia, dar largas às suas «virtudes femininas». Por isso, o *Boletim da MPF* começou desde logo a publicar uma rubrica, aliás tradicional em todas as revistas femininas, intitulada «Lar», que transmitia, não só os aspectos práticos da pretensa «missão feminina»

## **Apprendre à être une bonne épouse, mère et fée du logis**

Le foyer était la forteresse de la femme, là elle pouvait exercer son commandement, donner libre cours à « ses vertus féminines ». C'est pour cela que le *Boletim da MPF* a dès le début commencé à publier une rubrique, d'ailleurs traditionnelle dans toutes les revues féminines, intitulée « *Lar*<sup>34</sup> », qui transmettait non seulement les aspects pratiques de la supposée « mission féminine »

Sem dificuldades de tradução.

---

<sup>34</sup> Tradução possível: « *Foyer* »

# CURSO DE DONAS DE CASA

– arrumar a casa, passar a ferro, cozinhar – como a ideia de que a função futura das suas leitoras era o casamento e a maternidade. A MPF começou por introduzir, nas suas actividades, economia doméstica, começando a formar as primeiras instrutoras respectivas, em 1944. Depois o seu plano de actividades de 1947 incluiu, não só a economia doméstica, como a culinária e a puericultura, integradas nos chamados «lavores femininos», que continuaram a ser obrigatórios no ensino primário e no 1.º ciclo do liceu até 1966.

No seu balanço de vinte e cinco anos de actividade, em 1963, a MPF teve porém o cuidado de esclarecer que não era uma «escola de economia doméstica» e que, embora ocupando-se da educação feminina, esta enquadrava-se na actividade mais lata de formação moral, ao promover, por um lado, «o culto das

Aprende a PASSAR a FERRO



*Nas mangas passa-se primeiro o punho, do avesso e depois do direito, em seguida a própria manga, e a costura da cava.*



*Não se deve pousar o ferro sobre os botões, para os não quebrar. Metê-se o ferro com cuidado nos intervalos.*



*Para arredondar uma gola sem a deformar, vai-se-lhe dando um movimento circular, começando por uma ponta.*



*Deve-se começar pelos enfeites, golas, etc., antes de passar as partes maiores e mais lisas.*



### Proposta de tradução da página 79

- ranger la maison, faire le repassage, cuisiner – mais aussi l'idée que la future fonction de ses lectrices était le mariage et la maternité. La JFP a commencé par introduire dans ses activités, l'économie domestique, commençant à former les premières instructrices respectives en 1944. Après, son plan d'activités en 1947 a inclus non seulement l'économie domestique mais aussi la gastronomie et la puériculture, intégrées dans les dénommés « travaux féminins » qui ont continué à être obligatoires à l'école primaire et dans l'enseignement secondaire jusqu'en 1966.

Dans son bilan de vingt-cinq ans d'activités, en 1963, la JFP a cependant eu soin d'expliquer qu'elle n'était pas une « école d'économie domestique » et bien que s'occupant de l'éducation féminine, celle-ci s'encadrerait dans l'activité au sens plus large de formation morale, promouvant d'un côté, « le culte des

### Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) começando a formar as primeiras instrutoras respectivas (...)	<u>Lexical</u> instrutoras no sentido de professoras?	-Enseignantes -Instructrices	(...) commençant à former les premières instructrices respectives (...) Optámos por “instructrices”, pois o termo vem da entidade Instrução Pública, conforme explicado pela autora.

Texto original da página 81

O ensino doméstico fazia parte do programa da MPF. Era preciso aprender a limpar, a varrer e a decorar. Saber tratar da casa podia «valer mais do que ter um diploma de doutora!»

Proposta de tradução da página 81

L'enseignement domestique faisait partie du programme de la JFP. Il fallait apprendre à nettoyer, à balayer et à décorer. Savoir s'occuper du foyer pouvait « valoir beaucoup plus qu'un diplôme universitaire ! ».

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) um diploma de doutora !».	<u>Lexical</u> Sem equivalência direta na língua de chegada.	-un diplôme -un diplôme universitaire.	(...) un diplôme universitaire ! ». Na altura o diploma de doutora corresponde à licenciatura e à forma de tratamento das pessoas que frequentaram a universidade.

# «A MULHER IDEAL»

Com a intenção de fazer um «contra-concurso» aos Concursos de Beleza, que se estão a multiplicar sem honra nem proveito para a mulher e com muito prejuízo para esta, surgiu na Itália, em 1956, um primeiro Concurso para a eleição da «Mulher ideal», que passados anos tomou amplitude internacional. O ano passado competiram representantes da Áustria, Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Grécia, Irlanda, Inglaterra, Itália, Jugoslávia, Luxemburgo, Holanda, Suécia, Suíça e Turquia.

O concurso está aberto a mulheres solteiras ou casadas, entre os 18 e 28 anos de idade.

Quais as condições do Concurso?

## SABER DIRIGIR O LAR

Ter uma ideia prática do que a organização do lar significa: saber como se fazem as limpezas, como se arruma um armário, como se passa a ferro a roupa, como se põe a mesa e muitas outras coisas, das quais depende uma vida familiar agradável, graças ao interesse, habilidade e amor da mulher pelo lar.

## POSSUIR CULTURA

Não se pretende que se seja uma sabichona. (Isto pode ser mesmo o contrário da «mulher ideal»).

Mas a mulher deve conhecer o que vai pelo mundo e ter um juízo acertado perante os problemas da vida.

As concorrentes não são sujeitas a um tipo «exame», mas a uma conversa sobre assuntos de actualidades internacionais, literatura, arte e problemas sociais em que a sua cultura possa manifestar-se conjugando-se com o bom critério.

## HABILIDADE CULINÁRIA

A prova da cozinha é considerada importante. As concorrentes têm de preparar um prato à sua escolha, e atende-se ao tempo que levou a preparar, ao preço, às qualidades alimentares, etc.

Esta prova é antecipada pela prova das compras no mercado para o prato típico a cozinhar. A economia é considerada um mérito.

virtudes especificamente femininas – pureza de vida, dignidade e apurmo de conduta, espírito de sacrifício, fortaleza da alma» e ao revestir-se, por outro lado, de aspectos práticos como os «trabalhos femininos, a enfermagem e os primeiros socorros, as indústrias caseiras, a culinária, o corte e costura, a puericultura, a psicologia infantil e a pedagogia». É que, criada para complementar a educação fornecida pela Escola, a MPF não se podia desinteressar da educação feminina – fora dos limites da educação masculina – de modo «a corresponder à sensibilidade, aptidões físicas, intelectuais da mulher» e a prepará-la para a vida doméstica e a colaboração social pois não é masculinizando-se mas enriquecendo-se das suas qualidades femininas que a mulher completa o homem».

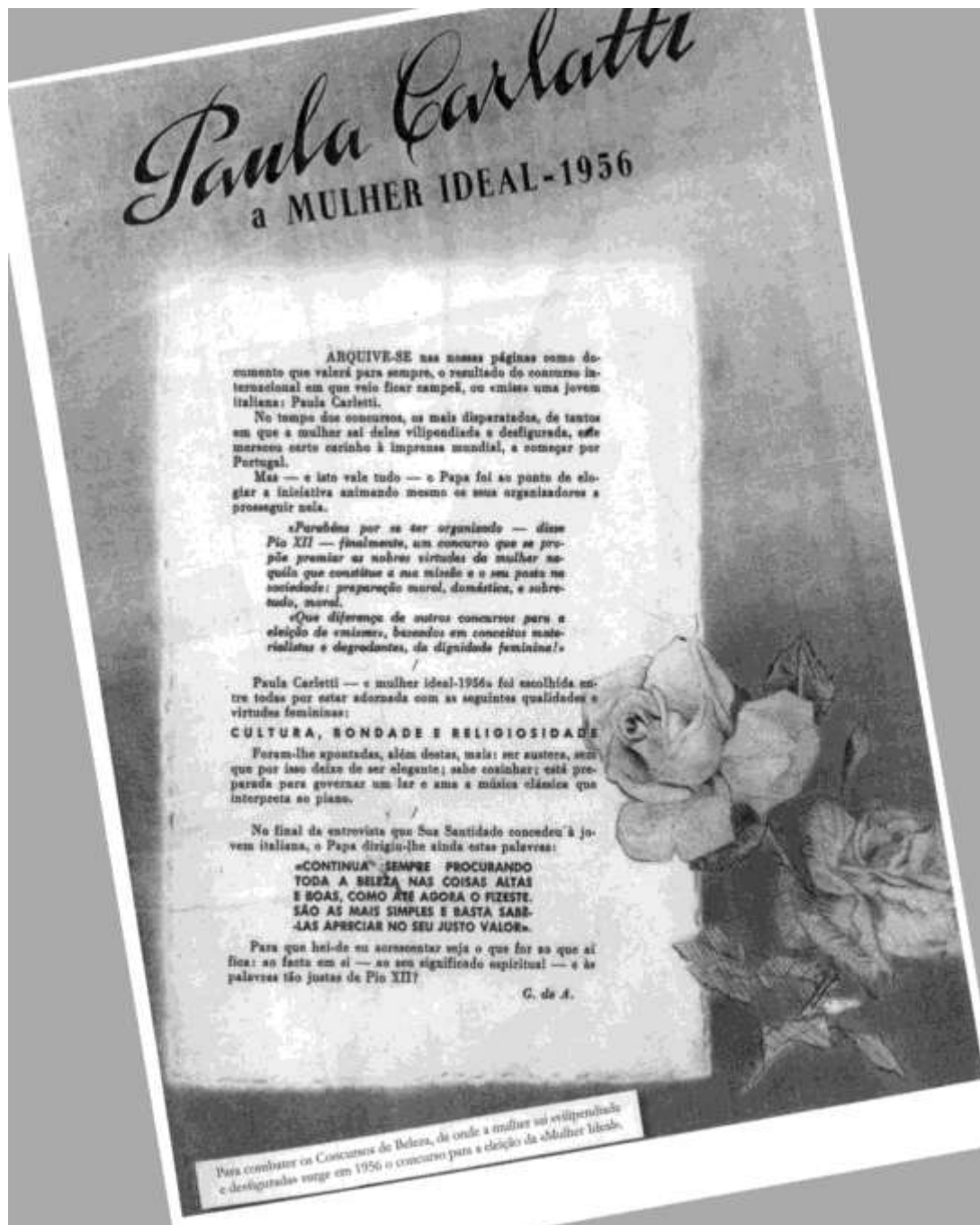
A partir dos anos 60, as habituais imagens que no *Boletim da MPF* mostravam os cursos de graduadas da MPF, onde estas eram vistas a confeccionar pratos elitistas como a lagosta suada ou a montar mesas com candelabros e serviços de luxo, desapareceram. Também os conselhos acerca de como lidarem com as criadas foram sendo substituídos por «dicas» mais simples e práticas, no sentido de dar às leitoras o que todas as revistas femininas davam às mulheres da classe média. Por exemplo, a culinária, ministrada, na *M&M*, por Maria de Lourdes Modesto, aliás uma antiga graduada da MPF, complementava os programas da RTP que eram vistos pelas mulheres portuguesas, e dava conselhos de como se podia confeccionar uma boa refeição, poupando no orçamento caseiro.

## Proposta de tradução da página 82

vertus spécifiquement féminines – pureté de vie, conduite digne et rigide, esprit de sacrifice, forteresse de l'âme » et se revêtant, d'un autre côté, d'aspects pratiques comme les « travaux féminins, l'infirmierie et les premiers secours, les industries ménagères, la gastronomie, la couture, la puériculture, la psychologie infantile et la pédagogie. Créée pour compléter l'éducation fournie par l'Ecole, la JFP ne pouvait pas se désintéresser de l'éducation féminine – hors des limites de l'éducation masculine – de façon « à correspondre à la sensibilité, aux aptitudes physiques et intellectuelles de la femme » tout en la préparant à la vie domestique et à la collaboration sociale, puisque ce n'est pas en se masculinisant, mais en s'enrichissant de ses qualités féminines que la femme complète l'homme. »

A partir des années 60, les images habituelles qui dans le *Boletim de la JFP* exposaient les formations des graduées de la JFP, où celles-ci étaient vues en train de confectionner des plats élitistes comme la langouste à la vapeur ou en train de mettre la table avec des chandeliers et des services de luxe ont disparus. De même, les conseils sur la manière de traiter les bonnes ont été remplacés par des « astuces » plus simples et pratiques, afin de donner aux lectrices ce que toutes les revues féminines donnaient aux femmes de classe moyenne. Par exemple, la gastronomie gérée dans la *Menina & Moça* par Maria de Lourdes Modesto, d'ailleurs une ancienne graduée de la FJP, complétait les programmes de la RTP qui étaient regardés par les femmes portugaises et donnait des conseils sur la manière de confectionner un bon repas, économisant sur le budget domestique.

Sem dificuldades de tradução.



Afin de combattre les Concours de Beauté, où la femme était « méprisée et défigurée » surgi en 1956 le concours pour l'élection de la « Femme Idéale ».

Sem dificuldades de tradução.

8.

«Como lê? Porque lê, para passar o tempo, para dares ares?»

A cultura geral: literatura e cinema

Como a MPF pretendia formar um futuro escol entre as filiadas dos liceus às quais se dirigia, teve também sempre a preocupação de difundir uma cultura geral entre elas. Em 1938, a MPF lançou os Salões de Educação e de Estética, bem como exposições-concursos. Pouco tempo depois, passou também a organizar anualmente jogos florais literários, para «descobrir» futuras escritoras. Uma delas foi Ester de Lemos, que recebeu em 1944 e 1945, respectivamente, os prêmios de poesia religiosa e filosófica, e que mais tarde seria colaboradora das publicações da organização e responsável pela página literária da *Me&M*.

A MPF preocupou-se também muito com o que liam as filiadas, aconselhando-lhes e proibindo-lhes determinados livros. Por isso divulgou, através do seu *Boletim*, a «boa» literatura, na qual se incluía, em primeiro plano, a literatura portuguesa, de Gil Vicente a Júlio Dinis, cancioneros e poemas – religiosos e nacionalistas –, sobretudo de Correia de Oliveira e do padre Moreira das Neves, assíduos colaboradores das revistas da MPF. A partir de 1947, uma rubrica própria da revista *Me&M* aconselhava sobre os autores que deviam ser lidos: entre eles contavam-se Elaine Sanceau, Maria Teresa Andrade dos Santos, Plínio Salgado, o padre Augusto Durão Alves, Berthe Bernage, Ester de Lemos, Nuno de Montemor e Maria Teresa Leitão de Barros.

Leituras



8.

**“Comment tu lis ? Pourquoi tu lis, pour passer le temps, pour te donner des airs ?**

**La culture générale : littérature et cinéma**

Comme la JFP prétendait former une future élite parmi les affiliées des lycées auxquelles elle se dirigeait, elle s'est également toujours préoccupée de répandre une culture générale entre-elles. En 1938, la JFP a lancé les Salons d'Education et d'Esthétique, ainsi que des expositions-concours. Peu de temps après, elle a aussi commencé à organiser annuellement des jeux floraux littéraires, afin de « découvrir » de futurs écrivains. L'une d'entre-elles a été Ester de Lemos, qui a reçu en 1944 et 1945, respectivement, les prix de poésie religieuse et philosophique et qui plus tard serait collaboratrice des publications de l'organisation et responsable de la page littéraire de la *M&M*.

La JFP s'est aussi beaucoup préoccupée de ce que lisaient les affiliées, leur conseillant et leur interdisant certains livres. C'est pourquoi, elle a divulgué, à travers son *boletim*, la « bonne » littérature, dans laquelle on incluait en premier lieu, la littérature portugaise de Gil Vicente à Júlio Dinis, chansonniers et poèmes – religieux et nationalistes -, surtout de Correia de Oliveira et du prêtre Moreira das Neves, assidus collaborateurs des revues de la JFP. A partir de 1947, une rubrique spécifique de la revue *M&M* donnait des conseils sur les auteurs qui devaient être lus : on comptait parmi eux Elaine Sanceau, Maria Teresa Andrade dos Santos, Plínio Salgado, le prêtre Augusto Durão Alves, Berthe Bernage, Ester de Lemos, Nuno de Montemor et Maria Teresa Leitão de Barros.

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
Como a MPF pretendia (...), teve também sempre a preocupação de difundir (...).	<u>Gramatical</u> Omissão do sujeito em PT, que não se pode verificar na língua de chegada.	Comme la JFP prétendait (...), elle s'est toujours préoccupée également de diffuser (...)	Introdução do sujeito na 3ª pessoa do singular.
(...) para “descobrir” futuras escritoras.	<u>Lexical</u> Utilização do termo feminino escritoras na língua de chegada.	(...) afin de « découvrir » de futurs écrivains.	Apesar de existir o termo no feminino na língua francesa, este é utilizado apenas no Canadá e não é aconselhado pela “Académie Française”.



A revista *MeM* realizou ainda inquéritos e concursos sobre o «livro preferido» das suas leitoras, nos quais elas eram questionadas sobre as suas leituras e que constituíam uma boa fonte de informação acerca do que as jovens liam – ou diziam que liam – e o que a MPF queria que lessem. No seu número de Junho/Julho de 1950, a revista publicou o inquérito «Sabes ler?» e, no de Outubro de 1954, um artigo colocava as perguntas: «Como ler? O que lês? Coisas que não prestam? Nocivas? Que não entendes? Tudo o que apanhas? Como lês? Porque lês, para passar o tempo, para dares ares?»

Três anos depois, um artigo da *MeM* definiu o que as leitoras não deviam ler: ou seja, livros onde a religião e os bons costumes eram atacados, os que aprovavam o suicídio ou o divórcio e os que tratavam de matérias obscenas<sup>1</sup>. A articulista lembrou, aliás, às suas leitoras que a Igreja tinha um índice de autores e de livros proibidos que todos os católicos deviam seguir, e apelou, às jovens, para pedirem, na matéria «delicada» das leituras, conselhos aos pais e às educadoras. Num inquérito iniciado em Janeiro de 1959, muitas leitoras responderam que os seus livros preferidos tinham sido, entre outros, *Maria da Lua*, de Fernanda de Castro, *A Saga de Jalma*, de Mazo de la Roche, obras de história de Elaine Sanceau, e *Pessoas de Bem*, de Antero de Figueiredo. Neste, a figura central era uma rapariga que enveredava pela «missão» de permanecer solteira para se dedicar ao apostolado religioso.

A partir dos anos 60, Ester de Lemos tornou-se responsável pela secção de literatura da *MeM*, embora outros artigos, entre os quais os editoriais, que continuavam a cargo do padre Gustavo de Almeida, também se ocupassem das leituras das jovens. Num dos seus últimos artigos, na *MeM*, de 1964, esse padre alertou contra a «influência maldita da literatura francesa ou de figurino francês». Em 1966, ao mesmo tempo que apresentou um concurso de crítica literária, a *MeM* aconselhou às suas leitoras obras que não destoavam das que as jovens portuguesas das classes média e alta liam em Portugal, fossem elas filiadas ou não na MPF.

Entre estes, contaram-se, para as dos quinze aos dezassete anos, *O Príncipezinho*, de Saint-



Neste livro encontram as raparigas muito que aprender para todas as circunstâncias da sua vida, desde a doçura da casa paterna até a face dos estudos ou da inclinação amorosa; desde a convivência com a família e pessoas amigas, à de sociedade. Tem, igualmente, capítulos destinados à casa, ao trabalho, à moda, ao casamento, à vocação religiosa, e por fim, a rematar o livro, uma parte consagrada à Fé. E', sem dúvida, um belo e benéfico livro, correctamente traduzido e numa excelente edição.

M&M, Setembro 1947, p. 8

Mão-dia, Mãe de Agosto,  
A Terra, a graça que tem!  
— Parece a mulher casada,  
Inda noiva, e quase mãe.

O lavrador mala o Sol  
Trazem alegre porfia:  
— Qual é, dos dois, o primeiro  
A começar o seu dia?

Por entre o verdor de Março,  
Vestida de Sol e Lua,  
Diz o lavrador: — eia minha!  
E diz a Terra: — Sou tua ia.

ANTÓNIO  
CORRÊA  
DE  
OLIVEIRA

M&M, Março 1945, p. 147

A MPF divulgou a «boa» literatura portuguesa, na qual se incluía António Corrêa de Oliveira.

## Proposta de tradução da página 124

La revue *M&M* a de plus réalisé des sondages et des concours au sujet du « livre préféré » de ses lectrices, où elles étaient questionnées sur leurs lectures et qui constituaient une bonne source d'information au sujet de ce que les jeunes filles lisaient – ou prétendaient lire – et ce que la JFP voulait qu'elles lisent. Dans son édition de juin/juillet 1950, la revue a publié le sondage « Sais-tu lire ? » et dans celle d'octobre 1954, un article posait ces questions : « Comment tu lis » Qu'est-ce que tu lis ? Des choses sans intérêt ? Nocives ? Que tu ne comprends pas ? Tout ce que tu attrapes ? Comment tu lis ? Pourquoi tu lis, pour passer le temps, pour te donner des airs ? »

Trois ans plus tard, un article de la *M&M* a défini ce que les lectrices ne devaient pas lire : c'est-à-dire, des livres où la religion et les bonnes coutumes étaient attaquées, ceux qui approuvaient le suicide ou le divorce et ceux qui traitaient de matières obscènes<sup>\*i</sup>. La rédactrice a d'ailleurs rappelé à ses lectrices que l'Eglise avait un index d'auteurs et de livres interdits que tous les catholiques devaient suivre et a incité les jeunes filles à demander, en cette « délicate » matière de lectures, des conseils aux parents et aux éducatrices. Dans un sondage initié en janvier 1959, beaucoup de lectrices ont répondu que leurs livres préférés avaient été entre autres : *Maria da Lua*, de Fernanda de Castro, *A Saga de Jalma*, de Mazo de la Roche, des œuvres d'histoire d'Elaine Sanceau et *Pessoas de Bem*, d'Antero de Figueiredo. Dans ce dernier, le personnage central était une jeune fille qui choisissait la « mission » de rester célibataire pour se dédier à l'apostolat religieux.

A partir des années 60, Ester de Lemos est devenue responsable de la section de littérature de la *M&M*, même si d'autres articles, parmi lesquels les éditoriaux, qui continuaient sous la responsabilité du prêtre Gustavo de Almeida, s'occupaient aussi des lectures des jeunes filles. Dans un de ses derniers articles, dans la *M&M* de 1964, ce

prêtre soulignait « l'influence maudite de la littérature ou des revues de modes françaises ». En 1966, en même temps qu'elle présentait un concours de critique littéraire, la *M&M* conseillait à ses lectrices des œuvres qui ne s'éloignaient pas de celles que les jeunes portugaises des moyenne et haute classes sociales lisaient au Portugal, qu'elles soient affiliées ou pas de la JFP.

Parmi elles, on comptait pour les jeunes filles de quinze à dix-sept ans, le *Petit Prince* de Saint-

#### Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) “influência maldita da literatura francesa ou de figurino francês”.	<u>Lexical</u> -Figurino francês	-revues de modes -modèle	(...) « l'influence maudite de la littérature française ou de revues de modes françaises ».  Termo corrente na língua de chegada.
(...) apresentou um concurso (...) aconselhou (...).	<u>Gramatical</u> Tempo verbal	(...) présentait un concours (...) conseillait (...).	Apesar de se utilizar ao longo da tradução o “passé composé” para o pretérito perfeito do indicativo da língua de partida, optámos nestes exemplos por utilizar o tempo verbal no imperfeito do indicativo (“Imparfait”), porque exprime melhor ações concomitantes (Vd. exemplo p. 79).

-Exupéry e o *Diário de Anne Frank*, e, para as que tinham entre doze e quinze anos, livros de Fernanda de Castro, Alice Gomes, Selma Lagerlöf, Adolfo Simões Müller e Aquilino Ribeiro. Os mesmos e outros livros fizeram, aliás, parte do catálogo *Ler para Crescer. Lista dos Livros Seleccionados*, editado pela MPF, em 1969 por ocasião da comemoração do Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil, no aniversário de Hans Christian Andersen<sup>2</sup>. A MPF realizou então exposições de livros para adolescentes no SNI, em Lisboa, e um ano depois, no Porto, em Coimbra e em Faro.

É um livro cheio de uma encantadora poesia em que, às vezes, *Maria da Lua esquecida, fica a olhar a nesga do céu que se avista através das vidraças*, outras vezes chega com o mundo dentro de si e as mãos cheias de sol.  
Um livro com o seu quê de feitiço e de gosto pelo Presente e pelo Passado, em descrições sugestivas.

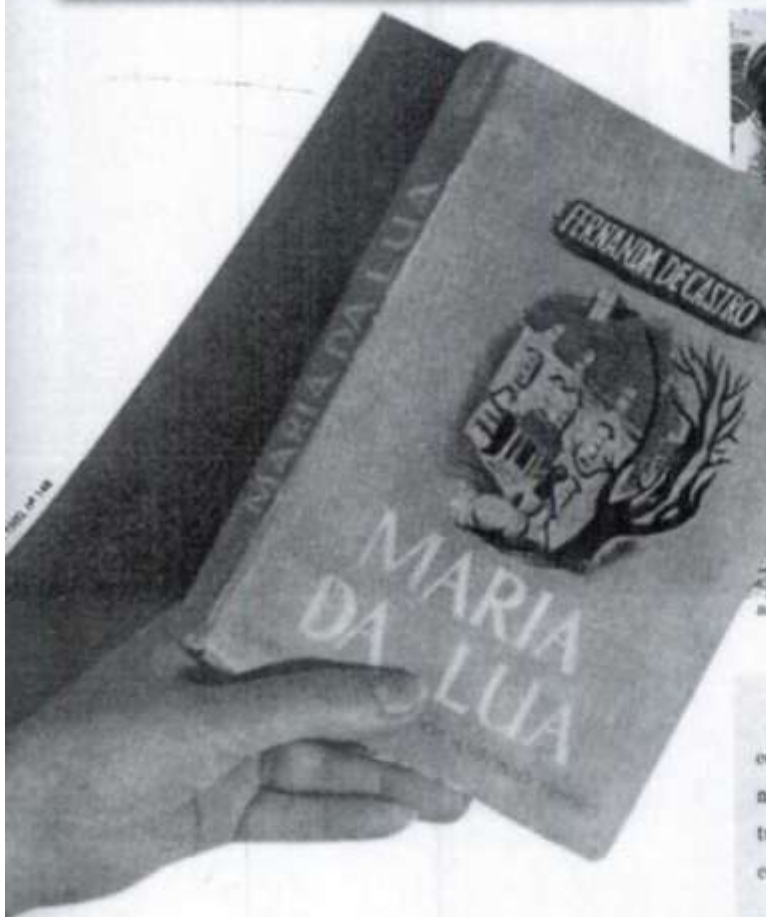


Arquivo da MPF, Setembro 1962, nº 81



Arquivo da MPF, Agosto 1961, nº 28

MARIA DA LUA é um livro onde tu te poderás encontrar: nos anseios e interrogações dos teus 15 anos; na tua alegria, nas tuas lágrimas e nos teus sonhos, nas tuas contradições, no teu deslumbramento perante as coisas, na tua atitude perante as pessoas e a vida.



## Proposta de tradução da página 125

-Exupéry et le *Journal d'Anne Frank* et pour celles qui avaient entre douze et quinze ans, des livres de Fernanda de Castro, Alice Gomes, Selma Lagerlöf, Adolfo Simões Müller et Aquilino Ribeiro. Ces mêmes et d'autres livres ont fait d'ailleurs partie du catalogue *Ler para Crescer. Lista dos Livros Seleccionados*<sup>35</sup>, édité par la JFP, en 1969 à l'occasion de la commémoration du Jour International du Livre pour Enfants et Adolescents, lors de l'anniversaire de Hans Christian Andersen<sup>\*ii</sup>. La JFP a réalisé alors des expositions de livres pour adolescents au SNI<sup>36</sup> à Lisbonne et un an après à Porto, à Coïmbre et à Faro.

### Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil	<u>Lexical</u> Livro Infantil e Juvenil	-Infantile -Juvénile/jeune -Enfants et Adolescents	Jour International du Livre pour Enfants et Adolescents Termos mais correntes na língua de chegada.
(...) para adolescentes no SNI (...)	<u>Lexical</u> SNI-Sigla desconhecida e sem qualquer nota ao referênciã à mesma ao longo de todo o texto.	SNI	(...) pour adolescents au SNI (...). Perguntamos à autora e esta abreviatura refere-se ao Secretariado Nacional de Informação, portanto foi mantida a mesma.

<sup>35</sup> Possível tradução : *Lire pour grandir. Listes des livres Selectionnés.*

<sup>36</sup> Nota da tradutora: SNI é na altura a sigla para Secretariado Nacional de Informação.

### Texto original da página 126

A partir de 1947 uma rubrica na revista *M&M* aconselhava os autores que deviam ser lidos pela filiadas. Assim, não deveriam ler livros onde a religião e os bons costumes fossem atacados, os que aprovavam o suicídio ou o divórcio, e os que tratavam de matérias obscenas. Para as férias, a MPP aconselhava como «melhor leitura aquela que puser no fundo de nós mesmos alguma coisa que eleve, nos dignifique, nos enobreça, aquela que sendo alimento para a nossa inteligência, nos não deixar no fim vazias e insatisfeitas».

### Proposta de tradução da página 126

A partir de 1947, une rubrique dans la revue *M&M* conseillait les auteurs devant être lus par les affiliées. Ainsi, elles ne devraient pas lire des livres où la religion et les bonnes coutumes étaient attaquées, ceux qui approuvaient le suicide et le divorce et ceux qui traitaient de matières obscènes. Pour les vacances, la JFP conseillait comme « meilleure lecture, celle qui laisse au fond de nous-mêmes quelque chose qui nous élève, nous dignifie, nous ennoblit, celle qui à la fin, étant aliment pour notre intelligence, ne nous laisse pas vides et insatisfaites.

Sem dificuldades de tradução.

Texto original da página 127

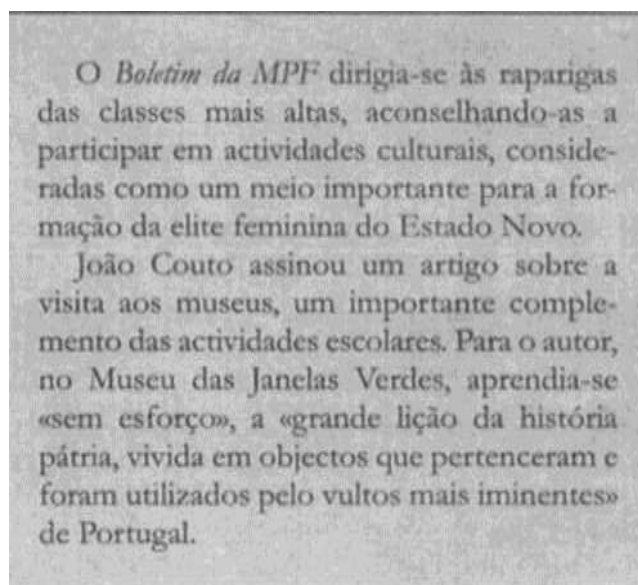
Uma forma de a *M&M* divulgar o cinema, o teatro e a literatura foi a realização de entrevistas a escritoras e actrizes, através das quais a MPF transmitia às leitoras a sua ideologia. Cecile Sorel afirma: «vós raparigas portuguesas, vós tendes um homem que recreou o vosso país e que o tornou invejável ao olhos de todo o mundo: é Salazar».

Proposta de tradução da página 127

Une manière de la *M&M* de divulguer le cinéma, le théâtre et la littérature, a été la réalisation d'interviews à des femmes écrivains et des actrices, à travers lesquelles la JFP transmettait aux lectrices son idéologie. Cécile Sorel affirme : « vous, jeunes filles portugaises, vous avez un homme qui a recréé votre pays et qui l'a rendu enviable aux yeux du monde entier : c'est Salazar ».

Sem dificuldades de tradução.

Texto original da página 128



Proposta de tradução da página 128

Le *Boletim da MPF* se dirigeait aux jeunes filles des classes sociales plus élevées, en leur conseillant de participer à des activités culturelles, considérées comme un important moyen dans la formation de l'élite féminine de l'Etat Nouveau.

João Couto a signé un article au sujet de la visite aux musées, un important supplément aux activités scolaires. Pour l'auteur, au Musée *des Janelas Verdes*, on apprenait « sans effort », la « grande leçon de l'histoire patrie, vécue dans des objets qui ont appartenu et ont été utilisés par les plus éminentes personnes » du Portugal.

Sem dificuldades de tradução.



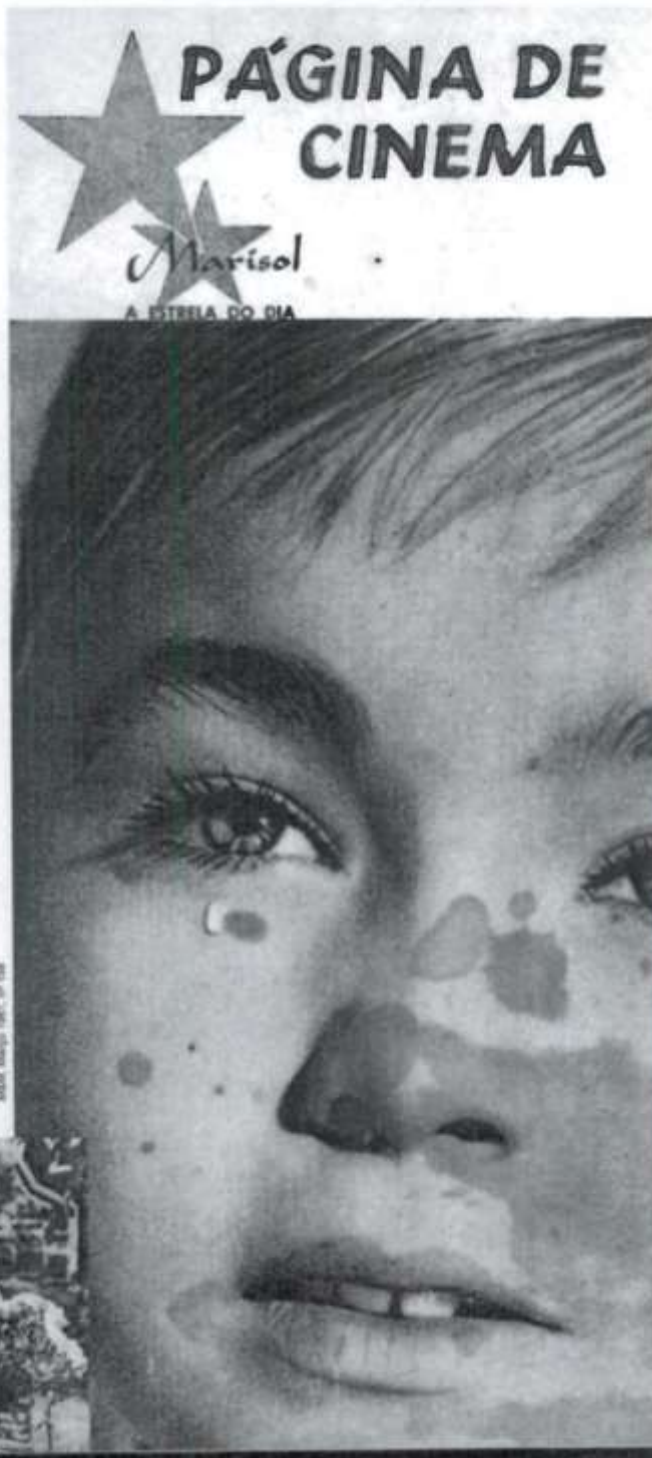
## O perigo do cinema estrangeiro

A MPF também se preocupava com os filmes que as jovens, às quais se dirigia, viam. O cinema americano, que veiculava valores mais livres, fascinava as raparigas, através das actrizes que transmitiam no ecrã um modelo oposto àquele que o Estado Novo pretendia para as mulheres. Era, assim, um adversário de monta para os propósitos da MPF e, por isso, nas páginas das suas publicações, a rubrica de cinema ganhou cada vez mais peso para tentar contrabalançar os valores reproduzidos na tela. O *Boletim da MPF* ainda tentou noticiar unicamente filmes espanhóis – por exemplo, *Nada de Novo no Alcazar*, que passava habitualmente nas colónias de férias da MPF – ou portugueses.

Num artigo sobre o filme *Ala Arriba*, assinado por Mary Forbes, publicado no *Boletim da MPF*, de Março de 1943, elogiava-se a personagem principal, Júlia, uma «rapariga genuinamente portuguesa, capaz de todos os heroísmos», que queria em troca só «o amor de Deus e do pai dos seus filhos». Condenando no cinema, a desnacionalização de Portugal às mãos da influência estrangeira e a urbanização devido ao êxodo das aldeias para Lisboa, a articulista aproveitava para elogiar «o amor em Portugal», repudiando a «falsificação do amor importado do estrangeiro», com o «micróbio que arruinou a Europa, formado do desrespeito pela autoridade». Em Maio desse ano, Maria Teresa Navarro, professora de moral do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho e directora do centro universitário de Lisboa da MPF, também se queixou da influência perniciosa de Hollywood e exortou as raparigas a «não aceitar servilmente os figurinos estrangeiros... só porque são estrangeiros».

A partir de 1947, a rubrica de cinema da *M&M*, da responsabilidade de João António Mendes Leal, mudou de tom, relativamente ao *Boletim da MPF*. Passou a mencionar, além da

cinematografia nacional ou espanhola, também filmes americanos dos quais tentava retirar lições morais. Uma forma de virar o próprio cinema americano contra os valores «errados» que ele pretensamente transmitiria passava por retratar o lado maternal das vedetas: por exemplo, em 1948, a revista deu conta que, apesar de ser uma *vamp*, Veronika Lake amava «sobretudo o lar, o trabalho doméstico, os filhos e o marido». Em 1951, outro artigo, intitulado «Uma estrela que voltou ao lar», noticiava que Inês Orsini, a jovem



### **Le danger du cinéma étranger**

La JFP se préoccupait également au sujet des films que les jeunes filles, auxquelles elle se dirigeait, regardaient. Le cinéma américain, qui véhiculait des valeurs plus libérales, fascinait les jeunes filles, à travers des actrices qui transmettaient à l'écran un modèle opposé à celui que l'Etat Nouveau prétendait pour les femmes. C'était ainsi un adversaire redoutable pour les desseins de la JFP et pour cela, dans les pages de ses publications, la rubrique de cinéma a gagné de plus en plus de place afin d'essayer de contrebalancer les valeurs reproduites à l'écran. De plus, le *Boletim da MPF* a essayé de ne divulguer que des films espagnols – par exemple, *Nada de Novo no Alcazar*, qui passait habituellement dans les colonies de vacances de la JFP – ou portugais.

Dans un article sur le film *Ala Arriba*, signé par Mary Forbes, publié dans le *Boletim da MPF* de mars 1943, on faisait l'éloge du personnage principal, Julia, une « jeune fille typiquement portugaise, capable de tous les héroïsmes », qui ne voulait en retour que « l'amour de Dieu et celui du père de ses enfants ». Condamnant, au cinéma, la dénationalisation du Portugal aux mains de l'influence étrangère et l'urbanisation due à l'exode des villages vers Lisbonne, la rédactrice en profitait pour faire l'éloge de « l'amour au Portugal », répudiant la « falsification de l'amour importé de l'étranger », avec le « microbe qui a ruiné l'Europe, formé du manque de respect envers l'autorité ». En mai de cette année, Maria Teresa Navarro, professeure de morale au Lycée de Maria Amália Vaz de Carvalho et directrice du centre universitaire de Lisbonne de la JFP, s'est également plainte de l'influence pernicieuse d'Hollywood et a exhorté les jeunes filles à « ne pas accepter servilement les modèles étrangers... juste parce qu'ils sont

étrangers ».

A partir de 1947, la rubrique de cinéma de la *M&M*, sous la responsabilité de João António Mendes Leal a changé de ton, relativement au *Boletim da MPF*. Il a commencé à mentionner, outre la cinématographie nationale ou espagnole, également des films américains d'où il essayait de retirer des leçons de morale. Un moyen de retourner le cinéma américain contre les valeurs « incorrectes » que, soi-disant, celui-ci transmettrait, était de souligner le côté maternel des vedettes : par exemple, en 1948, la revue a annoncé que, bien qu'étant une *vamp*, Veronika Lake aimait « surtout le foyer, le travail ménager, ses enfants et son mari ». En 1951, un autre article intitulé « Une étoile qui est retournée au foyer » annonçait qu'Inès Orsini, la jeune

Sem dificuldades de tradução.

protagonista de Maria Goretti no filme *Céu sobre o Pântano*, preferira voltar para a sua casa rural humilde, em vez de se tornar vedeta.

O «filme perfeito» era, segundo a mesma revista, aquele que toda a família podia ver em conjunto e que tinha um tom «alegre», «sentimental» e um fim «moral». Além de desaconselhar o «mau» cinema, a MPF também utilizou essa poderosa máquina, encomendando filmes e constituindo uma comissão para seleccionar «filmes culturais» a serem exibidos mensalmente<sup>3</sup>. Mas mais ainda do que com o «mau» cinema, a MPF preocupou-se com a chamada «baixa literatura» sobre cinema.

Em Fevereiro de 1956, Maria Guardiola enviou ao subsecretário de Estado da Educação Nacional uma queixa contra a revista *Cine Romance*, que despertava «ideias desmoralizadoras entre as raparigas», ao narrar os argumentos de filmes. Havia também outras revistas, entre as quais se contavam *Pimpinela*, *Andorinha*, *Serviço Secreto*, *Bisonte*, *Rosa*, *Madrepêrola*, *Camélia*, *Orquídea*, *Amorzinho*, todas da Agência Portuguesa de Revistas, através das quais as jovens eram, segundo a comissária nacional, «iniciadas precocemente a uma problemática erótica para a qual não estão preparadas».

O governo, através do MEN, deu ouvidos a Maria Guardiola e, em 18 de Abril, chamou a atenção da Censura para o problema, ordenando o envio, aos reitores dos liceus, de uma circular contra a «baixa literatura»<sup>4</sup>. No entanto, anos depois, em 1962, o «perigo» continuava, como expressou a subdelegada regional da MPF de Chaves, Maria Luísa de Moraes Sarmiento, numa carta enviada a Maria Guardiola, a protestar contra «o crime de quem facilita aos jovens a obtenção de revistas com gravuras indecentes e artigos sórdidos».

Walt Disney é um dos maiores na história da Arte. Poderíamos dizer quando falamos de Disney, com ironia e muito mais sermos irrespeitosos quando nos referimos a desenhos animados, dizer antes de Disney ou na era de Disney. É verdade que antes de Disney, já viamos no cinema desenhos animados graças a artistas tecnicamente muito bem feitos; Max Fleischer é um nome que se não deve esquecer. E já Melier, em plena infância do cinema, conseguiu ter muita popularidade na sua «Vingança à la Disney» não é portanto um pioneiro do desenho animado. Não inventou como Melier, não lutou com dificuldades técnicas como antes outros, mas, Walt Disney é, honestamente, o génio do desenho animado: pela primeira vez um artista desenhador que é um poeta e um filósofo, um psicólogo e um artista, consegue o impossível: desenhar personagens que têm humanidade, bichos que têm simpatia humana, desenhar música, fazer poesia sem a cor.

Disney é as crianças — e os matrinhos defauros — e o alquimista que conseguiu isso.

L. A.

WALT DISNEY

Parada de Navinhas

Olá, Amigos!

A surpresa da surpresa

retourner dans sa modeste maison rurale au lieu de devenir une vedette.

Le « film parfait » était, selon la même revue, celui que toute la famille pouvait regarder ensemble et qui avait un ton « joyeux », « sentimental » et une fin « morale ». Outre déconseiller le « mauvais » cinéma, la JFP a également utilisé cette puissante machine, ordonnant des films et constituant une commission pour sélectionner des « films culturels » à être exhibés mensuellement<sup>\*iii</sup>. Mais bien plus que le « mauvais » cinéma, la JFP s'est préoccupée de ce qu'on appelle la « basse littérature » sur le cinéma.

En février 1956, Maria Guardiola a envoyé au sous-secrétaire d'Etat de l'Education Nationale une plainte contre la revue *Cine Romance*, qui éveillait des « idées démoralisantes parmi les jeunes filles », en racontant les scénarios de films. Il y avait aussi d'autres revues, parmi lesquelles on comptait : *Pimpinela*, *Andorinha*, *Serviço Secreto*, *Bisonte*, *Rosa*, *Madrepérola*, *Camélia*, *Orquídea*, *Amorzinho*, toutes de l'Agence Portugaise de Revues, à travers lesquelles les jeunes filles étaient selon la commissaire nationale, « initiées précocement à une problématique érotique pour laquelle elles ne sont pas préparées ».

Le gouvernement par le biais du MEN a donné raison à Maria Guardiola et le 18 avril, il a attiré l'attention de la Censure sur le problème, enjoignant l'envoi aux proviseurs des lycées d'une circulaire contre la « basse littérature »<sup>\*iv</sup>. Cependant, quelques années plus tard, en 1962, le « danger » continuait, comme l'a exprimé la sous-déléguée régionale de la JFP de Chaves, Maria Luísa de Morais Sarmiento, dans une lettre envoyée à Maria Guardiola, protestant contre le « crime de ceux qui facilitent aux jeunes l'obtention de revues ayant des images indécentes et des articles sordides ».

Sem dificuldades de tradução.

### 13.

**«É bem melhor gozares as manhãs a passear  
do que perderes as noites a dansar»**

#### **Um período difícil – as férias**

O período das férias servia habitualmente de pretexto, nos jornais da MPF, para artigos sobre o campo e a praia, locais onde as filiadas de famílias mais ricas – às quais a MPF se dirigia – passavam os longos meses de Verão. As dirigentes temiam as mudanças que pudessem ocorrer durante um longo período de três meses em que a sua influência sobre as raparigas era substituída pela das famílias e de amigos potencialmente desviantes e, antes da partida, transmitiam inúmeros conselhos sobre o que as jovens deviam ler e a forma como se deviam comportar. Entre os conselhos dados, contaram-se os seguintes: estudar um pouco; rezar; divertir-se «quanto baste»; influenciar os pobres; ajudar a mãe e as criadas; evitar o casino; não perder «noites a dansar», pensar na pátria e em Deus, assim como conhecer Portugal.

Um dos meios para prevenir algumas filiadas de saírem do controlo da MPF e ficarem sujeitas às influências «perniciosas» das famílias e dos amigos foi o campo de férias. Entre 1939 e 1963, realizaram-se, segundo a MPF, setenta e oito campos de férias com a presença de dez mil filiadas. Entre estes campos, contavam-se colónias para filiadas pobres, campos de formação para universitárias e de estágio para graduadas, além de cursos de Verão para instrutoras e dirigentes de centros. Em 1941, existiam as colónias de férias da Granja, para filiadas do Norte, de Carcavelos, para as do Centro e do Sul, e a do Luso, para graduadas e universitárias.

A estes juntaram-se, no ano seguinte, campos de férias na Foz do Douro, no colégio da Bafurcira (Paredé), e, para universitárias, no colégio das irmãs Doroteias em Viseu. Depois, a MPF criou outros no Estoril, em Cascais, em Odivelas, na Apúlia, em Braga, em Espinho, em Évora, em Monchique, na Praia das Maças (Colares), no Sameiro, em Roriz, na Figueira da



#### **4. Il est préférable de passer tes matinées à te promener plutôt que perdre tes nuits à danser.**

##### **Une période difficile – les vacances**

La période des vacances servait habituellement de prétexte, aux journaux de la JFP, à la publication d'articles sur la campagne et la plage, lieux où les affiliées des familles les plus riches – auxquelles la JFP se dirigeait – passaient les longs mois d'été. Les dirigeantes craignaient les changements qui pourraient surgir pendant une longue période de trois mois où leur influence sur les jeunes filles était substituée par celle des familles et des amis potentiellement déviants. Ainsi, avant leur départ, les dirigeantes leur transmettaient de nombreux conseils sur ce qu'elles devaient lire et sur la manière dont elles devaient se comporter. Parmi les conseils donnés, on pouvait trouver les suivants : étudier un peu ; prier ; s'amuser « en quantité suffisante » ; influencer les pauvres ; aider sa mère et les bonnes ; éviter le casino ; ne pas perdre de « nuits à danser », penser à la patrie et à Dieu ainsi que connaître le Portugal.

Un des moyens de prévenir la fuite de certaines affiliées au contrôle de la JFP et être à la merci des influences « pernicieuses » des familles et des amis a été les colonies de vacances. Entre 1939 et 1963, selon la JFP, ont été créées soixante-dix-huit colonies de vacances comptant la présence de dix-mille affiliées. Parmi ces colonies, il y en avait pour les affiliées pauvres, d'autres de formation pour les universitaires et de stage pour les graduées, outre des cours d'été pour les enseignantes et dirigeantes de centres. En 1941, il y avait les colonies de vacances de Granja, pour les affiliées du nord, de Carcavelos, pour celles du centre et du sud et celle de Luso pour les graduées et les universitaires.

A celles-ci, l'année suivante sont venus s'ajouter, des colonies de vacances à Foz do Douro, au Collège de la *Bafureira* (Pareda) et, pour les universitaires, au collège des sœurs *Doroteias* à Viseu. Ensuite, la JFP en a créé d'autres à Estoril, Cascais, Odivelas, Apúlia, Braga, Espinho, Évora, Monchique, à Praia das Maças (Colares), Sameiro, Roriz, Figueira da

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
As dirigentes temiam as mudanças (...) e, antes da sua partida, transmitiam (...).	<u>Sintático</u> Frase demasiado longa.	Les dirigeantes craignaient les changements (...). Ainsi, avant leur départ, les dirigeantes leur transmettaient (...).	Optámos por dividir a frase em duas de modo a facilitar a sua leitura.



Foz, em Fão, na Gandarinha e no Ramalhão (Sintra), para as filiadas universitárias. Estas eram as únicas não obrigadas a usar uniforme, devendo todas as outras usar o modelo de fato de banho regulamentar e uma farda de cor clara.

A MPF nunca deixou de repetir que a estada numa colónia de férias era um prémio às filiadas que maior interesse mostravam pela organização e visava aperfeiçoar «o espírito da MPF», não devendo ser encarada como uma ida para o «sanatório». Em 1949, a delegada provincial do Douro Litoral enviou um relatório sobre o campo de férias da Granja onde se queixava de que as filiadas davam a «triste impressão duma colónia de assistência». Propôs assim, como solução, que as directoras de centro tivessem mais cuidado com a escolha das filiadas, dando prioridade às qualidades, interesse e dedicação pela MPF<sup>1</sup>. O aspecto formativo e nunca a falta de recursos continuou a ser o principal critério de selecção das filiadas que iriam para as colónias de férias. Nestas estagiavam as filiadas universitárias e graduadas, que aí adquiriam «experiência de direcção e de trato com os pobres»<sup>2</sup>.

Os conselhos sobre as férias foram sendo exaustiva e ininterruptamente difundidos nas duas revistas da MPF como se a constância das regras pudesse compensar as influências nefastas. Quando as férias se aproximavam, esse propósito era particularmente enfatizado nos números de Junho a Setembro do *Boletim da MPF* e da *M&M*. Os artigos sobre lazer e férias eram, na primeira revista, da responsabilidade de Custódia Alves, Coccinelle, Maria d'Eça e Mary Forbes. No Verão de 1939, a revista fez apelo



## NÃO ESQUEÇAS

• Que as férias são para refazer as forças. As noitadas são prejudiciais à saúde. Reserva-te pelo menos 8 a 9 horas de descanso.

• Que o domingo é o dia do Senhor. A assistência à missa é um dever grave, e para ti, rapariga cristã, um doce dever!

• Que embora as férias sejam para repousar, não debes passá-las inteiramente na preguiça e dissipação.

• Que os exercícios físicos devem fazer parte do teu programa de férias. Mas não exageres com prejuízo de saúde!

• Que certos costumes incorrectos não se justificam com o exemplo das outras... O teu próprio pudor e o sentimento moral é que fazem lei.

• Que a leitura, mesmo em férias, não deve ser apenas um passatempo. Leva contigo um bom livro que possa contribuir para a tua formação moral e intelectual.

#### Proposta de tradução da página 184

Foz, Fão, Gandarinha et à Ramalhão (Sintra), pour les affiliées universitaires. Ces dernières étaient les seules à ne pas être obligées de porter l'uniforme, toutes les autres devant porter le modèle de maillot de bain réglementaire et un uniforme de couleur claire.

La JFP ne cessait de répéter que le séjour dans une colonie de vacances était un prix pour les affiliées qui montraient le plus d'intérêt envers l'organisation et visait améliorer « l'esprit de la JFP », et ne devait pas être vu comme un séjour au « sanatorium ». En 1949, la déléguée de la province du Douro Litoral a envoyé un rapport au sujet de la colonie de vacances de Granja où elle se plaignait du fait que les affiliées donnaient la « triste impression d'une colonie d'assistance ». Ainsi, comme solution, elle a proposé que les directrices des centres fassent plus attention au choix des affiliées, donnant priorité aux qualités, intérêt et dévouement envers la JFP<sup>\*i</sup>. L'aspect formatif et non le manque de ressources a continué à être le principal critère de sélection des affiliées qui iraient dans les colonies de vacances. Dans ces colonies, les affiliées universitaires et les graduées faisaient leurs stages gagnant en expérience de direction et de relations avec les pauvres »<sup>\*ii</sup>.

Les conseils pour les vacances ont été exhaustifs, sans interruption et constamment divulgués dans les deux revues de la JFP comme si la persévérance des règles pouvait compenser les influences néfastes. Quand les vacances approchaient, ce sujet était tout particulièrement mis en évidence dans les numéros de Juin à Septembre du *Boletim da MPF JFP* et de la *M&M*. Les articles sur les loisirs et les vacances étaient, dans la première revue, de la responsabilité de Cústodia Alves, Coccinelle, Maria d'Eça et Mary Forbes. Pendant l'été 1939, la revue a fait appel

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução:

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
A MPF nunca deixou (...).	<u>Gramatical</u> Mudança tempo verbal	La JFP ne cessait (...).	Utilização do imperfeito para exprimir a continuidade (Vd. p. 54).
Quando as férias se aproximavam, esse prepósito era particularmente enfatizado (...).	<u>Lexical</u> Acréscimo de uma palavra.	Quand les vacances approchaient ce sujet était tout particulièrement mis en évidence (...).	Optámos por introduzir a palavra “tout” para reforçar a ideia.

### Texto original da página 185

à colaboração das filiadas, na rubrica «Como deve uma filiada da MPF preencher o tempo de férias».

Embora as respostas não possam ser tomadas à letra, dado que revelam uma tentativa de agradar às dirigentes da MPF, não deixam de ser interessantes por reflectirem os valores inculcados. No *Boletim* de Junho de 1942, uma delas respondeu assim:

«Se não temos manos, vamos até casa dos quinteiros, conversemos com eles, ensinemos-lhes alguma coisa útil com jeitinho para os não melindrar, tratemos bem os filhos deles [mesmo que sejam muito feios e malcriados!], procuremos inculcar a ideia de Deus naquelas almitas rudes mas boas, e ensinemos-lhes o catecismo diante dos pais para que eles aproveitem também. Feito isto chegaremos à noite contentes do nosso dia.»

No *Boletim* de Agosto desse ano, Maria Joana Mendes Leal tentou também atingir outros meios sociais, através de artigos dirigidos às «que não têm férias» e de consolo às que, por razões familiares, as passavam no campo:



### Proposta de tradução da página 185

à la collaboration des affiliées, dans la rubrique « Comment une affiliée de la JFP doit occuper le temps des vacances ».

Bien que les réponses ne puissent pas être prises à la lettre, vu qu'elles révèlent une tentative de plaire aux dirigeantes de la JFP, elles n'en sont pas moins intéressantes parce qu'elles sont le reflet des valeurs inculquées. Dans le *Boletim* de Juin 1942, l'une d'entre-elles a répondu ainsi :

« Si nous n'avons pas de frères, allons chez les métayers, parlons avec eux, enseignons-leur quelque chose d'utile, prenant soin de ne pas les brusquer, traitons bien leurs

enfants [même s'ils sont très laids et impolis !], cherchons à inculquer l'idée de Dieu dans ces petites mais bonnes âmes rudes et enseignons-leur le catéchisme devant leurs parents pour que ceux-ci en profitent aussi. Ce faisant, la nuit tombée, nous serons contentes de notre journée. »

Dans le *Boletim* d'août de cette même année, Maria Joana Mendes Leal a également essayé d'atteindre d'autres milieux sociaux, à travers d'articles dirigés à celles « qui n'ont pas de vacances » et de réconfort à celles qui, pour des raisons familiales, passaient leurs vacances à la campagne :

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução:

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
“Se não temos manos, vamos até casa dos quinteiros (...).”	<u>Lexical</u> -quinteiros	-fermiers -métayers	« Si nous n'avons pas de frères, allons chez les métayers » Optámos por utilizar o termo métayer devido ao tipo de texto e porque é o mais usual na língua de chegada.

«A tua casa fica talvez paredes-meias com as casas dos pobres. Não há palácios. Mas vê como é lindo o "cenário rústico" dessa casa de aldeia [...] E olha, os casinos, porque suspiras talvez, não te fazem falta! É bem melhor gozares as manhãs a passear do que perderes as noites a dançar. Aproveita bem as tuas manhãs de férias. Passa pela casa de Deus.»

Num artigo, publicado em 1946, a directora dos serviços de formação moral, que propôs a algumas filiadas, «cuidadosamente escolhidas», que ajudassem, nas «dides caseiras», as mães de «famílias pobres para que estas pudessem gozar uns dias de férias»<sup>1</sup>. Em 1957, a *M&M* mantinha a mesma postura paternalista e elitista de sempre nos seus artigos, nomeadamente na novela *Camaradagem*, da autoria de Maria Amália Fonseca, que abordava as relações entre uma menina rica urbana e uma menina pobre do campo, durante as férias. Tal como outros artigos, este contribuía para a manutenção da situação social transmitindo

nomeadamente a ideia de que os ricos não eram mais felizes do que os pobres, mesmo que estes fossem «selvagenzinhos e feios» e tivessem fome e frio.



*Retorno da praia*



As férias foram sempre motivo de preocupação para a MPP, uma vez que as filiadas, durante três meses, ficavam fora do seu controlo, sujeitas às influências «perniciosas» das famílias e amigos. As colónias de férias foram um dos instrumentos da organização para manter a sua influência. Entre 1939 e 1963, realizaram-se setenta e oito campos de férias com a presença de dez mil filiadas.

## Proposta de tradução da página 186

« Ta maison est peut-être mitoyenne à des maisons de pauvres. Il n'y a pas de palaces. Mais admire le « scénario rustique » de cette maison de village qui est magnifique [...] Et regarde, les casinos, pour lesquels tu aspires peut-être, tu n'en pas besoin ! Il est préférable de passer tes matinées à te promener plutôt de perdre tes nuits à danser. Profite bien de tes matinées. Passe par la maison de Dieu. »

Dans un article publié en 1946, la directrice des services de formation morale a proposé à quelques affiliées, « soigneusement choisies », d'aider dans les « tâches ménagères », les mères de « familles pauvres pour que celles-ci puissent profiter de quelques jours de vacances »<sup>\*iii</sup>. En 1957, dans ses articles, la *M&M* maintenait la même posture paternaliste et élitiste de toujours, notamment dans la nouvelle *Camradagem*, de Maria Amélia Fonseca, qui abordait les relations entre une petite fille riche urbaine et une petite fille pauvre de la campagne, pendant les vacances. A l'instar d'autres articles, celui-ci contribuait au maintien de la situation sociale transmettant notamment l'idée que les riches n'étaient pas plus heureux que les pauvres, même si ceux-ci étaient « des sauvages petits et laids » et avaient faim et froid.

Les vacances ont toujours été un motif de préoccupation pour la JFP, vu que, pendant trois mois, les affiliées étaient hors de son contrôle et étaient à la merci des influences « pernicieuses » des familles et amis. Les colonies de vacances ont été l'un des instruments de l'organisation pour maintenir son influence. Entre 1939 et 1963, ont été créées soixante-dix-huit colonies de vacances comptant la présence de dix-mille affiliées.

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução:

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
Em 1957, a <i>M&amp;M</i> mantinha a mesma postura (...), da autoria (...).	<u>Lexical</u> autoria	En 1957, la <i>M&amp;M</i> maintenait dans ses articles la même posture paternaliste et élitiste de toujours (...) de Maria Amélia Fonseca (...).	Optámos por omitir a palavra autoria porque esta é subentendida.
E olha, os casino, porque suspiras talvez (...).	<u>Lexical</u> Termo suspiras	-soupirer -aspirer à	[...] Et regarde, les casinos, pour lesquels tu aspires peut-être (...). “Aspirer à” é um termo mais atual na língua de chegada.



### Texto original da página 190

Para a MPF, a estada numa colónia de férias era um prémio às filiadas que maior interesse mostravam pela organização, e visava aperfeiçoar o «espírito da MPF» não devendo ser encarada com uma ida para «sanatório». Também na praia era preciso manter os bons costumes, e, por isso o *Boletim da MPF* dedicava os seus números de Verão a dar conselhos às suas leitoras. Estas deveriam ter «coragem» para dizer «não», por exemplo, a alguns divertimentos que «roubam o tempo destinado aos passeios higiénicos, aos jogos e aos desportos».

### Proposta de tradução da página 190

Pour la JFP, le séjour dans une colonie de vacances était une prime pour les affiliées qui montraient le plus d'intérêt envers l'organisation, et prétendait perfectionner « l'esprit de la JFP », ne devant pas être considéré comme un séjour au « sanatorium ». Il était également nécessaire de maintenir les bonnes coutumes à la plage et pour cela, le *Boletim da MPF* consacrait ses numéros d'été à donner des conseils à ses lectrices. Celles-ci devraient avoir le « courage » de dire « non », par exemple, à certains amusements qui « volent le temps destiné aux promenades salutaires, aux jeux et aux sports ».

### Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) o tempo destinado aos passeios higiénicos, aos jogos e aos desportos.	<u>Lexical</u> -passeios higiénicos	-promenades salutaires -promenades saines	(...) le temps destiné aux promenades salutaires. Termo mais utilizado na língua de chegada.

Texto original da página 192

No Verão de 1939, a MPF lançou a rubrica «como deve uma filiada da MPF preencher o tempo de férias». Uma das filiadas respondeu assim: «se não temos manos vamos até casa dos quinteiros, conversamos com eles, ensinamos-lhes alguma coisa útil com jeitinho para não os melindrar, tratamos bem os filhos deles (mesmo que sejam muitos feios e malcriados), procuramos inculcar a ideia de Deus naquelas almitas rudes mas boas, e ensinamos-lhes o catecismo diante dos pais, para que eles aproveitem também. Feito isto chegaremos à noite contentes do nosso dia.»

Proposta de tradução da página 192

Pendant l'été 1939, la JFP a lancé la rubrique « Comment une affiliée de la JFP doit occuper le temps des vacances ». Une des affiliées a répondu ainsi :

« Si nous n'avons pas de frères, nous allons chez les métayers, nous parlons avec eux, nous leur enseignons quelque chose d'utile, prenant soin de ne pas les brusquer, nous traitons bien leurs enfants [même s'ils sont très laids et impolis !], nous cherchons à inculquer l'idée de Dieu dans ces petites mais bonnes âmes rudes et nous leur enseignons le catéchisme devant leurs parents pour que ceux-ci en profitent aussi. Ce faisant, la nuit tombée, nous serons contentes de notre journée. »

Sem dificuldades de tradução.

Texto original da página 193

O período de férias servia habitualmente de pretexto para artigos sobre o campo e a praia. Nestes artigos a MPF transmitia conselhos sobre o que as jovens deviam ler e a forma como se deviam comportar: estudar um pouco, rezar, divertir-se o quanto baste, descansar, dormir e comer bem, ajudar os pobres, a mãe e as criadas, evitar o casino, não perder noites a dançar, pensar na pátria e em Deus, assim como conhecer Portugal.

Proposta de tradução da página 193

La période des vacances servait habituellement de prétexte à la publication d'articles sur la campagne et la plage. Dans ces articles, la JFP transmettait des conseils sur ce que les jeunes filles devaient lire et la manière dont elles devaient se comporter : étudier un peu, prier, s'amuser en quantité suffisante, se reposer, dormir et bien manger, aider les pauvres, leur mère et les bonnes, éviter le casino, ne pas perdre de nuits à danser, penser à la patrie et à Dieu, ainsi que connaître le Portugal.

Sem dificuldades de tradução.



15.

**“Pauvre femme qui travaille!”**

**Professionnalisation**

Le thème de l'exercice d'une profession n'a presque pas été abordé par le *Boletim da MPF*, comme si le fait d'occulter une réalité, bien que ténue, éloignait miraculeusement ce que l'organisation féminine craignait le plus : l'attraction des jeunes filles, auxquelles elle se dirigeait, du travail en-dehors du foyer. Mais, dans les années 50, cette réalité était incontournable et des articles sur ce sujet ont commencé à paraître dans la *M&M*. Maria Margarida Craveiro Lopes dos Reis, dirigeante de la JFP qui deviendrait d'ailleurs députée dans la deuxième moitié des années 50, a écrit, en 1952 pour la revue un article où elle considérait les études et le travail comme facteurs d'enrichissement pour les jeunes filles. Selon elle, après avoir exercé une profession, les jeunes filles pourraient toujours être, plus tard, « épouse et mère ».

Une opinion différente de celle défendue par Christine Garnier, dans une entrevue concédée à la *M&M* de juillet/août de la même année, à propos de l'édition récente de son livre *Vacances avec Salazar*, qui a répondu – d'ailleurs de manière inconséquente – comme la JFP souhaitait qu'elle le fasse :

« Pauvre femme qui travaille ! Je parle contre moi, mais sincèrement je pense que la femme perd, quand elle s'adonne à des occupations hors du foyer, beaucoup de son charme et de grâce féminine. Elle n'a pas été réellement faite pour rivaliser avec l'homme. Il a surtout un passé de millions d'années de lutte pour la vie qui le rend toujours très supérieur à sa femme. »

La collaboratrice Ana Maria a été celle qui s'est le plus penchée sur ce sujet. Bien que répétant les mots de Salazar sur le manque que la femme travaillant faisait à ses enfants et à son foyer, elle a expliqué que les jeunes filles ne devaient pas « dédaigner leur

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
“Que pena da mulher que trabalha!”	<u>Lexical</u> Que pena	-Quelle peine -Pauvre femme	« Pauvre femme qui travaille! » Expressão corrente utilizada na língua e cultura de chegada.
“(…) muito superior à sua companheira.”	<u>Lexical</u> companheira	-compagne -femme	« (...) très supérieur à sa femme ». Termo mais corrente na língua e cultura de chegada.

profissão», dado que algumas talvez nunca se casassem e que outras podiam vir a enfrentar a viuvez. Mas, como, segundo ela, as jovens não deviam olhar «demasiado alto» na escolha de uma profissão, limitou-se a dar algumas informações sobre escolas de aprendizagem de profissões «femininas» convenientes: cursos de professorado primário, de enfermagem e de educação infantil.

Num artigo de 1959, Ana Maria continuou a defender a escolha de uma profissão feminina, pelas que se viam confrontadas com a «dura necessidade» de trabalhar até que o amor as libertasse. A sua posição tinha, no entanto, evoluído, pois já aceitava que as mulheres não se dedicassem só a «carreiras tradicionalmente femininas» e recusava o encerramento das raparigas no quadro estreito «da antiga pedagogia alemã *Kirche, Kinder, Kleider, Küche*».

Em Janeiro de 1960, Maria Mercier já não perdeu tempo a defender ou condenar o trabalho feminino. Nesse período em que já havia nos liceus tantas raparigas como rapazes e em que elas ingressavam crescentemente nas universidades, tratava-se de difundir, entre as jovens da classe média-baixa, um determinado comportamento no futuro local de trabalho. Embora aconselhasse a jovem a revelar profissionalismo, não deixou de instá-la a nunca «mostrar má cara» ou arrogância, a respeitar as hierarquias, a mostrar uma elegância discreta, bem como a ser honesta, consciente e respeitadora, sem ser má colega, «picuinhas» ou servil.

Num artigo de 1966, as raparigas eram aconselhadas a escolher uma profissão segundo a sua vocação e aptidão e a consultar o Instituto de Orientação Profissional. As carreiras que serviam de exemplo continuavam, porém, a ser as «femininas»: «Se detestas

\* «Igreja, filhos, vestidos, cozinhas»

O C. E. I. responde periodicamente a qualquer pergunta, relacionada ou não, que solicite informações sobre cursos, profissões, estudos, livros, etc. Não é necessário enviar selos para a resposta mas reservamo-nos o direito de publicar no *Século e Mapa* as questões e respectivas respostas que sejam consideradas de interesse geral.

## O Centro de Estudos e Informação da M. P. F. (C. E. I.)

Responde

### MARIA CURVEDA — Vilaguiça

— Tenho 21 anos, sou professora primária mas desejo continuar a estudar. Qual os cursos que, com as mínimas habilitações (1.º ano e curso de Magistério Primário), eu poderia fazer, incluindo aqui o meu diploma de Língua para os exames? ...

É muito importante não deixar que tem de valorizar-se tanto quanto possível, em termos de estudos, mas não se passar que seja possível estudar si e vir a fazer os exames em Lisboa. A não ser que a estudante tirar um curso que se reconheça.

Com as habilitações que indica poderá escolher um dos seguintes cursos:

— auxiliar social, estenografia (de Saúde Pública, pedagógica, etc.); registo agrícola; curso de Instrução Prática (Contabilística), curso do Instituto de Nova Profissão de do Instituto Superior de Línguas e Administração; Agente de Arquivo (há várias especialidades) ou Instrutora de Educação Física.

Diga-nos qual lhe interessa e dar-lhe-emos informações pormenorizadas.

### MARIA CLAUDIA FERNANDES — Miradela do Douro

— Sou uma jovem que terminou o Curso Geral de Comércio. Vou pedir se digno inscrever-me sobre alguns cursos que possa seguir com as referidas habilitações.

Com as habilitações que possui poderá tirar um curso médio:

— Contabilista, no Instituto Comercial do Porto.

— qualquer dos cursos do Instituto de Novas Profissões ou do Instituto Superior de Línguas e Administração, em Lisboa.

Se pretendo um curso superior, poderá com o 1.º ano do Instituto Comercial tirar o curso de habilitação ao Instituto de Ciências Económicas e Financeiras em Lisboa, ou a Faculdade de Economia do Porto. Indique-nos quais os cursos que gostaria de fazer e a qual-lhe-emos alguns dos melhores cursos com informações pormenorizadas sobre as respectivas condições.

### ANA MARIA DE MATOS — Louzã

— O meu sonho foi sempre tirar licenciatura... gostaria, por isso, de saber se é possível, que se mantenha alguma especialização sobre este ramo.

Periodicamente será publicado no *Século e Mapa* alguns dos melhores cursos e cursos de licenciatura. Entretanto, e dado que a lista de que se trata ainda está longa, aqui lhe damos já alguns endereços sobre o assunto que está solicitando.

Boletim Internacional de Licenciaturas — Rua de Alameda, 70 — Lisboa — Telefone 20 74 30.

Cursos prioritários: Desenho, Tecnologia de Materiais, História de Arte, Preparação das Artes Industriais, etc.

Habilitações necessárias: 1.º ano do Curso das Letras, qualquer dos cursos das Boletins Triestrais, ou exames de habilitação geral, para qualificação que não tenham ainda concluído qualquer dos cursos indicados.

Duração do curso: 3 anos.

Cursos complementares: Investigação e Estatística, a Pintura, a Arquitectura, a Escultura, as Artesanarias, etc.

M. ESCARANZA

## PROFISSÕES

### AGENTE DE PUBLICIDADE

Habilitações necessárias — 3.º ano liceal ou equivalente.

Duração do curso — 4 anos (semestrais)

Cadeiras principais — Análise da Conjuntura Económica  
Introdução à Sociologia  
Tecnologia da Publicidade I, II, III  
Relações Públicas  
Marketing  
Psicopedagogia do Trabalho  
Redacção Publicitária

### TÉCNICO DE GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DE EMPRESAS

Habilitações necessárias — 7.º ano liceal ou equivalente.

Duração do curso geral — 3 anos (lectivos semestrais).

Duração dos cursos complementares — Gestão financeira de empresas — 2 semestres  
Gestão comercial (Marketing) — 2 semestres  
Gestão de pessoal — 1 semestre.

Data da matrícula — 1 a 8 de Fevereiro.

Local onde se frequenta — Instituto das Novas Profissões — Avenida Duque de Loulé, 47-1.º — Lisboa.

### COBREIRO DE TURISMO

Habilitações — 5.º Ano ou equivalente e o curso pré-profissional de I. S. I. A.

Duração — 2 anos (pode ser abreviado).

Cadeiras principais — Relações Humanas  
Geografia Turística  
História da Cultura Oriental  
Técnicas de Viagens  
Itinerário Turístico  
Propriedades Económicas

## Proposta de tradução da página 208

profession », étant donné que quelques-unes ne se marieraient jamais et que d'autres pourraient affronter le veuvage. Mais, comme selon elle, les jeunes filles ne devaient pas viser « trop haut » dans le choix d'une profession, elle s'est limitée à donner quelques informations sur des écoles d'apprentissage de professions « féminines » convenables : études de professeur primaire et d'école maternelle et d'infirmier.

Dans un article de 1959, Ana Maria a continué à défendre le choix d'une profession féminine, pour celles qui se retrouvaient face au « dur besoin » de travailler jusqu'à ce que l'amour les libère. Sa position avait cependant évolué, puisqu'elle acceptait maintenant que les femmes ne se dédient pas uniquement à des « carrières traditionnellement féminines » et refusait l'enfermement des jeunes filles dans le cadre restreint « de l'ancienne pédagogie allemande, *Kirche, Kinder ; Kleiner, Küche*<sup>\*37</sup> ».

En janvier 1960, Maria Mercier n'a plus perdu de temps à défendre ou condamner le travail féminin. À cette époque, où il y avait dans les lycées autant de filles que de garçons et où les jeunes filles étaient de plus en plus admises dans les universités, il s'agissait de diffuser parmi les jeunes filles de la classe moyenne-populaire, un comportement déterminé dans le futur lieu de travail. Bien que conseillant la jeune fille à révéler du professionnalisme, elle n'a pas cessé de la pousser à ne jamais montrer « mauvaise tête » ou arrogance, à respecter les hiérarchies, à montrer une élégance discrète, ainsi qu'à être honnête, consciente et respectueuse, sans être mauvaise collègue, « mesquine » ou servile.

Dans un article en 1966, les jeunes filles étaient conseillées à choisir une profession selon leur vocation et aptitude et à consulter l'Institut d'Orientation

---

<sup>37</sup> « \* Eglise, enfants, robes, cuisine »



Professionnelle. Les carrières qui servaient d'exemple continuaient, cependant, à être les « féminines » : « Si tu détestes

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
« Se detestas ensinar, (...) não serves para assistente social.	<u>Lexical</u> não serves para assistente social	-« Si tu détestes enseigner (...) tu ne sers pas pour assistante sociale. -« Si tu détestes enseigner (...) tu ne seras pas une bonne assistante sociale.	« Si tu détestes enseigner (...) tu ne seras pas une bonne assistante sociale. Expressão mais corrente na língua alvo.

Texto original da página 209

Ester de Lemos, colaboradora habitual da *M&M*, pede para as leitoras pesarem os prós e contras de uma jovem ficar em casa ou empregar-se. Do lado dos contras argumenta: o lar fica sem dona de casa, a jovem passa a conviver com gente «mal formada, mal educada, pervertida», a viver uma «vida fútil e superficial», «arrastada pela tentação do luxo e das despesas, e pelas relações de acaso que nada se parecem com amizades sérias». Para Ester Lemos, que, pelo contrário, até trabalhava, era preferível permanecer em casa, segundo os preceitos de Salazar.

Proposta de tradução da página 209

Ester de Lemos, collaboratrice habituelle de la *M&M*, demande aux lectrices de peser le pour et le contre, relativement au fait de rester à la maison ou de travailler pour une jeune fille. Du côté du contre, elle argumente : le foyer se retrouve sans femme au foyer, la jeune fille commence à fréquenter des gens « mal formés, mal éduqués, pervers », à vivre une vie futile et superficielle », « entraînée par la tentation du luxe et des dépenses et par les relations casuelles n'ayant rien à voir avec des amitiés sérieuses ». Pour Ester de Lemos, qui elle contrairement travaillait, il était préférable de rester à la maison selon les orientations de Salazar.

Sem dificuldades de tradução.

ensinar, não escolhas um curso sem outra saída [...] se não te interessas pelos problemas dos outros, não serves para assistente social.» Esta visão estereotipada da «essência» feminina não foi sempre difundida com a mesma radicalidade pela *MéM*.

No ano seguinte, em que havia quatro mulheres na Assembleia Nacional – entre elas, Ester de Lemos colaboradora da *MéM* –, um texto intitulado «A mulher no mundo de hoje» deu conta a seu modo do caminho percorrido pelas mulheres em Portugal. Se a mulher devia

«votar mesmo sem fazer política», o seu objectivo principal era, segundo a articulista, cooperar na «defesa da família», na educação e na cultura, além de «servir a Pátria e como cristã estabelecer o reino de Deus». O mesmo artigo esclarecia ainda que «a igualdade de direitos com o homem, no trabalho, estudo, comunidade e família» trazia à mulher «responsabilidades inerentes à sua personalidade feminina» e fazia dela «um elemento de paz, uma força de bem, obreira do progresso humano orientado para o eterno ideal: Deus, Pátria, Família».

# PROFISSÃO

## PROBLEMA DE TODAS AS JOVENS

Para a MPF o trabalho da jovem fora de casa era «apenas um trampolim para a vida mundana». No entanto, era cada vez maior o número de raparigas a frequentar a universidade e a querer exercer uma profissão. A MPF não tem outra saída senão reconhecer a inevitabilidade do trabalho mas aconselha as suas filiadas a escolher uma profissão feminina como: enfermeira, secretária, empregada de balcão, assistente social... e apela para que nunca se esqueçam que foram criadas para serem esposas e mães. «Por consequência é lógico que se aconselhem de preferência os estudos que permitam à mulher desempenhar o mais perfeitamente possível a sua missão maternal.»

**«Nos países ou nos lugares onde a mulher casada concorre com o trabalho do homem – nas fábricas, nas oficinas, nos escritórios, nas profissões liberais – a instituição da família, pela qual nos batemos como pedra fundamental de uma sociedade bem organizada, ameaça ruína. Deixemos, portanto, o homem a lutar com a vida no exterior, na rua ... e a mulher a defendê-la, a trazê-la nos seus braços, no interior da casa (...).»**

ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR  
EM ENTREVISTA A ANTÓNIO FERRO



### Proposta de tradução da página 211

enseigner, ne choisis pas des études sans autre débouché [...] si tu ne t'intéresses pas aux problèmes des autres, tu ne seras pas une bonne assistante sociale ». Cette vision stéréotypée de « l'essence » féminine n'a pas toujours été diffusée avec la même radicalité par la *M&M*. L'année suivante, où il y avait quatre femmes à l'Assemblée Nationale – entre-elles, Ester de Lemos collaboratrice de la *M&M* -, un texte intitulé « La femme dans le monde d'aujourd'hui » a rendu compte, à sa manière, du chemin parcouru par les femmes au Portugal. Si la femme devait « voter même sans faire de la politique », son principal but était selon la rédactrice, de coopérer à la « défense de la famille », à l'éducation et à la culture, sans oublier de « servir la Patrie et, comme chrétienne, établir le royaume de Dieu ». Le même article expliquait encore que « l'égalité de droits avec l'homme, dans le travail, les études, la communauté et la famille » donnait à la femme « des responsabilités inhérentes à sa personnalité féminine » et faisait d'elle « un élément de paix, une force du bien, ouvrière du progrès humain orienté vers l'éternel idéal : Dieu, Patrie, Famille. ».

Pour la JFP, le travail de la jeune fille hors du foyer était « un simple tremplin pour la vie mondaine ». Cependant, le nombre de jeunes filles qui fréquentaient l'université et qui voulaient exercer une profession était de plus en plus grand. La JFP n'a pas d'autre sortie que de reconnaître l'inévitabilité du travail, mais conseille ses affiliées à choisir une profession féminine telle que : infirmière, secrétaire, serveuse, assistante sociale... et appelle à ce qu'elles n'oublient jamais qu'elles ont été élevées pour être des épouses et des mères. « En conséquence, il est logique, qu'on conseille de préférence les études qui permettent à la femme d'exercer le plus parfaitement possible sa mission maternelle. »

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) trazia à mulher “responsabilidades (...).	<u>Lexical</u> -trazia	-apportait -donnait	(...) donnait à la femme « des responsabilités (...). Adaptação do verbo da língua de partida para a língua de chegada.
(...) « apenas um trampolim para a vida mundana »	<u>Lexical</u> apenas	-« à peine un tremplin pour la vie mondaine ». -« un simple tremplin pour la vie mondaine ».	« un simple tremplin pour la vie mondaine ». Tradução de «apenas» por « simple » que proporciona a ideia restritiva, possibilitando uma sintaxe mais utilizada na língua de chegada.

## 16.

«A menina do liceu, a criada, a mulher da hortalça, a varina tudo usa permanente [...] parecem angolanas»

### Tempos modernos

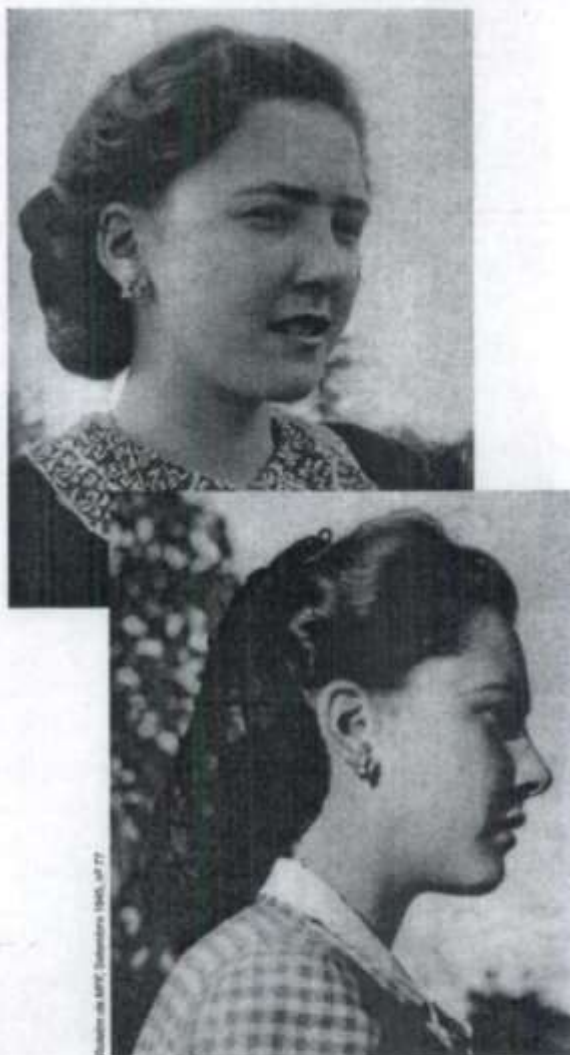
A partir do final da II Guerra Mundial, a juventude portuguesa, especialmente aquela com maior acesso às novidades, distanciava-se dos comportamentos conservadores que o salazarismo autárquico tentava continuar a impor. O caminho da modernidade era imparável, como se pode ver nos conselhos que a MPF dava às suas filiadas, através da sua imprensa. Incentivava-as a reagir a remoques das colegas que, apesar de obrigadas a seguir nas escolas as actividades da organização, não usavam o uniforme nem aderiam aos princípios austeros e tradicionalistas difundidos e seguiam as modas vislumbradas nas revistas femininas.

Em Setembro de 1945, a colaboradora Maria Benedita regozijou-se, no *Boletim da MPF*, por já não existir a «moda do cabelo curto que empolgou e foi usada por todas as classes». Ao mesmo tempo ridicularizou a jovem que «quer ser Marlene, a oleosa que quer ser Joan Crawford» e as que imitavam «Garbo e aquela sereia da qual só se vê metade da cara». Criticou em particular a «permanente», por eliminar, na aparência, as diferenças sociais entre as jovens: «a menina do liceu, a criada, a mulher da hortalça, a varina tudo usa permanente [...] parecem angolanas».

Em Abril de 1947, o *swing* era fustigado, num artigo da *M&M*, que, no número de Junho, se virou contra as saias curtas, considerando que as «saias mais compridas dão mais dignidade». A dirigente Maria Margarida Craveiro Lopes dos Reis exortou então as jovens a não se deixarem «envolver pelo barulho do século XX» e criticou aquela que «rodava o botão da telefonia e implora[va] do batuque frenético de qualquer music-hall o barulho» ou gastava o tempo no cinema, «já neura e desiludida».

Outro texto defendia, em Fevereiro de 1951, uma moda que seguia «a moral cristã e a

# Penteados



A simplicidade do penteado contribui para a distinção das raparigas

16.

**«La jeune fille du lycée, la bonne, la marchande de légumes, la poissonnière tout le monde fait une permanente [...] on dirait des angolaises »**

**Temps modernes**

A partir de la fin de la II Guerre Mondiale, la jeunesse portugaise, particulièrement celle ayant un plus grand accès aux nouveautés, se distanciat des comportements conservateurs que le salazarisme autarcique essayait de continuer à imposer. Le sentier de la modernité était imparable, comme on peut vérifier dans les conseils que la JFP donnait à ses affiliées, à travers sa presse. Elle les incitait à réagir aux remarques des collègues qui, bien qu'étant obligées de suivre les activités de l'organisation dans les écoles, ne portaient pas l'uniforme, ni n'adhéraient aux principes austères et traditionalistes diffusés et suivaient les modes aperçues dans les revues féminines.

En septembre 1945, la collaboratrice Maria Benedita s'est réjouie, dans le *Boletim da MPF*, de la fin de la « mode des cheveux courts qui a captivé et a été utilisée par toutes les classes ». En même temps, elle a ridiculisé la jeune fille qui « veut être Marlene, la huileuse qui veut être Joan Crawford » et celles qui imitaient « Garbo et cette sirène dont on ne voit que la moitié du visage ». Elle a tout particulièrement critiqué la « permanente », parce qu'elle éliminait, en apparence, les différences sociales entre les jeunes filles : « la jeune fille du lycée, la bonne, la marchande de légumes, la poissonnière tout le monde fait une permanente [...] on dirait des angolaises ».

En avril 1947, le *swing* était fustigé dans un article de la *M&M*, qui dans son

édition de juin, s'est retournée contre les jupes courtes, considérant que les « jupes plus longues donnent plus de dignité ». La dirigeante Maria Margarida Craveiro Lopes dos Reis a alors exhorté les jeunes filles à ne pas se laisser « emporter par le bruit du XX siècle » et a critiqué celle qui tournait le bouton de la radio et implorait le bruit du tapage frénétique de tout music-hall » ou gaspillait son temps au cinéma, « déjà névrosée et déçue ».

En février 1951, un autre texte défendait une mode qui suivait « la morale chrétienne et la

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) a mulher da hortaliça (...).	<u>Lexical</u> mulher da hortaliça	-legumière -marchande légumes	(...) la marchande de légumes (...). Optámos pela utilização do termo “marchande de légumes”, porque segundo à nossa experiência e conhecimento da cultura de chegada é o termo mais utilizado.



dignidade humana». «Chapéus fantásticos», «unhas de garras ensanguentadas», decotes, cosméticos e extravagâncias eram totalmente desaconselhados, assim como o eram «as danças americanas, apesar de não pretendermos que dances só pавanas e gavottes». Não havia de facto pior exemplo de modernidade para a MPF que a vida nos Estados Unidos. Em Janeiro de 1953, um artigo da *MeM* descreveu a «vida diferente da América», e como, por trás de pretensas qualidades, se escondiam insidiosamente tremendos defeitos: os homens «ajudavam», mas a família não tinha «estabilidade». Mesmo as raparigas «sérias», «metidas na engrenagem do mundo moderno», corriam o risco de soçobrem ao «egoísmo» e ao «materialismo».

No entanto, foi a partir de 1958, ano paradigmático das eleições presidenciais em que Humberto Delgado concorreu contra o candidato do regime, que os novos tempos surgiram de forma recorrente na revista.

Um artigo da *MeM* de

Janeiro desse ano abordou o tema dos «bandos» de jovens, enquanto outro

apresentava o tipo de raparigas que a MPF abominava: «as que dormem vestidas», a intelectual que usa «roupa em acordeão» ou «a ruiva que usa bailarinas», deixando o pé deformado. Maria da Conceição Costa Lobo criticou, por seu turno, a rapariga da moda, que pensava ter «personalidade» por se dar ares de intelectual, vestir camisola largueirona, fumar e beber *cocktails*, só ler Aldous Huxley e ver filmes de tese.

No ano seguinte, surgiu um novo inimigo: o «existencialismo». Maria Joana Mendes Leal queixou-se de ter encontrado numa recente viagem

a Paris um jovem português que se vangloriava de ter visitado «caves existencialistas», e, noutro artigo, apelava-se às portuguesas para que fossem «modernas» mas «existencialistas – não!» Por seu turno, num artigo publicado em Janeiro de 1961 e nostalgicamente intitulado «A cor do passado», Ester de Lemos retratou horrorizada as «cabeças desgrenhadas», a mania do disco e do filme, o mobiliário geométrico e o *snack-bar*.

Surgira entretanto um novo factor de modernidade, a televisão, «uma janela aberta para o mundo» que «mete o mundo no lar» e que, por isso, nunca devia ser ligada durante as refeições para se «respeitar esses momentos de intimidade familiar» (*MeM*, Julho/Agosto de 1958). Mais tarde, em Janeiro de 1962, a televisão continuou a ser considerada uma «manifestação ostensiva de individualismo face à família», um «poderoso meio de cultura mas também de dissipação, recreativo mas destrutivo do ambiente familiar, com possibilidade de educar mas com nefastas influências nas

# MODAS



Para a MPF o «vestuário rebuscado demais» era um excesso a combater pelas suas filhadas. Até porque «quem é elegante não tem a mania de variar de toilette». Mas o caminho da modernidade era imparável e as influências de fora, nomeadamente a americana, já se faziam sentir junto das jovens portuguesas.

### Proposta de tradução da página 219

dignité humaine ». « Chapeaux fantastiques », « ongles de griffes ensanglantées », décolletés, cosmétiques et extravagances étaient totalement déconseillés, tout comme l'étaient « les danses américaines, bien qu'on ne prétende pas que tu ne danses que des pavaues et des gavottes ». Il n'y avait, en effet, de pire exemple de modernité, pour la JFP, que la vie aux Etats-Unis. En janvier 1953, un article de *M&M* décrivait la « vie différente de l'Amérique » et comme, derrière des soi-disant qualités, se cacheraient insidieusement d'affreux défauts : les hommes « aidaient », mais la famille n'avait pas de « stabilité ». Même les jeunes filles « sérieuses » « en plein engrenage du monde moderne » courraient le risque d'être submergées par « l'égoïsme » et par le « matérialisme ».

Cependant, c'est à partir de 1958, année paradigmatique des élections présidentielles où Humberto Delgado s'est présenté contre le candidat du régime, que les nouveaux temps ont surgi de manière récurrente dans la revue. Un article de la *M&M* de janvier de cette même année a abordé le thème des « bandes » de jeunes tandis qu'un autre présentait le genre de jeunes filles que la JFP abominait : « celles qui dorment vêtues », l'intellectuelle qui porte « ses vêtements en accordéon » ou « la rouquine qui porte des ballerines » déformant les pieds. Maria da Conceição Costa Lobo a elle aussi critiqué la jeune fille à la mode, qui pensait avoir de la « personnalité » en se donnant des airs d'intellectuelle, en portant un pull-over très large, en fumant et en buvant des cocktails, ne lisant qu'Aldous Huxley et regardant des films intellectuels.

L'année suivante, un nouvel ennemi a surgi : « l'existentialisme ». Maria Joana Mendes Leal s'est plainte d'avoir rencontré dans un récent voyage à Paris, un jeune portugais qui se vantait d'avoir visité des « caves existentialistes » et dans un autre article on incitait les portugaises à être « modernes » mais « existentialistes » - non ! ».

A son tour, dans un article publié en janvier 1961 et nostalgiquement intitulé « La couleur du passé », horrifiée Ester de Lemos évoquait les « têtes décoiffées », la manie du disque et du film, le mobilier géométrique et le *snack-bar*.

Entretemps a surgi un nouveau facteur de modernité, la télévision, « une fenêtre ouverte sur le monde » qui « met le monde dans le foyer » et qui, ainsi, ne devrait jamais être allumée pendant les repas pour « respecter ces moments d'intimité familiale » (*M&M*, juillet/août 1958). Plus tard, en janvier 1962, la télévision a continué à être considérée comme une « manifestation ostentatoire de l'individualisme face à la famille », un « puissant moyen de culture mas aussi de dissipation, récréatif mais destructif de l'ambiance familiale, pouvant éduquer mais ayant des influences néfastes sur

Pour la JFP, les « vêtements trop recherchés » étaient un excès à combattre par ses affiliées. Puisque, de plus « celle qui est élégante n'a pas l'habitude de changer de toilette ». Mais le chemin de la modernité était imparable et les influences extérieures, nommément l'américaine, se faisaient déjà sentir auprès des jeunes filles portugaises.

#### Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) « metidas na engrenagem (...) »	<u>Lexical</u> -metidas	-enfonceés -en plein	(...) « en plein engrenage (...) ». Expressão mais adequada e utilizada na língua de chegada.

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) por se dar ares de intelectual, vestir camisola largueirona (...).	<u>Gramatical</u>	(..) donnant des airs d'intellectuelle, en portant un pull-over très large (...).	Utilização do gerúndio para exprimir a maneira ou modo.
(...) a televisão (...) nunca devia ser ligada (...).	<u>Gramatical</u> Alteração tempo verbal	(...) la télévision (...) ne devrait jamais être allumée (...).	Substituição do pretérito imperfeito do indicativo pelo “conditionnel présent” na língua de chegada de forma a exprimir um conselho.

## SERÁ MÁ A NOSSA ÉPOCA?

mentalidades e nos costumes». Chegara também o tempo de se condenar a «nova vaga», «vaga desgrenhada, arrastada para o mal e mediocridade», como se pode ler num artigo da *M&M*, de Março de 1962.

Em Abril do ano seguinte, a MPF promoveu um encontro de dirigentes onde a graduada Maria Leonor Carvalhão Buescu proferiu uma conferência intitulada *A Mocidade Portuguesa Feminina face à Juventude Actual*, a denunciar a influência da «nova pedagogia» americana e da «pseudo-filosofia existencialista». O cinema e a televisão constituíam, segundo ela, poderosos aparelhos de difusão de uma «sexualidade desenfreada», entre uma juventude sem preparação, cujo aumento de poder de compra era aproveitado por um mercado editorial em transigência com a moral. Como solução, Maria Leonor Buescu advogava a sublimação das tendências da época através da intensificação da piedade religiosa, do estreitamento dos laços familiares e da criação, pela MPF, de um novo «ideário». Da autoria de Maria Joana Bidarra de Almeida, este viria a ser editado em 1964.



Arquivo da MPF, Fevereiro 1964, p. 71

## COMBATE OS TEUS DEFEITOS

Passas as tuas férias estirada na praia. Vamos, confessa que o teu único intuito é exhibires-te e que estás persuadida de que os outros te consideram a mais linda das sereias. Queres um bom conselho? Veste-te em seguida ao banho e deixa-te de exibicionismos ridículos.

Tendência para romantismo, indolência, suspiros sem razão. Em noites de luar vais para a varanda, sentes-te tão infeliz como uma Julieta... sem Romeu. Remédio para todos estes males: deixa-te de leituras sentimentais, dá passeios a pé, entretém-te com os trabalhos caseiros e ocupa o espírito em assuntos positivistas.

Para que te comportas como se quisesses conquistar o amor de todos os teus camaradas? Enquanto o teu coração não for dominado por um sentimento sério, mantém a dignidade feminina, que é das coisas mais belas que uma rapariga pode possuir.



### Proposta de tradução da página 220

les mentalités et les coutumes ». Le temps était aussi venu de condamner la « nouvelle vague », « vague décoiffée, entraînée vers le mal et la médiocrité », comme on peut lire dans un article de la *M&M* de mars 1962.

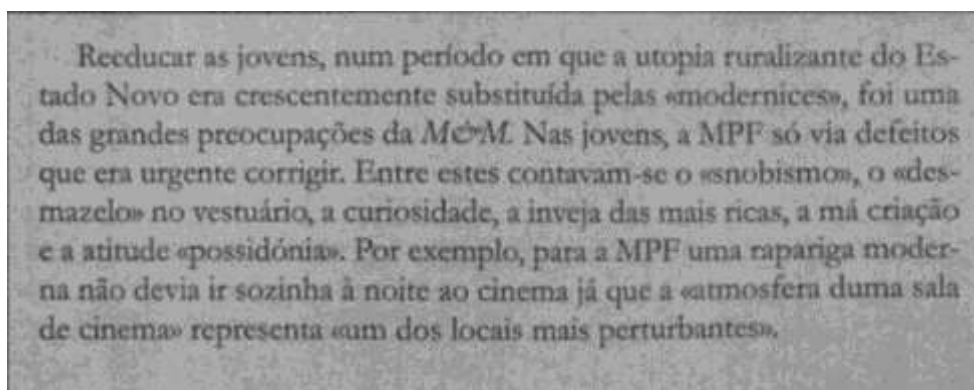
En avril de l'année suivante, la JFP a promu une rencontre de dirigeantes où la graduée Maria Leonor Carvalhã Buescu a proféré une conférence intitulée *A Mocidade Portuguesa Feminina face à Juventude Atual*<sup>38</sup>, dénonçant l'influence de la « nouvelle pédagogie » américaine et de la « pseudo-philosophie existentialiste ». Le cinéma et la télévision constituaient, selon elle, de puissants appareils de diffusion d'une « sexualité effrénée » auprès d'une jeunesse sans préparation, dont la croissance du pouvoir d'achat était utilisée par un marché éditorial en transigeance avec la morale. Comme solution, Maria Leonor Buescu défendait la sublimation des tendances de l'époque par le biais de l'intensification de la piété religieuse, du resserrement des liens familiaux et de la création, par la JFP, d'un nouvel « idéal ». Celui-ci serait édité en 1964, Maria Joana Bidarra de Almeida étant son auteur.

Sem dificuldades de tradução.

---

<sup>38</sup> Possível tradução: *La Jeunesse Portugaise Féminine face à la Jeunesse Actuelle*

### Texto original da página 221



Reeducar as jovens, num período em que a utopia ruralizante do Estado Novo era crescentemente substituída pelas «modernices», foi uma das grandes preocupações da M&M. Nas jovens, a MPF só via defeitos que era urgente corrigir. Entre estes contavam-se o «snobismo», o «desmazelo» no vestuário, a curiosidade, a inveja das mais ricas, a má criação e a atitude «possidónia». Por exemplo, para a MPF uma rapariga moderna não devia ir sozinha à noite ao cinema já que a «atmosfera duma sala de cinema» representa «um dos locais mais perturbantes».

### Proposta de tradução da página 221

Rééduquer les jeunes filles, pendant une période où les « modernités » substituèrent de plus en plus l'utopie ruralisante de l'Etat Nouveau a été une des grandes préoccupations de la M&M. La JFP ne voyaient, dans les jeunes filles, que des défauts qu'il était urgent de corriger. Parmi ceux-ci on comptait le « snobisme », la « négligence » dans les vêtements, la curiosité, la jalousie envers les plus riches, l'impolitesse et l'attitude « prétentieuse ». Par exemple, pour la JFP une jeune fille moderne ne devait pas aller seule au cinéma la nuit vu que « l'atmosphère d'une salle de cinéma » représente « un des lieux les plus perturbants ».

Sem dificuldades de tradução.

Entretanto, no final da década de 60, a MPF tentava desesperadamente manter os seus valores e a defesa da «civilização cristã», por contraponto à «civilização moderna». Ao mesmo tempo que erigia como inimigas as novas modas que arrastavam a juventude – os «*mods e rockers*» que se tinham substituído aos «*blousons noirs e teddy-boys*» e os que só falavam de «Vietnams» –, a *M&M* enaltecia a «verdadeira juventude», que honrava «a sua geração» e frequentava as actividades da organização. Além de abordar novos temas como a «poluição», a revista preocupou-se com os cursos e os empregos que as suas leitoras deveriam escolher, bem como com a nova música, transmitida, em 1971, pelo programa televisivo *Zip Zip*. Num artigo sobre este último, havia o cuidado de esclarecer que se repudiava «o tipo de canção que grita estridências de revolta e se faz acompanhar de contorsões avulsas», preferindo a «de sabor romântico».

## RAPARIGAS DE ONTEM



### Proposta de tradução da página 222

Cependant, à la fin des années 60, la JFP essayait désespérément de maintenir ses valeurs et la défense de la « civilisation chrétienne » en opposition à la « civilisation moderne ». En même temps qu'elle érigeait comme ennemies les nouvelles modes qui entraînaient la jeunesse – les « *mods et rockers* » qui avaient substitués les « *blousons noirs* et les *teddy-boys* » et ceux qui ne parlaient que de « Vietnams » -, la *M&M* glorifiait la « vraie jeunesse », qui honorait « sa génération » et fréquentait les activités de l'organisation. Outre aborder de nouveaux thèmes comme la « pollution », la revue s'est intéressée aux nouvelles formations et aux emplois que ses lectrices devraient choisir, tout comme à la nouvelle musique transmise en 1971 par le programme de télévision *Zip Zip*. Dans un article sur ce programme, on insistait sur le fait qu'on

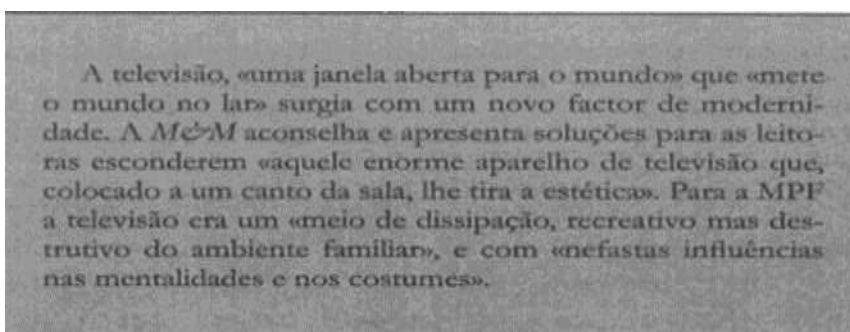


répudiait « le genre de chanson qui hurle des stridences de révolte et se fait accompagner de contorsions dénaturées », préférant celle « de saveur romantique ».

Dificuldades encontradas ao longo da tradução e a sua resolução

<u>Texto original</u>	<u>Problemas na tradução</u>	<u>Soluções possíveis</u>	<u>Solução adotada</u>
(...) havia o cuidado de esclarecer que se repudiava (...).	<u>Lexical</u> havia o cuidado de	-(...) on prenait le soin d'explique qu'on répudiait (...). -(...) on insistait sur le fait qu'on répudiait (...).	(...) on insistait sur le fait qu'on répudiait (...). Tendo em conta o contexto, esta expressão reforça a ideia de que se repudiava o tipo de música referido.
Num artigo sobre este último (...).	<u>Lexical</u> último	-Dans un article sur ce dernier (...). -Dans un article sur ce programme (...).	Dans un article sur ce programme (...). Optámos por repetir programme, porque é a opção mais utilizada na língua de chegada.
(...) se faz acompanhar de contorsões avulsas (...).	<u>Lexical</u> Termo avulsas	-dépareillées -dénaturées	(...) se fait accompagner de contorsions dénaturées (...). Termo mais adequado de acordo com o texto original e a língua de chegada.

#### Texto original da página 224

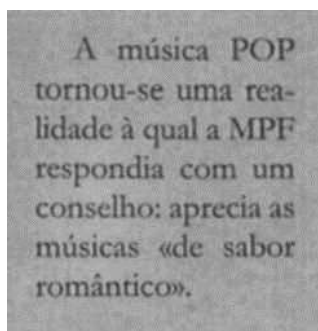


A televisão, «uma janela aberta para o mundo» que «mete o mundo no lar» surgia com um novo factor de modernidade. A *M&M* aconselha e apresenta soluções para as leitoras esconderem «aquele enorme aparelho de televisão que, colocado a um canto da sala, lhe tira a estética». Para a MPF a televisão era um «meio de dissipação, recreativo mas destrutivo do ambiente familiar», e com «nefastas influências nas mentalidades e nos costumes».

#### Proposta de tradução da página 224

La télévision, « une fenêtre ouverte sur le monde » qui « met le monde dans le foyer » surgissait comme un nouveau facteur de modernité. La *M&M* conseille et présente des solutions aux lectrices pour cacher « cet énorme appareil de télévision qui, mis dans un coin du salon, lui enlève son esthétique ». Pour la JFP, la télévision était un « moyen de dissipation, récréatif mais destructif de l'ambiance familiale » et avec « des influences néfastes sur les mentalités et les coutumes ».

#### Texto original da página 225



A música POP tornou-se uma realidade à qual a MPF respondia com um conselho: aprecia as músicas «de sabor romântico».

#### Proposta de tradução da página 225

La musique POP est devenue une réalité à laquelle la JFP répondait avec un conseil : apprécie les musiques « de saveur romantique ».

Sem dificuldades de tradução.

## NOTES

### Capítulo 2 – Chapitre 2

\*1 - Depois de um interregno desde 1952, o *BD* surgiria de novo em 1963, sob a responsabilidade de Maria Margarida Craveiro Lopes dos Reis e Ester Gaspar Soeiro de Sá. Cinco anos depois, adotou o nome de *Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina* e, na década de 70, foi substituído pelo *Guia para Monitoras*.

#### Proposta de tradução:

\*1 - Après un interrègne depuis 1952, le *BD* surgirait à nouveau en 1963 sous la responsabilité de Maria Margarida Craveiro Lopes dos Reis et Ester Gaspar Soeiro de Sá. Cinq ans après, il a adopté le nom de *Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina* e dans les années 70, celui-ci a été substitué par *Guia para Monitoras*.

\*2 - Reunião de dirigentes de 10 de janeiro de 1956. A. MP/MPF no ANTT<sup>39</sup>.

#### Proposta de tradução:

\*2 - Réunion de dirigeantes du 10 janvier 1956. La JP/JFP à l'ANTT.

### Capítulo 8 – Chapitre 8

\*1 - *M&M*, Julho/Agosto de 1957.

#### Proposta de tradução:

\*1 - *M&M*, juillet/août 1957.

\*2 - Ver também os “Livros aconselhados pela *Menina e Moça*”, apêndice ao estudo de Isabel Alves Ferreira, “Mocidade Portuguesa Feminina. Um ideal educativo”, in *Do Estado Novo ao 25 de Abril*, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias/Faculdade de Letras, 1994, pp. 193-233.

#### Proposta de tradução:

\*2 - Voir également les “Livres conseillés par *Menina e Moça*”, appendice à l'étude d'Isabel Alves Ferreira, « *Mocidade Portuguesa Feminina. Um ideal educativo* », in *Do estado Novo ao 25 de Abril*, Coïmbre, Institut d'Histoire e Théorie des Idées/Faculté de Lettres, 1994, pp. 193-233.

---

<sup>39</sup> Tradução Pissível: Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Archives Nationales de la Tour du Tombo

\*3 - Actas do CN de 12 e de 30 de março de 1946, Arquivo da MP/MPF no ANTT.

Proposta de tradução:

\*3 - Actes du CN du 12 et du 30 mars 1946, Archives de la JP/JPF à l'ANTT.

\*4 - Bobina 25/85, AHME

Proposta de tradução:

\*4 - Bobine 25/85, AHME

**Capítulo 13 – Chapitre 13**

\*1 - Caixa 7853, “Correspondência particular”. Relatório de Maria Teresa Vasconcelos Porto, de 16 de maio de 1949.

Proposta de tradução:

\*1 - Caisse 7853, “Correspondance personnelle”. Rapport de Maria Teresa Vasconcelos Porto, 16 mai 1949.

\*2 - Acta da reunião de dirigentes de 28 de novembro de 1960. Arquivo da MP/MPF no ANTT; Normas para a estada nas colónias de férias, maio de 1956.

Proposta de tradução:

\*2 - Acte de la réunion de dirigeants du 28 novembre 1960. Archive de la JP/JFP au ANTT ; Normes de séjour dans les colonies de vacances, mai 1956.

\*3 - Reunião de dirigentes de 10 de janeiro de 1956. A MP/MPF no ANTT.

Proposta de tradução:

\*3 - Réunion de dirigeants du 10 janvier 1956. La JP/JFP à l'ANTT.

## Conclusão

Neste Trabalho Projeto procedemos num primeiro tempo à contextualização da obra, realçando todas as particularidades ao efetuar-se uma leitura atenta e uma entrevista à autora Irene Flunser Pimentel. Num segundo tempo, relembámos as principais questões em redor da tradução, isto é, a questão da fidelidade e infidelidade, da reescrita e da Escola da Manipulação, destacando igualmente a importância do papel do tradutor enquanto mediador cultural. Num terceiro tempo, abordámos o bilinguismo, facultando as principais definições, a biculturalidade do tradutor e apresentámos ainda a vantagem de ser bilingue para a tradução e para o tradutor. Finalmente, procedemos à exposição da reescrita de alguns capítulos de *Mocidade Portuguesa Feminina*, apresentando as dificuldades verificadas e solucionadas graças ao conhecimento e destreza linguística e cultural, ou seja ao bilinguismo.

Ao longo do trabalho exposto, deparámo-nos com algumas dificuldades, quer a nível lexical, sintático ou gramatical (como por exemplo nos vocábulos MLP e SNI). Podemos constatar que durante a nossa reescrita, a técnica da Escola da Manipulação prevaleceu, ou seja, no decorrer da nossa tradução, manipulámos o texto original, de forma a conseguir um resultado na língua de chegada, ao nosso ver, tão fiel quanto possível. Assim, procurámos preservar a essência e a alma do texto original, tornando-o traduzível. As dificuldades encontradas foram resolvidas através de vários métodos de tradução, mas principalmente devido ao nosso conhecimento e familiarização da língua e da cultura de chegada enquanto tradutores bilingues.

No presente trabalho, o bilinguismo foi sem dúvida uma mais-valia, pois permitiu ultrapassar as principais barreiras, de significado e de construção sintática (Vide Ponto IV – Tradução dos capítulos, análise das dificuldades e soluções adotadas, p.39) que surgiram ao longo deste projeto.

Pensamos que este trabalho de reescrita permite consolidar a ideia de que ter um excelente conhecimento linguístico não é suficiente por si só, é necessária toda uma bagagem cultural, que permite identificar referências muito particulares de uma ou outra cultura. Sendo a cultura intrinsecamente ligada ao ato tradutório, logo o tradutor tem de ser bilingue e bicultural.

O tradutor é um comunicador interlingue, um mediador cultural e de informação. O seu trabalho é verdadeiramente importante, tendo em conta a sociedade em que vivemos, sociedade que é marcada pela necessidade de uma contínua troca de informação, onde a comunicação se torna imperativa e inegável o papel do tradutor.

O tradutor tem de ser muito perspicaz na sua interpretação do texto. A sua leitura é fundamental para obter um bom resultado e assim transmitir a intenção do autor do texto de partida. A tradução envolve todo um processo de transmissão de significados contidos num determinado sistema para outro e por vezes o tradutor tem de aceitar certas impossibilidades, como por exemplo a falta de convenções culturais semelhantes na língua de chegada. Cabe então ao tradutor tomar as decisões e escolher as opções mais adequadas, após a verificação de elementos tais como a época, o contexto, o tipo de texto e o público-alvo a quem se destina a tradução ou a reescrita.

Hoje em dia, o conceito de reescrita é cada vez mais predominante, visto que o tradutor é o autor, o reescritor da obra da língua de partida para a língua de chegada. Podemos considerar como uma boa tradução, aquela que não se distingue do texto original e mantém a especificidade de cada cultura e língua. Em plena era de globalização e internacionalização, a tradução é sem dúvida o veículo de comunicação e um ponto de encontro entre culturas. O ato tradutório é sem dúvida um ato transfronteiriço, de pura troca cultural.

No termo deste Trabalho Projeto permanece o sentimento de incompletude.

Contudo, acreditamos que *Bilinguismo: vantagens e mais-valias para a tradução interlingue. A reescrita de alguns capítulos de Mocidade Portuguesa Feminina de Irene Flunser Pimentel*, poderá ser um contributo para a problemática da tradução, realçando a importância do bilinguismo e da biculturalidade no ato de reescrita.

## **Bibliografia**

### **Primária:**

- \* PIMENTEL, Irene Flunser (2008). *Mocidade Portuguesa Feminina*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

### **Secundária:**

- \* ARROJO, Rosemary (1986). *Oficina de Tradução: A Teoria na Prática*. São Paulo: Ática.
- \* BARNSTONE, Willis (1993). *The Poetics of Translation*. New Haven: Yale University Press.
- \* BASSNETT, Susan (2002). *Translation Studies*. London: Routledge.
- \* BUTLER, Yuko e HAKUTA, Kenji (2006). Bilingualism and Second Language Acquisition. In: BATIA, Tej e RITCHIE, William, *The Handbook of Bilingualism*. Oxford: Blackwell Publishing, pp. 114-145.
- \* CATFORD, John (1965). *A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics*. London: Oxford University Press.
- \* DELISLE, Jean (1981). *La Compréhension des Textes et le Processus Cognitif de la Traduction*. In: *Comprendre le langage*. Paris : Didier Erudition.
- \* GREUEL, Marcelo (1997). “*Reflexões Fenomenológicas sobre a Teoria da Tradução*”. In: *Cadernos de Tradução*, UFSC, nº1, abril.
- \* GROSJEAN, François (1996). Living with Two Languages and Two Cultures. In: PARASNIS, Ila, *Cultural and Language Diversity and the Deaf Experience*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 20-37.
- \* HERMANS, Theo (1985). *The manipulation of literature – Studies in literary translation*. London: Croom Helm.
- \* KLEIN, Jean (1997). *Traduttore, traditore- La Traduction de la composante*



- culturelle des textes*. In : Hypogrif Réflexions, n°7, pp.5-9.
- \* LAMBERT, Wallace (1978). “*Psychological approaches to bilingualism, translation and interpretation*”. In: *Language, Interpretation and Communication*. New York: Plenum Press.
  - \* LEDERER, Marianne (1993). *Interpréter pour traduire*. Paris : Didier Erudition.
  - \* LEFEVERE, André (1992). *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. London: Oxford University Press.
  - \* LIMA, Conceição (2010). *Manual de Teoria da Tradução*. Lisboa: Edições Colibri.
  - \* MAINGUENEAU, Dominique (2005). *Analyser les textes de communication*. Paris: Armand Colin.
  - \* NEWMARK, Peter (1988). *A textbook of translation*. NewYork/London: Prentice Hall.
  - \* NIDA, Eugene (1993). *Language, culture and translating*. Shanghai: Foreign Language Press.
  - \* NIDA, Eugene (2001). *Contexts in Translating*. Amsterdam: John Benjamins B.V.
  - \* PIMENTEL, Irene Flunser (1998). “*A Mocidade Portuguesa Feminina nos dez primeiros anos de vida (1937-47)*.” In: *Penélope*, n° 19-20, pp. 161-187.
  - \* ROMAINE, Suzanne (1995). *Bilingualism*, Oxford: Blackwell Publishers.
  - \* SNELL-HORNBY, Mary (1995) *Translation studies: an integrated approach*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
  - \* STEINER, George (1998). *After Babel – Aspects of language and translation*. Oxford: Oxford University Press.
  - \* TAFT, Ronald (1981). “*The Role and Personality of the Mediator*.” In: Stephen

Bochner (ed.) *The Mediating Person: Bridges between Cultures*, Schenkman. Cambridge.

- \* TOURY, Gideon (1995). *Descriptive Studies and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- \* VENUTI, Lawrence (1998). *The Scandals of Translation towards an ethics of difference*. London: Routledge.
- \* VERMEER, Hans. (2004). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge.
- \* WILLIAMS, Raymond (1961). *The Long Revolution*. Harmondsworth: Penguin.

#### Webgrafia:

- \* Estado Novo. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. [Consulta: 2012-01-20]. <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$estado-novo](http://www.infopedia.pt/$estado-novo)>.
- \* LUZ, Claudino (12 de setembro de 2008). *Leitura, análise, interpretação e síntese textual (leitura)*. [consulta: 12/01/2012] <URL: <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/leitura-analise-interpretacao-e-sintese-textualleitura/25175/>>
- \* Definição Bilinguismo. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. [Consulta: 2012-02-23]. <URL: <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/bilinguismo>>
- \* Définition Bilinguisme. In Larousse [Em linha]. Paris, 2012 [Consulta: 2012-02-23]. <URL: <http://www.larousse.com/en/dictionaries/french/bilinguisme>>

## Anexo I

### Transcrição da Entrevista à Dra. Irene Flunser Pimentel:

“O chamado estado Novo não foi assim de repente, portanto nós temos a Primeira República, e depois há um golpe de estado militar em 1926, durante uma quantidade de tempo, há uma luta dentro desse regime militar, sobretudo militar mas que tem alguns civis, para saber o que é que vai dar como regime a seguir. Eu agora não vou explicar isso, mas de 1926 a 1932, podia ir para um lado ou podia inclusive ir para um regime republicano outra vez, porque havia mesmo elementos militares que também queriam isso. Mas, Salazar vai ganhando hegemonia no seio desse regime, sobretudo a partir de quando é Ministro das Finanças, a partir de 1928. É ele que manda, praticamente a pessoa que gere tudo aquilo, e consegue também ter um partido das elites digamos do novo estado, que é ele próprio que arbitra e há todo um processo também que tem de se entender das organizações que existiam na República, republicanos, anarquistas, partido comunista, portanto primeiro há toda uma fase de ilegalização dessas organizações. Até que ele é convidado em 1932 para ser presidente do Conselho de Ministros, chefe do Governo e ele vai não só ser Chefe do governo como vai instituir um novo regime, baseado numa nova Constituição. Ele era muito legalista e portanto a primeira coisa que ele faz é uma nova Constituição em 1933, que tem ainda alguns resquícios liberais parlamentares e por exemplo tem uma dupla cabeça, Presidente da República, Presidente do Conselho de Ministros. Por exemplo, a Presidência da República teoricamente conseguiria sempre nomear ou até demitir o Presidente do Conselho de Ministros, de maneira a que o que é que Salazar vai fazer para instituir uma ditadura do chefe do governo, que era o que na realidade era e a partir de então ele vai sempre ter uma espécie de fantoches na Presidência da República. Por isso mesmo é que há aquela

célebre questão em 1958, quando Umberto Delgado concorre às eleições para a Presidência da República e pergunta o que é que ele faz ao Salazar, ele diz obviamente demito-o. Ele podia, segundo a Constituição de 1933, fazer isso. Por isso é que o Salazar diz que houve uma tentativa de golpe de estado constitucional com as eleições e a partir de agora acabou-se a eleição por sufrágio direto do Presidente da República, porque ele era eleito por sufrágio direto. Mas, além da nova Constituição em 1933, nesse ano, ele vai erguer todo um novo regime e as instituições do novo regime. Primeira coisa que ele faz como qualquer regime ditatorial, uma polícia política, que já existia antes na ditadura militar, mas que fica mais especificada, tribunais militares para julgar os casos políticos, secretariado de propaganda nacional 1933, muito parecido com o ministério da propaganda da Alemanha nazi, portanto todas umas instituições muito parecidas com os fascismos. A partir de 1936, ah e depois ao longo destes anos, a partir de 1935 por exemplo há um saneamento da função pública, retirar tudo que é função pública, elementos que não seriam adaptados ou não seriam apoiantes do novo regime, a classe docente, portanto vão eliminando essas pessoas e em 1936 é talvez o ano do apogeu desse tipo de fascização, é o ano em que é criada a Legião Portuguesa, é uma milícia paramilitar de apoio ao regime, criada a Mocidade Portuguesa e a Obra das Mães pela Educação Nacional, que depois vai criar ela própria a Mocidade Portuguesa Feminina em 1937. Porque no fundo são organizações de filiação obrigatória, as mocidades, porque se entendia com a criação do ministério da educação nacional, que tinha que haver todo um exercício do novo regime para mudar as mentalidades no sentido do novo regime. E para isso tinha de educá-los, o estado tinha de educá-los e não bastava a escola, tinha de ter também organizações de enquadramento. E as organizações de enquadramento, foi um caso muito copiado também do fascismo italiano e da juventude hitleriana alemã, mas com características muito próprias de

Portugal e da ditadura Portuguesa. Uma delas por exemplo é o facto de uma mulher ou de uma rapariga e rapazes estarem completamente separados e dirigidas inclusive por chefias próprias e do mesmo sexo, as senhoras iam criar as meninas e os senhores ... mas para criar essa elite feminina, o Estado Novo entrou de uma certa forma ou a ditadura salazarista entrou numa contradição, tinha de formar uma elite feminina, precisava dela, mas se as mulheres eram educadas para serem futuras esposas, futuras educadoras dos seus filhos com uma função muito maternal, privada digamos assim, o campo privado, enquanto os homens, esses sim iriam para o campo público. Ao mesmo tempo eles tinham de criar uma elite feminina que se dedicasse àquilo e que então ficava solteira e que teria de ter características diferentes do que aquelas que elas ensinavam as jovens. E depois isto gerou uma série de efeitos perversos e até de contradições (...). A Mocidade Portuguesa Feminina acabou por ser uma organização que era de filiação obrigatória, elas queriam no início abranger toda a juventude, do campo, da cidade, operárias. Acabou por ser só uma organização dirigida às escolas e portanto sobretudo às jovens das classes superiores, aquelas que tinham formação e sobretudo aquelas que iam para o liceu, porque o liceu não é como era agora. Também havia, elas já eram enquadradas à nível da escola primária, aí podia haver meninas de várias classes sociais, mas de facto no liceu não, porque o liceu na altura era criado para criar as futuras elites, feminina e masculina e portanto era uma via para a universidade, para os poucos que iam para a universidade, depois havia também as escolas técnicas que eram para os filhos das pessoas mais pobres, que podiam ter um “skill”, uma competência técnica, mas que os colocasse, por isso é que tinham um estatuto inferior às escolas técnicas, é a grande falha quanto a mim do 25 de Abril, (...) Porque é uma sociedade também muito elitista como disse há pouco, portanto cada um estava no seu lugar e tinha a sua função, acho que isso, a minha hipótese de interpretação acho que é

muito...sem mobilidade social e cada um no seu lugar. Claro que depois, eles queriam por exemplo que houvesse um salário familiar, que o homem ganharia e portanto a mulher ficaria em casa, só que os ordenados eram tão maus, que as mulheres nunca deixaram de trabalhar e mesmo assim depois ainda tinham a hortazinha para alimentação e as mulheres sempre trabalharam em Portugal. Só a nível de uma determinada classe social é que elas acabavam por não trabalhar. E a Mocidade Portuguesa Feminina como era dirigida por essas jovens, acabou por ser uma organização elitista. A partir dos anos 60, mesmo assim há uma certa mobilidade social, apesar do próprio regime, a partir dos anos 50, 60 mesmo a própria sociedade portuguesa industrializa-se, deixa de ser só rural, portanto são efeitos alguns queridos pelo próprio regime outros perversos em relação ao que eles queriam. (...) Mas a grande questão é que a própria sociedade modifica-se, começa a haver uma classe média e as próprias famílias querem pôr os seus filhos a estudar e querem pôr as suas filhas a estudar. E é engraçado com a Mocidade Portuguesa Feminina acaba por ser um fator de alguma mobilidade social nos liceus. E há muitas senhoras hoje em dia, que na altura eram meninas, que disseram que tiveram nessa altura acesso a desportos elitistas através da Mocidade. A partir daquele movimento e mesmo assim a própria sociedade reage contra a falta de mobilidade social. Vou dar outro exemplo: por exemplo o Liceu de Filipa de Lencastre é responsável por ter a primeira equipa de vólei e quem a criou foi a Mocidade Portuguesa Feminina. Inicialmente, elas até não queriam vólei, porque achavam que era um desporto demasiado competitivo, masculinizante, as mulheres não devem ser competitivas, mas acabaram por formar até para terem as jovens e graças a isso, a equipa de vólei feminina portuguesa que teve mais sucesso chamava-se As Marias de Portugal, que nasceu na Mocidade Portuguesa Feminina, portanto há estes efeitos perversos.

A minha tese de mestrado foi sobre, comecei por estudar a Obra das Mães pela Educação Nacional, não eu comecei por estudar a mocidade portuguesa feminina porque ninguém tinha ainda pegado, e depois percebi que era fundamental estudar a Obra das Mães pela Educação Nacional, porque afinal era pouco conhecida essa organização, era anterior e foi essa que ficou encarregue e que deu origem à Mocidade e fiz um livro sobre isso que se chama História das Organizações Femininas, mas claro é um livro um pouco árido, porque é uma tese de mestrado. E posteriormente eu fui a Espanha e vi que os espanhóis tinham uma data de álbuns fotográficos da Mocidade lá deles, que era a “Sección Feminina”, masculina e a feminina. Depois mostrei à minha editora, que até veio de Espanha, a Esfera dos Livros (...). Portanto, no fundo era para um bocadinho estudar o lado feminino e ideológico , o que é que aquele Estado Novo quis para as mulheres...

## Anexo II



Susana Roque <susanita.roque@gmail.com>

---

### Bilinguisme, un atout pour une traduction réussie?

2 messages

---

**Susana Roque** <susanita.roque@gmail.com>  
Para: francois.grosjean@unine.ch

19 de Fevereiro de 2012 22:47

Bonsoir,

Je suis une jeune étudiante et traductrice portugaise, préparant mon mémoire de MBA. J'aimerais si possible, bien sûr, avoir votre point de vue au sujet du bilinguisme comme un atout pour une traduction réussie. En ce qui me concerne, je suis convaincue qu'une traduction réussie est seulement possible si le traducteur connaît parfaitement les deux cultures. Quel est votre avis à ce sujet ? Le traducteur doit-il être bilingue ou pas ? La traduction et le bilinguisme sont-ils indissociables ?

Je vous remercie d'avance pour ces renseignements et vous prie d'agréer, Monsieur, l'expression de mes salutations les plus distinguées.

Susana Roque

---

**Francois Grosjean** <francois.grosjean@unine.ch>

20 de Fevereiro de 2012 08:26

Para: Susana Roque <susanita.roque@gmail.com>, Francois Grosjean <Francois.Grosjean@unine.ch>

Bonjour,

Merci de votre message de vos questions.  
Je traite de cette thématique dans deux billets sur mon blog:

<http://www.psychologytoday.com/blog/life-bilingual/201107/desperately-seeking-final-translation>

<http://www.psychologytoday.com/blog/life-bilingual/201109/those-incredible-interpreters>

Pour réussir une traduction,  
il faut avoir d'excellentes connaissances  
des deux langues en question  
ainsi que du domaine traité  
(ex. économie, médecine, etc.).

Si l'on accepte la définition actuelle  
du bilinguisme (l'utilisation régulière  
de deux ou plusieurs langues), alors  
les traducteurs sont bilingues étant donné  
qu'ils se servent de deux langues (source,  
cible) pour faire leur travail.

Bonne continuation à vous  
et bien cordialement.

François Grosjean